

**Preso foge
do hospital
de Caxias
e abandona
no caminho
dois filhos
menores**

Pág. 24



**INCIDENTES EM 742 JOGOS DE FUTEBOL
253 ÁRBITROS VÍTIMAS DE AGRESSÃO**

Pág. 15

Diário de Lisboa

ANO 67

N.º 22 354

Terça-feira, 5 de Maio de 1987

Preço 40\$00

UM ANO DEPOIS DA TRAGÉDIA NA POVOA DE SANTA IRIA

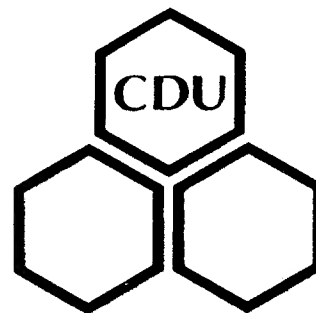


A tragédia, grande, grande, justificou todo o tipo de promessas. Mas um ano depois os familiares das vítimas mortais continuam à espera...

DOZE FAMÍLIAS AINDA ESPERAM INDEMNIZAÇÕES

Julgamento de Alcaface foi adiado para Novembro

**CDU nasceu:
Cunhal diz
que ela é
o "voto útil"**



«A melhor hipótese para um eleitor do PS, se quiser uma alternativa de esquerda, é votar na Coligação Democrática Unitária», sublinhou ontem Cunhal, criticando os socialistas e referindo-se à nova coligação.

Pág. 2



Com Mário Soares ontem em Belém

Constâncio no Congresso da UPSE

**Economia mundial corre riscos
maiores do que em 1980/82**

Fundamentando as suas conclusões num conjunto de dados económicos, Constâncio alertou, no Congresso da União dos Partidos Socialistas Europeus, que a economia mundial se encontra numa recessão porventura mais grave do que a que vivemos no início desta década.

Pág. 3

Enquanto negocia com o CDS



**Santana Lopes
afirma que
o PSD
não exclui
Governo
minoritário**

Págs. 2 e 4



**VIOLÊNCIA AUMENTA NA ÁFRICA DO SUL
EM VÉSPERAS DE ELEIÇÕES BRANCAS**

Págs. 12, 13 e 14

Esclarecimento da CNE

Recenseados de 1987
não podem votar em Julho

A Comissão Nacional de Eleições tornou público um comunicado onde refere que os eleitores que se recensearem este ano pela primeira vez não poderão votar nas eleições legislativas e para o Parlamento de Estrasburgo, a 19 de Julho próximo.

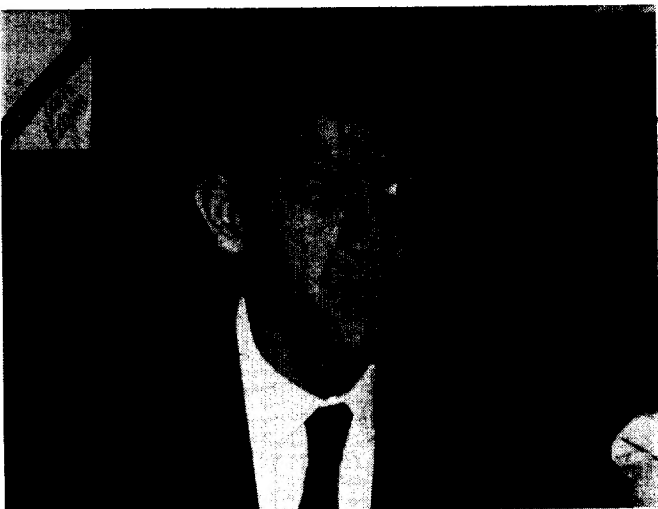
«Nas próximas eleições para a Assembleia da República e Parlamento Europeu devem — diz o comunicado — ser utilizados os anteriores cadernos de recenseamento eleitoral de 1986, com as eliminações a que houver que proceder até 60 dias antes do início do acto eleitoral».

Acrescenta o comunicado da CNE que os cidadãos que no recenseamento deste ano transferirem a sua inscrição, por mudança de residência, devem votar a 19 de Julho na freguesia em

que se encontravam recenseados no ano anterior», não carecendo do cartão de eleitor, «bastando saber o seu anterior número de inscrição».

Só assim, diz ainda a CNE, poderão ser cumpridos os prazos de exposição pública dos cadernos eleitorais e de reclamação do recurso da actualidade do recenseamento, «bem como o princípio da inalterabilidade dos cadernos de recenseamento nos 30 dias anteriores a cada acto eleitoral».

A CNE aprovou ainda, na sua reunião de ontem, o calendário das operações eleitorais e o mapa de distribuição de deputados pelos círculos eleitorais. A única alteração do mapa relativamente a 1986 é a perda de um mandato pelo círculo de Évora a favor de Braga.



Por ter convocado eleições

Hermínio Martinho critica
o Presidente da República

O vice-presidente do PRD, Hermínio Martinho, criticou uma vez mais o presidente da República, Mário Soares, por ter dissolvido a Assembleia da República e convocado eleições antecipadas. Em entrevista à Rádio Renascença, o mesmo dirigente manifestou a convicção de que Mário Soares tinha, desde há muito tempo, a firme intenção de convocar eleições.

Hermínio Martinho disse, porém, que o seu partido não esperava, naturalmente, que o presidente da República se encaminhasse directamente para essa convocação. «Era natural — disse — que o presidente da República desse ao Parlamento a hipótese de apresentar uma alternativa ou então a propusesse em mensagem à Assembleia da República». E concluiu: «Só na impossibilidade de uma alternativa decorrente desses passos é que o presidente da República deveria assumir a posição que tomou».

Entretanto, através de um comunicado distribuído, o PRD acusa o secretário-geral da UGT, Torres Couto, por

ter proferido afirmações de «cariz partidário e eleitoralista» nas celebrações do 1.º de Maio, promovidas por aquela central sindical, em Lisboa. No mesmo documento recorda-se que Torres Couto é membro do Secretariado Nacional do PS, que tinha a seu lado o presidente da UGT e dirigente do PSD, Pereira Lopes, que nas celebrações estiveram presentes membros do Governo e outros dirigentes do PSD e PS, «na sequência das ligações entre os dois partidos».

Os renovadores criticam o facto de Torres Couto ter afirmado, «designadamente, segundo os jornais noticiaram, que existem dois candidatos a primeiro-ministro: Cavaco Silva e Vitor Constâncio». O PRD considera que defender ou sugerir que as eleições são para escolher um primeiro-ministro «significa, além do mais, desvalorizar de modo democrático e incorreto a Assembleia da República, desvirtuar a Constituição e dar a entender que, sempre que um Governo cai, tem de haver novas eleições».

Processo de legalização entregue ontem no Tribunal Constitucional

CDU DEFINE-SE COMO "PROJECTO DE INTERVENÇÃO UNITÁRIA E ABERTA"

«Um projecto de intervenção unitária e aberta» é como os seus promotores definem a nova coligação eleitoral — a CDU, Coligação Democrática Unitária — que ontem ganhou existência formal, com a entrega do processo de legalização no Tribunal Constitucional. Na base da CDU encontram-se o PCP, «Os Verdes» e personalidades políticas independentes, entre as quais vários dissidentes do MDP/CDE. Três hexágonos, disposto em forma de favo de mel, são o símbolo da coligação, que substitui a extinta APU.

Carlos Brito e João Amaral (PCP), Elio Carmona, André Martins e Porfírio Alves Pires («Os Verdes»), Herberto Goulart e Blasco Hugo Fernandes (ex-MDP) e Anselmo Aníbal (independente, integrando o grupo parlamentar comunista) estiveram presentes na entrega do processo de legalização.

Foi Carlos Brito quem, na altura, contactou os jornalistas, divulgando uma nota da Comissão Executiva da CDU na qual se afirma que a nova coligação é «um projecto largo de intervenção eleitoral e unitária e aberta que não se limita aos dois partidos que lhe dão suporte jurídico, mas conta desde já com a participação de numerosos democratas com intervenção pública destacada na vida política, sindical, autárquica, cultural, artística e científica do País».

A CDU vai concorrer tanto às próximas eleições legislativas como às para o Parlamento Europeu, não tendo sido revelados, para já, mais pormenores sobre a coligação, os quais foram reservados para uma conferência de Imprensa — a primeira — a realizar no próximo dia 8, na véspera do primeiro comício da nova formação política, a realizar no cinema Alvalade no dia 9.

«Um enriquecimento e um alargamento»

Alvaro Cunhal, em entrevista, à noite, aos microfones da Rádio Comercial, anunciou que nas listas da CDU vão figurar «alguns dos mais destacados ex-dirigentes do MDP» que discordaram da «nova orientação» daquele partido e defendeu que a nova coligação «tem como objec-

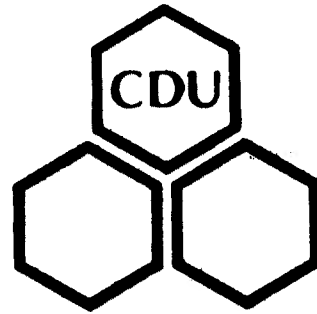
tivo prosseguir a política unitária do PCP» e, em relação à ex-APU, representa «um enriquecimento e um alargamento».

Numa outra ocasião, também ontem, Cunhal disse que «a APU acabou porque a direcção do MDP/CDE quis seguir outros caminhos, mas a corrente unitária do PCP continua na Coligação Democrática Unitária».

Críticas aos socialistas

O secretário-geral do PCP falava numa conferência de Imprensa dada no intervalo da reunião do Comité Central do PCP, que ontem terminou, e que foi convocada para analisar problemas relativos às eleições.

O Partido Socialista foi alvo de referências críticas por



parte de Alvaro Cunhal que classificou o voto útil nos socialistas como «perigoso» porque, na sua opinião, «conduz a um Governo de direita e não a uma convergência da esquerda».

«A melhor hipótese para um eleitor do PS, se quiser uma alternativa de esquerda, é votar na Coligação Democrática Unitária», sublinhou.

Segundo o líder comunista, os princípios defendidos pelo PS de «bipolarização», «alternância» e «hegemonia de esquerda», «só dificultam a formação de uma alternativa a um Governo de direita». E concluiu: «Como o único partido que defende a convergência dos partidos democráticos é o PCP, o voto útil é na CDU».

Como primeiro objectivo dos comunistas para as próximas eleições, definido pelo Comité Central, Cunhal disse ser «derrotar a direita e impedir uma maioria PSD/CDS, que constituiria um perigo muito sério para a democracia».

Como segundo objectivo, Cunhal indicou a formação «de um Governo com os partidos democráticos no seu conjunto, já que nenhum deles isolado pode conseguir a maioria». Terceiro objectivo: alcançar «uma grande votação no PCP e nos democratas», já que o reforço dos comunistas «é uma condição indispensável para derrotar a reacção e impedir uma aliança entre o PS e a direita».

Na entrevista à Rádio, Cunhal acrescentaria ainda que é «um absurdo» pensar que o PSD poderá ter maioria absoluta, «por muita manipulação que faça, e está a fazer».

Criticou, também, a decisão do Presidente da República de convocar eleições e manter em gestão o Governo de Cavaco Silva, afirmando que foi uma «generosidade excessiva» e que Mário Soares acedeu às quatro condições do PSD.



PSD e CDS concorrem separados

Por vontade dos sociais-democratas, que não dos centristas, o PSD e o CDS vão concorrer separados às próximas eleições, mas não excluem, desde já, um entendimento pós-eleitoral que dê forma a uma maioria parlamentar. Estas as conclusões saídas de um encontro ontem, em Lisboa, entre delegações dos dois partidos chefiadas por Eurico de Melo e por Adriano Moreira.

Durou cerca de três horas o encontro na sede centrista e, no final, foi anunciado que outros se irão realizar, antes das eleições, com a finalidade de abordar temas como a revisão constitucional, as reformas estruturais da sociedade portuguesa e o novo perfil de Portugal depois da adesão à CEE.

Eurico de Melo, falando aos jornalistas, revelou que «foram trocados pontos de vista sobre a forma de obter um novo quadro parlamentar, com o objectivo de prosseguir princípios nacionais comuns».

Por sua vez, Adriano Moreira, que abandonou a reunião

antes do seu termo para seguir para um encontro internacional em Madrid, disse que «partia com tranquilidade» uma vez que «os dois partidos concordaram na necessidade de conjugar esforços para obter uma mudança qualitativa que consiga a modesta proeza de um Governo de legislatura».

Eurico de Melo acrescentaria que qualquer entendimento entre os dois partidos iria depender dos resultados eleitorais, pelo que era ainda cedo para se afirmar que estava feito qualquer acordo.

Por sua vez, Fernando Seara, secretário geral do CDS, esclareceu que o facto dos dois partidos concorrerem isoladamente se deve ao «PSD não considerar oportunas listas conjuntas».

A delegação do PSD integrava, além de Eurico de Melo, Fernando Nogueira, Dias Loureiro e António Capucho, e a do CDS, Adriano Moreira, Fernando Seara, Gomes de Almeida e Anacoreta Correia.

Eleições plebiscitárias

A campanha eleitoral já começou, já domina a nossa vida social e política. Os partidos deitam contas à vida, reconsideram estratégias, escolhem «comissões técnicas», fixam palavras de ordem, estudam projectos de campanha, calculam os respectivos custos.

A decisão do Presidente da República não surpreendeu a «direita» e deu-lhe satisfação; na diversificada área da «esquerda», se não foi grande a surpresa, foi enorme a decepção. Aqueles que consideraram a decisão injustificada, apesar das ponderadas justificações do Presidente da República, contabilizaram a desilusão inserindo-a numa sequência. Por três vezes, o Presidente desiluiu os seus eleitores. E quer no caso da Lei da Rádio quer no caso da dissolução da Assembleia da República, as decisões presidenciais, por muito que tenham sido tomadas «em consciência», viram-se rodeadas de vastas campanhas de pressão, de uma tenebrosa manipulação dos órgãos de Comunicação Social, de imperativas e ameaçadoras declarações bélicas: de guerras de religião, de guerrilhas patronais.

As decisões surgiram como cedências e configuraram cálculos estratégicos, apesar da decisão da dissolução do Parlamento ter sido anunciada em público — ao público que é o povo soberano — com uma serenidade pedagógica e a solenidade necessária. Que a forma — a justificação argumentada e o espectáculo televisivo — não nos dispensem da análise do conteúdo e da previsão das suas consequências. Falemos, inclusivamente, de consequências previsíveis para o mandato presidencial de Mário Soares.

Fixemos um ponto importante: o Presidente da República desautorizou a Assembleia da República, e não se limitou, o que já teria sido excessivo à **censura** ao partido que apresentou a «moção de censura». Mas, o que também é significativo, o Presidente da República desautorizou opiniões suas que, aliás, na sessão parlamentar comemorativa do 25 de Abril lhe foram recordadas cruelmente pelo deputado Hermínio Martinho. E, num caso e no outro, ficou mais «dependente» do Partido Social Democrata (PSD) para encontrar uma futura solução política dado que terá de dar resposta a uma de três situações.

Primeira hipótese: O Partido Social Democrata

consegue, nas eleições legislativas de 19 de Julho próximo, atingir a maioria absoluta. Nos termos constitucionais será Governo. O relacionamento institucional e a própria função presidencial ficarão dependentes da vontade política de Aníbal Cavaco Silva. A Assembleia da República será sucessivamente posta perante factos consumados. A revisão constitucional será uma batalha arrastada.

Segunda hipótese. O Partido Social Democrata consegue uma vitória eleitoral que, mesmo com melhoria percentual, lhe renova apenas a condição de partido com a maior representação parlamentar. Alia-se ao CDS? Ou repetirá a fórmula de «Governo social-democrata» homogéneo? Em qualquer dos casos ficará à mercê de um aliado débil ou à mercê de um voto de censura. Se contrair aliança com o CDS teremos um «Governo do bloco de direita», o que pode ser inconveniente para o PSD como partido; na outra hipótese teremos um «Governo minoritário» condenado imediatamente ou a prazo.

Terceira hipótese: Sendo o PSD o maior partido parlamentar mas apresentando-se ao Parlamento como «Governo minoritário» corre o risco de lhe não ser suficiente o apoio parlamentar do CDS, e, consequentemente, de a «crise» se verificar logo pela recusa do Programa de Governo. A não viabilização de um novo «Governo minoritário» depõe nas mãos de Vítor Constâncio a chave da solução política.

Além da fé em si próprio, Aníbal Cavaco Silva esgrime dois argumentos. Afirma que governou bem, o que as oposições (todas) contestam. Agita o perigo do Partido Comunista entrar na «área do Governo», argumento este a que as oposições mais próximas do Poder — o PS, o PRD —, realmente, parecem sensíveis. E, o que é muito grave, não só por razões de um peregrino conceito de equilíbrio político e de estabilidade, como sob a influência de recados ou insinuações vindos de além-fronteiras. Em certa medida é a autenticidade democrática que não é respeitada, é a independência nacional que vem sendo posta em causa. País soberano, o nosso Portugal, tem que ser governado por portugueses capazes de resistir a pressões, recados, influências, solicitações, promessas aliciantes ou corruptoras.

A campanha eleitoral começa em pleno equívoco político: a **censura** que foi **censurada**. E, até onde a vista alcança, vai desenrolar-se, com alguma aspreza, num clima **revanchista**. O Partido Social Democrata, apesar de um CDS e laminando o CDS, vai de-

envolver uma campanha bem oleada pela conquista do «poder absoluto» e converter-se no «instrumento político da direita». O veemente apoio das confederações patronais, como, tanto a CGTP como a UGT reconheceram, aponta nesse sentido. Os que sonharam, e mesmo no seio do Partido Socialista preconizaram, um «rotativismo», verão desfeitas as suas ilusões. O crescimento do PSD não virá ter correspondente alternativo num proporcional crescimento do PS. À «direita» teremos **um partido**; à «esquerda» subsistirão **vários partidos**; à «direita», sob a liderança de Aníbal Cavaco Silva, verificar-se-á **um processo unificador**; à «esquerda» está vedado a Vítor Constâncio esse papel, por razões objectivas e subjectivas; tudo leva a crer que persistirá **um processo de diversificação**.

Perguntam-se alguns se o Centro Democrata Social (CDS) resistirá a esta campanha eleitoral depois de a coligação com o Partido Social Democrata (PSD) ter sido por este recusada? Perguntam-se outros se o Partido Renovador Democrata (PRD) manterá as suas posições uma vez que na campanha eleitoral vai ser submetido ao fogo convergente do PS e do PSD? Os resultados eleitorais, e não as sondagens de universo restrito, darão a estas interrogações a resposta conclusiva. E o que sucederá às forças que, com o Partido Comunista, constituíam a APU? Fora da nova CDU, qual o destino do MDP?

Uma coisa é certa: o PSD estava preparado para disputar eleições legislativas antecipadas. E sob vários aspectos: determinação interna, coesão militante, quadros operacionais, meios materiais, aproveitamento da situação governativa, controlo da Comunicação Social. O projecto político de Aníbal Cavaco Silva condiciona-o à conquista de **uma maioria parlamentar** e não o satisfaz com uma qualquer coligação. Nem com o CDS, nem com o PS, nem com o PRD. Nestas eleições antecipadas pretende obter uma votação favorável contra a maioria parlamentar que lhe era opositora. Pretende desautorizar politicamente e reduzir numericamente as oposições. Esta é, no fundo, a questão: as eleições são uma consulta plebiscitária sobre o mérito de Aníbal Cavaco Silva e do seu Governo.

Se o líder do PSD conseguir a vitória absoluta, Mário Soares poderá considerar-se derrotado.

Não nos advertiu já Vítor Constâncio que as eleições de 19 de Julho seriam a terceira volta das eleições presidenciais?

Alerta de Constâncio no Congresso da UPSE

ECONOMIA MUNDIAL OUTRA VEZ EM RECESSÃO

Augusto Vilela

Vitor Constâncio, o homem do Sul que ontem foi eleito presidente da União dos Partidos Socialistas Europeus, alertou no encerramento do primeiro dia de trabalhos para o risco em que a economia mundial se encontra de uma recessão «proventura mais grave do que a que vivemos em 1980/82». Risco enorme, foi mesmo a expressão usada pelo dirigente socialista. Constâncio fundamentou as suas afirmações num conjunto de dados económicos já visíveis, como os défices americanos e a queda do dólar que limitaram o acesso das exportações europeias aos mercados americanos, bem como a redução dos mercados dos países produtores de petróleo e de outras economias cujo endividamento reduziu igualmente as importações. O secretário geral do Partido Socialista lembrou que o efeito da baixa do petróleo foi um efeito que se verificou de uma vez só, fez subir os nossos rendimentos mas não se repetira. Por outro lado o aumento das taxas de juro dos Estados Unidos vai travar os investimentos. «Todos os factores estão presentes e actuam todos no mesmo sentido — uma grande recessão económica».

Esta intervenção de Constâncio ia aliás de encontro ao teor de praticamente todas as

intervenção e que dominam os trabalhos deste congresso. «Nunca houve outro momen-

to em que fosse tão necessário o relançamento da economia europeia e também do Japão», sublinhou Vitor Constâncio, o técnico e o economista sobrepuja-se ao dirigente político mas as suas palavras estavam em consonância com aquilo que foi dito por todos os partidos sobre as razões que justificam no momento actual uma política de expansionismo. Esta é de resto a orientação da política económica por eles definida, sob o lema «unidade da Europa pelo emprego e pela paz, expressa na resolução deste IV. Congresso da União dos Partidos Socialistas da Comunidade Europeia, divulgada esta manhã.

Expansão Coordenada

Numa Europa comunitária com 16 milhões de desempregados recenseados e milhões de jovens e mulheres vivendo sem horizontes só profundas reformas podem trazer a solução.

A resolução dos partidos Socialistas Europeus aprovada no

Estoril dá «prioridade ao emprego e salvaguarda do sistema social» no pressuposto de que «o essencial das riquezas naturais de que dispõe a Comunidade Europeia para ultrapassar este desafio, reside no aproveitamento das capacidades de trabalho, de criação e de inovação do povo trabalhador possibilitando uma melhor formação».

Os socialistas condenam «as políticas económicas miopes e conservadoras, levadas a cabo na maior parte dos estados membros» e o desmantelamento dos direitos sociais adquiridos, «duramente conquistados às custas de grandes sacrifícios humanos» e entendem que a destruição do tecido social provocado pelo cancro do desemprego em massa, geram um sentimento de frustração e impotência que «conduzem à apatia ou à colera e à violência, ameaçando desestabilizar a democracia».

Por tudo isso concluem os socialistas europeus que, se a Europa quer fazer face ao desafio criado pelas principais

consequências da situação económica actual, caracterizada pelo desemprego massivo, estruturas industriais inadaptadas e ameaça de uma deterioração acrescida dos sistemas de proteção social, «ela deve por em prática uma política de expansão económica».

Para isso preconizam uma expansão económica coordenada, diversificada e selectiva na Europa cujas estruturas industriais existentes «estão inadequadas».

Sustentam também a estimulação do investimento público e privado nos membros da Comunidade Europeia, convencidos de que «se os países Europeus decidirem aumentar conjuntamente os investimentos públicos, metade das despesas públicas daí resultantes serão recuperadas ao fim de, quatro anos devido à progressão das receitas fiscais e à redução das transferências públicas» a integração monetária europeia é no entanto considerada uma condição essencial para o relançamento económico efectivo com o estabelecimento de

taxas de câmbio fixo na comunidade. «só um sector monetário estável pode reduzir suficientemente ao mesmo tempo as diferenças nas taxas de inflação, promover o comércio, contribuir para o relançamento económico e portanto criar empregos».

Felipe Gonzalez e a Modernização

O presidente do governo Espanhol, Felipe Gonzalez, chegou esta manhã ao Estoril, na sua qualidade de secretário geral do PSOE. Foi recebido por Vitor Constâncio. A sua chegada provocou uma certa expectativa, mas quando entrou na sala os trabalhos não sofreram qualquer interrupção.

Pouco depois Felipe Gonzalez fazia a sua intervenção, um discurso relativamente longo, de improviso, naquele estilo comunicante e convincente que o caracteriza e que foi uma das armas que o levou ao poder.

Falou essencialmente dos desafios que se colocam aos

Continuação da pág. 4

"Sem adversários"

PSD NAO EXCLUI GOVERNO MINORITÁRIO

Aurea Sampaio

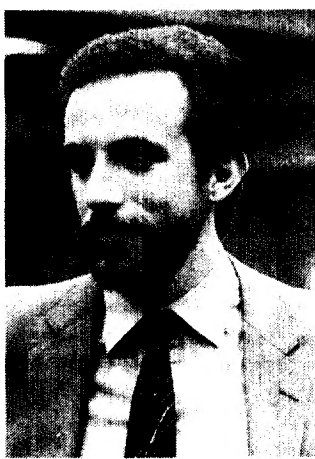
«Não vamos dar a ninguém o privilégio de ser o nosso adversário». A afirmação parece arrogante, mas Pedro Santana Lopes, o convidado do pequeno almoço de hoje do «Méri-dien», recusa de imediato qualquer interpretação nesse sentido. Pelo contrário, assume um certo ar contrafeito quando explica que tal se deve ao «grande problema ideológico que se vive na esquerda».

Em seu entender, esta situação é grave não só porque acarreta uma orfandade de liderança que não estimula a competição essencial às batalhas políticas, como também porque impede a formação de alternativas. Ora «o sistema só faz sentido se for competitivo». Exemplifica com a «hegemonia» dos socialistas espanhóis — mas ali a «crise» é da direita — para reforçar a sua tese pró-bipolarização. Mas no essencial, o que se nota é que o PSD prossegue a miragem da maioria absoluta. Com uma certa discrição, é certo, porque está ainda viva a desolação que foi a derrota de

Freitas do Amaral, mas a verdade é que os sociais-democratas «vão lutar para que o país tenha uma maioria estável».

O secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, um jovem quadro da distrital de Lisboa em que Cavaco Silva apostou e que se diz ser hoje um dos principais estrategos do partido, consegue iludir com notável diplomacia todas as perguntas que procuram ir mais longe na estratégia de relacionamento que o seu partido pretende ter com o CDS.

Talvez porque os centristas, com uma percentagem de



3% por cento nas intenções de voto, segundo uma sondagem que o próprio Santana Lopes revela aos jornalistas, podem tornar-se apesar disso uma força subitamente grande... se deles vier depender a formação de um Governo social-democrata. Também porque Cavaco Silva tem feito um certo apelo e um certo charme ao eleitorado moderado que pode não ver com bons olhos a hipótese de uma coligação pós-

-eleitoral com os democratas-cristãos. Finalmente, porque os sociais-democratas acreditam que a maioria absoluta é possível ou que podem ficar tão perto dela que «não está excluída pelo partido a hipótese de um Governo minoritário». Mas «se acontecer qualquer coligação é o nosso programa que vai ser posto em prática», desde já garante Santana Lopes como que a evitar as tentações do seu ex-parceiro da Aliança Democrática.

Certo de que o seu partido vai sair vencedor da batalha de 19 de Julho, o secretário de Estado não deixa de mandar um «recado» para o Partido Socialista e, porventura, para toda a esquerda: «Deve governar quem ganhar as eleições».

Seja como for o PSD vai dar tudo por tudo na campanha «porque é decisiva» e nela «não se podem cometer erros». Quanto às listas Santana Lopes garantiu que vão integrar gente da chamada esquerda liberal, bem como militantes que têm estado afastados do partido.

PR recebe delegação luso-brasileira

O presidente da República, Mário Soares, recebeu ontem uma delegação luso-brasileira que lhe apresentou um projecto de incremento das relações económicas entre os dois países.

A delegação, chefiada pelo vice-presidente da Fundação Cultural Brasil-Portugal, Hildegardo Noronha, deu a conhecer ao chefe do Estado os objectivos do projecto, cujos primeiros passos estão a ser dados com a condução de dois estudos teóricos aprofundados sobre as economias dos dois países. Pela parte portuguesa, estes estudos

estão a ser coordenados pelo ex-ministro das Finanças Hernani Lopes e realizados pelo Centro de Estudos Europeus. No que diz respeito aos brasileiros, a investigação está entregue à Fundação Getúlio Vargas.

De acordo com declarações à imprensa de Hildegardo Noronha, estes estudos conjuntos têm por objectivo fornecer uma base de apoio para os empresários dos dois países que queiram entrar em «joint-ventures», em Portugal ou no Brasil, e estarão concluídos no final do ano.

Constância no Congresso da UPSE

Continuação da pag. 3

Europeus, da situação económica e afirmou que o desenvolvimento não se pode fazer à custa das economias mais pobres.

«A Europa, disse o líder socialista Espanhol, pode começar a nova ordem internacional, mas não é capaz de o fazer sem encontrar a solidariedade dentro das suas próprias fronteiras».

Disse depois, e quase a terminar, que não é fácil por vezes para os socialistas democráticos o diálogo com a sociedade mas que à factores que no entanto ajudam os socialistas.

«Somos os únicos capazes de compreender que faz falta acertar o desafio tecnológico e de modernização e somos os únicos capazes de compreender que isso não pode fazer-se à

custa da marginalização de uns 30 por cento da sociedade. E somos capazes de compreender também que isso não pode ser feito sem diálogo com os interlocutores sociais. Filipe Gonzalez dirige também críticas à esquerda, afirmando a necessidade de superar alguns atavismos: «os conservadurismos ideológicos de esquerda».

«É possível manter uma prática de solidariedade ao mesmo tempo que se aceita o desafio tecnológico. Temos de ser capazes de transmitir a aceitação deste desafio de competitividade, de modernidade e ao mesmo tempo de solidariedade entre os homens da Europa e entre os povos».

Felipe Gonzalez seguiu no final da sessão, após uma conferência de imprensa, para o Palácio de Belém, onde almoçou com o presidente Mário Soares.

Juventude Socialista quer quatro deputados

A Juventude Socialista (JS) vai pedir ao líder do PS, Victor Constância, a integração de cinco jovens socialistas em lugares elegíveis nas listas de deputados. A decisão foi aprovada na reunião da comissão política.

De acordo com a vontade da JS, os cinco jovens a eleger devem pertencer preferencialmente aos distritos de Lisboa, Setúbal, Coimbra e

Leiria. A JS vai reivindicar também a participação de militantes seus nas listas de deputados candidatos ao Parlamento Europeu.

Em declarações à «Lusa», um dirigente da organização esclareceu que a próxima campanha eleitoral para as Legislativas «tem de ser marcada por um discurso político novo, virado essencialmente para a juventude».

Comunidade Internacional pressionará a China a respeitar acordo sobre Macau

— diz consultor de Belém

A China será pressionada pela comunidade internacional a respeitar o acordo relativo à transferência de Macau, no caso de a sua actual política reformar vir a sofrer alterações, indicou em Braga um consultor da Presidência da República.

Carlos Gaspar, membro da delegação portuguesa que em Pequim negociou o acordo de transferência do território ma-

caense, analisou em detalhe as conversações luso-chinesas ao intervir na sessão de abertura dos «Colóquios-87», promovidos pela Universidade do Minho.

O consultor de Soares frisou que Portugal «não estava obrigado a negociar com a China», mas seria imprudente que não o fizesse, porque estaria a pôr em causa a política de Pe-

quim para com os territórios que se encontram numa situação autónoma mas são considerados parte integrante do todo chinês: Macau, Hong Kong e Formosa.

Esta manhã, o dirigente do CDS, Anacoreta Correia, abor-dou o papel de Portugal como potência administrante de Timor-Leste. Este deputado do CDS visitou, recorde-se, o ano passado, aquela antiga co-

lónia portuguesa a convite da potência ocupante, a Indonésia.

A tarde, terá lugar um debate sobre os exemplos de Macau e de Timor-Leste no processo de descolonização das antigas colónias portuguesas.

Os colóquios encerram quinta-feira com a presença do ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda.

PromoEventos
apresenta em Lisboa

EXTRA



totalmente demais

CAETANO VELoso

COLISEU

HOJE 22-Horas

Patrocínio

consórcio nacional promogruppo

Apoios

polygram bonança VARIO

HOTEL MERIDIEN

Radio Comercial

central tours

Batuta

SANTINHO

Som e Luz

CONCERTO

Reserva de bilhetes nas instalações da CN-Promogruppo
Venda no Caliseu e Agências

Espanhóis propõem novo trajecto de comboios entre Lisboa e Madrid

Portugal ver-se-á obrigado a alterar o actual percurso de ligação férrea entre Lisboa e Madrid, pondo a funcionar a variante Évora-Caia, se de facto, as autoridades portuguesas considerarem que é essa uma prioridade viável.

A proposta veio de Espanha, na decorrência da aprovação pelo governo espanhol de um Plano de Transporte Ferroviário, que prevê diversas acções e investimentos de 2,1 biliões de pesetas até ao ano 2000. A informação foi ontem prestada pelo próprio ministro dos Transportes e Comunicações espanhol, Abel Caballero.

Em tal contexto surgiu a vontade espanhola de alterar a presente circulação ferroviária até à fronteira, portuguesa num novo trajecto que poderá utilizar a sequência Madrid-Ciudad Real-Sadajoz, com comboios que viajarão a 160 quilómetros por hora. Pensa-se no país vizinho que a alternativa permitirá reduzir o tempo de deslocação entre as duas capitais da península em mais de quatro horas.

Pouco espaço de manobra decisória é deixado às autoridades portuguesa, tudo dependendo de negociações entre ambas as partes e de eventuais subvenções comunitárias, já que o projecto de reestruturação espanhol, como aliás o português, bastante atrasado, se insere num contexto de exigências europeias em termos de comunicações ferroviárias. Sabe-se já, no entanto, que da nossa parte existem «algumas divergências» quanto a opções e calendários.

Portugal arrisca-se mesmo a ter de depender de Espanha em tudo este processo. Para apenas dar um claro sinal da disposição espanhola, há a intenção de construir uma nova via entre Madrid e Sevilha, donde partirá precisamente o futuro eixo Madrid-Lisboa (desde Brazatortas, província de Ciudad Real)-Lisboa caso os acordos sejam possíveis. Trata-se, portanto, de uma obra de fundo, a que muito dificilmente os espanhóis aceitarão renunciar.

A presente ligação Vilar Formoso-Medina del Campo, que proporciona os acessos entre a cidade de Lisboa e de Madrid, desejariam os espanhóis que não fosse desactivada, tornando-se então possível renovar o eixo entre Medina e Irun.

Portugal: investimentos cresceram

Embora exista realmente uma coordenação de projectos e obras em curso entre Portugal e a Espanha, no âmbito da Comissão Mista de Transportes, também é verdade que se têm feito poucos avanços, devido às posições portuguesas. No entanto, e segundo o que informou ontem o ministro

das Obras Públicas, oliveira Martins, as nossas carências aligeiraram substancialmente.

Disse aquele governante que em 1986 e 1987 os investimentos em infra-estruturas de transportes cresceram 50 e 20 por cento, relativamente a cada um dos anos anteriores. Este ano esses investimentos atingiram os 60 milhões de contos, segundo as suas palavras um «crescimento sem paralelo no passado, repartido por estradas, vias-férreas, portos e aeroportos, ontem tem sido executada uma acção devidamente coordenada».

Seja como for, disse ainda o ministro, na sessão inaugural do I Congresso da Federação Portuguesa de Transportes, que o sector revela em Portugal «uma debilidade que só pode ser ultrapassado por iniciativas das empresas, por um claro entendimento das organizações representativas dos trabalhadores e por uma política esclarecida da parte do Estado».

Oliveira Martins não deixou, apesar de tudo, de lembrar que a política comum dos transportes decorrendo do Tratado de Roma, que instituiu a Comunidade Europeia, condiciona as decisões internas portuguesas: «Há soluções de compromisso que se terão de buscar não só no plano interno como, ainda, no plano internacional.» A ver vamos.

Estação central em estudo para Lisboa

Decisão interna foi por exemplo a de instalar um sistema de controlo automático de velocidade nos 340 quilómetros da linha do Norte, como «resposta imediata», nas palavras de Américo Ramalho, funcionário das Relações Públicas da CP, às críticas de «incapacidade de superação das deficiências» na linha suburbana Lisboa-Azambuja.

Quem as formulou foi o presidente da Câmara de Vila Franca de Xira, por, quase um ano depois do acidente ferroviário da Póvoa de Santa Iria, onde perderam a vida 19 pessoas, nenhuma medida se ter tomado. Ei-la, agora, que surge, envolvendo um investimento na ordem dos 2,5 milhões de contos.

O edil de Vila Franca, Daniel Branco, frisou em comunicado à imprensa que «a situação do suburbano Lisboa-Azambuja não apresentou nenhuma melhoria, antes se tendo degradado ainda mais o serviço prestado pela CP».

Américo Ramalho, pelo lado da empresa acusada, considerou que a única solução de fundo para o problema daquela exploração «é a construção de uma nova estação central em Lisboa, que está em estudo e é um projecto de médio a longo prazo».

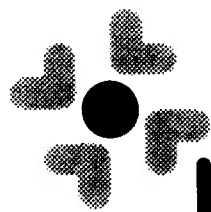
SEMINÁRIO SOBRE GESTÃO ESCOLAR

A Comissão de Reforma do Sistema Educativo promove nos próximos dias 7 e 8, no Salão Medieval da Universidade do Minho (Braga) um seminário sobre a gestão do sistema escolar.

O seminário conta com a participação de Maria do Carmo Clímaco, João Formosinho, António Sousa Fernandes, Licínio Lima, Maria José Rau e António Almeida Costa, e é aberto a professores, membros dos conselhos directivos, membros de associações de pais e de estudantes, vereadores do pelouro da educação das autarquias locais, entre outros interessados.

Serão apresentados e debatidos temas como a situação actual da gestão das escolas básicas e secundárias, inovação burocrática e resistência à mudança, linhas gerais da organização e gestão escolar na perspectiva da Lei de Bases, distribuição de competência entre a administração central, regional e local e apresentação de modelos para os vários níveis de ensino.

Este é o quinto seminário organizado pela Comissão de Reforma do Sistema Educativo, os quais contaram já com a participação de mais de dois mil professores e técnicos de educação de todo o País.



JNICT

junta nacional de investigação científica e tecnológica

JORNADAS NACIONAIS DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

Lisboa, Forum Picoas, 11 a 15 de Maio de 1987

As Jornadas Nacionais de Investigação Científica e tecnológica, a realizar de 11 a 15 de Maio de 1987, no Forum Picoas, em Lisboa, sob o patrocínio da JNICT, pretendem constituir um momento de reflexão e prospectiva, aberto e participado, sobre a actividade científica e tecnológica nacional.

As Jornadas irão colocar à discussão da Comunidade Científica e Tecnológica e das Instituições de I&D, propostas de programas dinamizadores da Investigação Científica e Tecnológica com vista à sua definição e ao estudo das modalidades de execução.

As Jornadas contam com contributos provenientes de todos os sectores de investigação que integram o Sistema Científico e Tecnológico Nacional (Ensino Superior, Estado, Empresas, Instituições Privadas sem fins lucrativos).

Do programa das Jornadas constam sessões sobre os seguintes temas:

- Ciências e Tecnologias do Mar
- Microelectrónica, Robótica e Informática
- Biotecnologia
- Ciências e Tecnologias dos Materiais
- Investigação Científica Tropical
- Imunologia e Genética Molecular
- Ciências Agrárias
- Energia
- Fusão e Plasmas
- Matemáticas Aplicadas
- Astronomia e Astrofísica
- Ciências da Terra
- Acústica
- Física das Altas Energias e Instrumentação Associada
- Óptica e Optoelectrónica
- Mecânica Computacional

Serão ainda objecto de reflexão nas Jornadas os seguintes temas horizontais:

- Ensino das Ciências
- Informação Científica e Técnica
- Recursos Humanos em Ciências Básicas e Ciências Sociais e Humanas
- Transferência de Tecnologia
- Universidade, Indústria e Inovação
- Programa FAST (Previsão e Avaliação em Ciência e Tecnologia)
- Regionalização da Ciência e Tecnologia
- Programa - Quadro de Investigação Científica da CEE

Apela-se à participação nas Jornadas de todos os interessados

Comissão Executiva das Jornadas de Investigação Científica e Tecnológica
JNICT — Av. D. Carlos I, 126 — 1200 LISBOA
Telef: 67 77 12 - Tlx: 12290 JNICT P - Tlfax: 67 87 22

Além dos sonhos interrompidos na carruagem da juventude

UM ANO DEPOIS DO DESASTRE DA PÓVOA HÁ 12 FAMÍLIAS SEM INDEMNIZAÇÃO

Julio Rodrigues

A tragédia da Póvoa de Santa Iria foi há um ano. Passavam escassos minutos do meio-dia de 5 de Maio de 1986, quando, inexplicavelmente, dois comboios chocaram na Estação da Póvoa de Santa Iria. Resultado: vinte mortos e cerca de uma centena de feridos. Destes, 21 em estado grave. Passado um ano, nem todos estão completamente recuperados. Há aqueles cujas sequelas se mantêm vivas, agarradas a um dia que destruiu a juventude do concelho de Vila Franca de Xira. Um deles viu a carreira de bailarino — o seu grande sonho — interrompida. A perna (esquerda) que perdeu no desastre não lhe permite desenvolver a outra faceta que a arte lhe reservava: o teatro. Luís Lamanha Rodrigues, residente em Alverca, 22 anos, disse-nos ontem, friamente, em sua casa: «Antes isto que morrer».

Vinte pessoas morreram, há um ano, no último grande acidente ferroviário em Portugal. Os familiares de doze delas, com o apoio jurídico da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, têm-se movimentado desde então para que a CP os indemnice, de acordo com os critérios que normalmente se não discutem nem se regateiam. Só que os Caminhos de Ferro Portugueses — EP têm bitolas próprias que também querem impor neste caso. Os familiares discordam ou pelo menos têm discordado, e o tempo passa. Acusam a CP de apostar na diluição do tempo, de ser mesquinha ao ponto de lhes avivar permanentemente os familiares perdidos, esse fatídico dia — para o concelho de Vila Franca de Xira essencialmente — 5 de Maio de 1986. Faz hoje um ano. Quem não se lembra? (Faz hoje um ano. Por isso, muitos deles, muitos dos familiares dos jovens que pereceram na tragédia da Póvoa de Santa Iria, no concelho de Vila Franca de

Xira, mandaram rezar missa por sua alma, esta manhã. Por isso, haverá, logo à tarde, em Alverca e em Alhandra, missa mandada orar em memória das vítimas daquela vila ribatejana às portas de Lisboa. Por isso, um dos temas dominantes das conversas, esta manhã, nos tranvias da zona, era o desastre da Póvoa de Santa Iria.)

Há um ano, a morte viajou na carruagem da juventude. Na última carruagem do tranvia que um quarto de hora antes havia saído de Vila Franca de Xira e se dirigia para Santa Apolónia. Como antes, e depois, muitos jovens haviam tomado o comboio n.º 2824, que deixa Vila Franca às 11.53. Na última carruagem viajavam jovens estudantes de Vila Franca, Alhandra, Alverca e Póvoa de Santa Iria. Parou na Póvoa e devia deixar passar o «rápido» da Covilhã. Subitamente, este embateu na última carruagem do tranvia. As imagens captadas depois do cho-

que são eloquentes, falam por tudo.

Não há dinheiro que pague a sua vida

Vitorino António Salgueiro Raposo não trabalhou esta manhã. Nem ele nem a esposa, que veste luto fechado desde há um ano. Foram à missa por alma da filha, Florbela Fátima Raposo que, se fosse viva faria dentro de dias 19 anos. «Ninguém sabe a revolta que me vai ca'dentro», disse ontem em sua casa (na Rua Brigadeiro Alberto Fernandes, em Alverca).

(Pedi uma indemnização de oito mil contos à CP. Fê-lo não a pensar em si, como no-lo disse, mas nos outros. Para que os Caminhos-de-Ferro Portugueses tomasem medidas, sobretudo medidas de segurança, para que acidentes destes não se repiam).

«Não há dinheiro que pague a vida de um filho. Não há dinheiro que pague a vida da minha filha, uma filha exemplar, como todos os outros que morreram nesse dia. Eu quase não acredito que isso tenha acontecido. Mas levanto-me, todos os dias, e não a vejo. Ela está dentro de nós, está aqui em casa, mas não vive, nunca mais a vimos. Mas ela está dentro de nós e em todas as paredes desta casa», acrescentando, apontando para uma das muitas fotos da Florbela Raposo, que ainda não tinha decidido o curso que gostaria de tirar. Estava no 12.º ano e estudava em Chelas.

Vitorino Raposo e a mulher lembram-nos ontem que há um ano, precisamente há um ano, correram os hospitais (de Vila Franca e Santa Maria) à procura

da filha. Ele, inicialmente, nem acreditou que a filha estivesse entre as vítimas. «Porque ela — frisa — nunca viajava na última carruagem. E quando me falaram no acidente (nas OGMA de Alverca, onde trabalha), disseram que a tragédia atingira sobretudo a última carruagem. Nesse dia, nesse comboio, a minha filha foi apanhada na última carruagem, porque ia a falar com amigas suas. Já tinha de ser», acrescenta, baixando a cabeça.

Foi há um ano, que a viu pela última vez. Ele e a esposa. Recordaram ambos, ante a filha Célia (de doze anos), esse dia, porque a Florbela tinha, em 5 de Maio de 1986, avaliações de História e de Francês e deixou um papel aos pais para a acordarem antes de saírem para o trabalho. Acordaram-na, mal imaginando que seria a última vez. «O papel? Deitámo-lo fora, quando a chamámos», responderam-nos.

Vitorino Raposo diz que ainda não recuperou do choque, dessa «facada no coração», que há um vazio impossível de preencher em casa, que ali só há, afinal, «escuridão para o resto da vida». A mulher, ao lado, não contém as lágrimas. E lembra, de repente, que há um ano, feitos ontem, sensivelmente àquela hora (20 horas), estavam ali todos, os quatro, de frente para a televisão. «A minha filha estava precisamente onde agora está a Célia», diz a mãe.

Que é feito do maquinista

Alguns dos familiares dos jovens que perderam a vida na Póvoa falaram-nos do maqui-

nista que esteve na origem do acidente. Sabem que foi despedido da CP e que já foi visto, para os lados de Portalegre, a trabalhar de pedreiro. A mulher de uma das vítimas, Isabel Maria Ferreira Massa Guedelha (que ficou com um filho de um ano nos braços, Luís Guedelha, por morte do marido, José António Cardoso Guedelha que era sargento do Exército e estava destacado em Sacavém) tê-lo-á visto a dar serventia de pedreiro para os lados de Alpalhão.

A revolta de muitos deles tem também a ver com o facto do maquinista se encontrar em liberdade, nada sabermos do que se passou com ele, da falta de segurança ser uma constante para quem viaja na CP. Porque, dizem também todos eles, não há dinheiro que pague uma vida. As coisas acontecem, o tempo passa e ninguém sabe de nada.

Que ficou sem uma perna, sabe-o (e sente-o) Luís Lamanha Rodrigues, um jovem hoje com 22 anos, que fez provas no «Variedades» para bailarino e mostrou os seus dotes artísticos no concurso «1-2-3», de Carlos Cruz. O encenador (e actor e professor no Conservatório) João Mota predeterminava-lhe largo futuro no teatro. Ele, de resto, estava num curso de teatro, na «Comuna». Estudava — no 12.º ano, que agora está a tentar completar, em Alverca — em Chelas, deitava-se à uma ou duas horas da madrugada, levantava-se às seis, sete. Nesse dia, por causa de uma explicação de inglês (que dava a ainda dá), tomou aquele comboio.

O País perdeu talvez um actor

O País talvez tenha perdido um grande actor. A dança, um bom bailarino. Que resta, pois, ao Lamanha Rodrigues? «Esperar que a CP me indemnice devidamente, me reembolse pelo que aconteceu», disse o jovem ao «Diário de Lisboa». E que é que aconteceu afinal? Ele ficou sem a perna esquerda. Aos 21 anos. Uma carreira de teatro perdida (porque não se pode encenar nem coreografar sem ter sido actor). «Vou à 'Comuna' ver os amigos e vejo que não posso fazer a maioria das coisas que eles fazem», reconhece, ante o aceno positivo da mãe, Teresa Rodrigues.

Nela e nos amigos, em todos os seus amigos de Alverca (que são hoje os mesmos de há um ano, e muitos são), teve o apoio que um jovem na flor da idade e numa situação destas bem precisa para recuperar minimamente. Eles, os colegas, estiveram no hospital, fizeram turnos no acompanhamento. Em poucas palavras (segundo Lamanha e a mãe): «Foram impecáveis». A São Lino, a Teresa Ferreira, dois nomes entre muitas que o redactor destaca por destacar.

Quanto valerá uma perna? Que valor deverá ser atribuído a um braço? A CP também vai regatear a questão, discutir preços (como o tem feito com os familiares de doze das vítimas que morreram no acidente)? Lamanha Rodrigues tem uma prótese onde tinha a perna esquerda, espera (em Ju-



Joaquim Dias, pai de Maria de Lurdes Dias: «Tem sido um ano terrível!»



Forbela Raposo, entre os pais e a irmã Célia: um sorriso que desapareceu em 5 de Maio de 1986



Luís Lamanha Rodrigues (ferido): «Sabia que tinha amigos mas não tantos».



António Bernardo: «A CP gosta de avivar-nos a memória dos mortos»



Rui Benavente e Maria de Lourdes Dias: juntos (namoravam-se há anos) até na morte

nho próximo) trocar a prótese provisória por outra mais adequada e confessa que «não há dinheiro que pague esta perda». A perda da perna que não tem e que muita vezes procura, na cama. «Vou lá com a mão e não a encontro», frisa.

«Nada preenche o seu vazio»

Maria de Lurdes Marques Dias deixou um vazio insubstituível em casa. Ela, que estudava na Universidade Livre; e o namorado, Rui Manuel Oliveira Benavente, que estava no 1.º ano de arquitectura. Amigos há muitos anos, namorados há menos, a escola e a vida os juntou. A tragédia da Póvoa os separou. Disseram na altura que morreram juntos.

Joaquim Dias ainda se não refez da perda da filha. É um homem que veste luto carregado. Foi assim que ontem o encontramos na sua casa, em Alhandra, na Avenida Afonso de Albuquerque. É um dos dois casos em que a CP oferece 1300 contos, como se a vida de um filho se pudesse esquecer, aos 18 anos, por dinheiro. Oferecem 300 ou 1500 contos, mas discute, regateia, atrasa, aposta na diluição do tempo, na impaciência das pessoas.

Ele também é firme: «Não há dinheiro que me pague ou restitua a vida da minha filha. Não há nada que preencha o seu vazio, a cadeira onde já não se senta, o quarto onde estudava, a alegria que transmitia a todos nós», afirma Joaquim Dias.

António Bernardo, funcionário da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, perdeu a esposa, Antónia Maria Lúcio de Oliveira Bernardo, na altura

com 28 anos, no acidente da Póvoa. Não vai ser fácil — parece-nos —, a CP convencê-lo a aceitar o montante que já lhe propôs, a ele e ao filho, que ficou órfão de mãe há um ano. Três mil contos para ambos, se há dinheiro que pague uma vida (e haverá?), não é nada. Ele quer 15 mil. Ou, pelo menos, pediu tal monte, para ele e para o filho.

Ele explica: «Toda a minha vida mudou. Faço de mulher a dias ao fim-de-semana e pago a uma mulher durante a semana. Tenho o filho no infantário (ABEI) e não tinha. Mesmo tendo em conta a idade média de vida de uma pessoa, à volta de cinquenta anos, acho que a CP não está a querer ver devidamente a questão. Aliás, a vida de uma pessoa não tem preço, e se o tem não se discute. A empresa que garanta a segurança dos seus utentes, para não vir, depois, avivar tragédias como o tem feito, aborrecer as pessoas, importunar a paz e o descanso de quem fica sem os seus. Para que não nos arrase mais os nervos, para que não tenhamos, como eu, de andar sempre no hospital.»

«Eu não quero que a empresa — acrescentou — pague a vida da minha esposa, porque não há dinheiro que a pague, mas exijo que se debruce mais sobre o assunto e friamente pondere e analise o valor da indemnização a atribuir à situação em que eu e o meu filho (agora com seis anos) ficamos. Foram-lhe retirados 22 anos de vida que, calculados na base dos 360 contos/ano, somam 7900 contos. Ora se a CP fala tanto de números e discute tanto o montante das indemnizações, é esta que peço em duplicado para mim e para o meu filho».

CP acossada por todos os lados

JULGAMENTO DE ALCAFACHE ADIADO PARA NOVEMBRO

O julgamento dos quatro réus do desastre ferroviário da Alcafache foi adiado para o dia 4 de Novembro do ano corrente, no Tribunal de Mangualde. Marcado para esta manhã não se realizou em virtude de dois dos réus terem faltado. O julgamento deverá durar vários dias.

Os quatro réus, que em grau diferente tiveram a ver com a tragédia de Alcafache são acusados de homicídio por negligência. É nestes termos e em síntese que a acusação do Ministério Público está deduzida.

A sessão faltaram o factor José Coelho e o chefe da estação de Nelas, José Fernandes de Sousa, por razões que o tribunal esta manhã desconhecia. Compareceram os dois outros réus: Diamantino Ferreira da Costa, controlador da CP de Coim-

bra, e Ana Pais da Mota, guarda da passagem de nível de Alcafache.

Ao julgamento preside o juiz do Tribunal de Mangualde, Eduardo Coelho de Matos, cabendo a acusação pública ao delegado do Procurador da República, Jorge Ribeiro Gaspar.

Sabe-se que em Alcafache morreram, no dia 8 de Setembro de 1985, mais, muito mais, do que 49 pessoas, o número oficial de vítimas mortais, segundo a CP. No entanto, os restos de corpos humanos, os testemunhos de várias fontes, apontam para número muito mais alto.

Aliás, a própria acusação pública deverá admitir essa situação: a de 49 mortos identificados e muitos outros por identificar.

Feira
Internacional
de Lisboa

Associação
Industrial
Portuguesa

Lisbon
International
Fair

Portuguese
Industrial
Association

Foire
Internationale
de Lisbonne

Association
Industrielle
Portugaise

12/17 Maio
1987

HORARIO
15H00/23H00

Em vésperas do seu julgamento no Tribunal de Matosinhos

Maria da Graça também ameaça que vai fazer "rolar cabeças"

MARIA da Graça Correia Bastos Lopes, a falsa economista que, na qualidade de companheira do ex-cônsul da Áustria em Portugal José Guimarães, já falecido, é acusada de uma burla de cerca de 450 mil contos, a partir da qual terá subornado pelo menos três subinspectores e dois agentes da PJ do Porto, entre os quais Júlio Regadas, encontra-se convocada para comparecer amanhã no Tribunal Judicial de Matosinhos, a fim de ser julgada num processo relacionado com a passagem de cheques sem cobertura.

«Recuso-me a continuar a ser o bode expiatório de um processo em que neste momento sou o único dos catorze arguidos ainda detidos. E se isto continuar assim juro que não irei ficar calada e muitas cabeças irão rolar depois de mim», disse ao «DL» Maria da Graça em resposta a algumas das questões que lhe colocámos, por via indirecta, na Cadeia de Custóias, onde se encontra encarcerada desde Dezembro passado.

De referir que as questões postas versavam pontos ainda obscuros neste polémico processo, o chamado «São Bentogate», preferindo Maria da Graça, ao que confessou, aguardar «uma melhor oportunidade», tendo-nos no entanto confirmado as tentativas de contacto na cadeia por parte de Júlio Regadas, a que o nosso jornal já fez alusão.

A propósito de Júlio Regadas, e do seu rela-

Manoel Geraldo

cionamento com Maria da Graça, há a realçar as declarações que prestou na sua última entrevista ao semanário «O Crime» sobre os dois cheques de 60 contos e 30 contos que terá recebido das suas mãos, de modo a protelar o andamento de um processo em Vila Nova de Gaia.

«É falso! Provem isso. É falsíssimo. Estou convencido que Maria da Graça Correia Bastos Lopes está arrependida das mentiras que proferiu. Aliás, sei que Maria da Graça já desmentiu a maior parte das suas declarações», afirmou Júlio Regadas, que, à semelhança de Maria da Graça, também ele ameaça contar tudo, de forma a fazer «rolar cabeças».

Tudo começou

com a fuga do Adriano

Fazendo luz sobre a forma ainda pouco conhecida pelo público de como foi despoletado o «São Bentogate», estamos em condições de di-

vulgar que tudo começou com o início das investigações para recapturar Adriano Correia Lopes, que se evadira do Tribunal de S. João Novo, logo após ter sido condenado a uma pesada pena de prisão maior por furtos e burlas.

No decurso das suas diligências os investigadores da PJ fizeram incidir a sua vigilância sobre a irmã do fugitivo, precisamente Maria da Graça, acabando por obter diversos indícios, registados em meia dúzia de cassetes com gravações de escutas telefónicas feitas, os quais acabaram por levar a antiga companheira do milionário José Guimarães a ser detida e a revelar várias pistas aos homens dirigidos pelo dr. Pinto Hespanhol.

Foi nessa altura, e quando as investigações ainda estavam numa fase preliminar, que «O Comércio do Porto», pela pena de Coutinho Ribeiro, ex-dirigente da Juventude Centrista e vereador na Câmara Municipal de Marco de Canaveses, presidida por Avelino Torres, veio a lume com dados sobre o processo, levando à fuga de Júlio Regadas e impedindo assim, ao que se sabe, que o juiz instrutor, dr. António Tavares, fosse «tão longe quanto possível» no aclarar da verdade e na implicação de personalidades mais influentes do que aquelas que foram até agora indicadas.

Adolescente afogado em Aguas Santas

Quando tomava banho com alguns amigos em Aguas Santas, Maia, um adolescente de 14 anos morreu ontem afogado, ao que tudo indica devido a congestão pois momentos antes estivera a ingerir alimentos diversos numa romaria em Gueifães. A vítima, Jorge Manuel Alves Pereira, residia com os pais em Aguas Santas, na Rua do Paço, 213.

Jovem mecânico ferido em explosão na Amadora

Por causas ainda não apuradas, um mecânico de 18 anos ficou ferido no rosto e nas mãos devido à explosão de um diluente ocorrida na oficina de automóveis em que trabalhava na Avenida Cardoso Lopes, na Amadora. Devido à gravidade do seu estado, o jovem José Ferreira, aprendiz de bate-chapas, foi conduzido semi-inconsciente ao Hospital de S. José, onde ficou internado.

Comissário da PSP

morreu com a mulher

Um comissário aposentado da PSP e a mulher morreram ontem à noite devido ao despiste do seu automóvel, na estrada do Lanço Grande, próximo de Castelo Branco. Joaquim da Cruz Mota e Clementina da Conceição Almeida Mota regressavam da romaria da Senhora do Almortão, em Idanha-a-Nova, e com eles viajavam dois filhos e uma hora, os quais sofreram ferimentos graves e foram internados no hospital daquela cidade.

Mário Raposo num debate sobre o Sistema Prisional

Uma exposição subordinada ao tema «Cadeias: As Portas que se Abrem» assinalou ontem, em Coimbra, o início de uma série de actividades sobre o Sistema Prisional em Portugal organizadas por alunos da Faculdade de Direito desta cidade e que englobam a passagem de vídeos, filmes e entrevistas.

A iniciativa termina na próxima quinta-feira com a realização de um debate em que participam o ministro da Justiça, dr. Mário Raposo, o presidente do Instituto de Reinserção Social, coronel Vila-Lobos, o director-geral dos Serviços Prisionais, dr. Fernando Duarte, e um ex-presidiário.

Cópia do processo seguiu para Bayonne

Autoridades portuguesas colaboram com espanhóis no processo dos GAL

Uma cópia do processo em instrução em Portugal a um francês presumível recrutador para os grupos antiterroristas de libertação (GAL) foi incorporada no processo idêntico a decorrer em Bayonne (França), informa o diário madrileno «El País».

O francês, Jean-Philippe Labade, encontra-se detido em Portugal sob acusação de recrutar mercenários para os GAL.

Segundo o jornal, o juiz de Bayonne, Cristophe Feys, que investiga os atentados dos Gal-contra residentes bascos no País Basco francês supostos membros da Eta Militar, propõe-se

ouvir o subcomissário da Polícia de Bilbao, José Amedeo Fouce, suspeito de ter contactado Labade em Lisboa para aquele recrutamento.

Quanto à extradição de Labade solicitada pela França, o advogado deste arguido, Mimoso de Freitas, disse a «El País» que a justiça portuguesa decidiu só concedê-la caso o presumível dirigente dos GAL seja condenado em Portugal e depois de cumprir a pena imposta.

Mimoso de Freitas disse ao jornal madrileno que o seu cliente negou aos juizes portugueses qualquer relação com o subcomissário de Bilbao, ou

que com este se tenha reunido num hotel de Lisboa, como no processo se pretende.

Afirma Mimoso de Freitas que se trata de uma perseguição ao seu cliente na sequência de declarações do cidadão português Patrick de Carvalho, incriminado em França, com Labade, pelo homicídio do dirigente da Eta Tomaz Perez Revilla.

Patrick de Carvalho diz no depoimento às autoridades francesas ter colaborado com Labade na vigilância e recolha de informações sobre refugiados bascos e militantes da Eta com vista a futuros atentados.

Sargento morto por agressão na ilha açoriana de S. Miguel

A autópsia ao cadáver de um primeiro-sargento do Exército morto por espancamento sexta-feira em S. Miguel revela que este apresentava «fractura craniana provocada por objecto contundente», disse uma fonte hospitalar.

O sargento Emanuel Leite Pacheco, de 47 anos, foi agredido repetidas vezes num café da Freguesia dos Fenais da Ajuda, sendo depois conduzido ao posto policial da Maia.

Um informador deste posto da PSP disse que o militar foi agredido «a cabo de vassoura» e a soco e pontapé por dois indivíduos depois de provocar distúrbios.

A mesma fonte relatou que o

indivíduo, após algum tempo no posto policial, onde alegadamente se recusou a ser conduzido ao hospital, declarou sentir-se mal, pelo que a Polícia decidiu conduzi-lo ao Centro de Saúde da Ribeira Grande.

A PSP da Maia disse que o sargento Emanuel Pacheco chegou ainda com vida ao hospital, informação negada à Lusa, por fonte hospitalar que procedeu a autópsia.

O mesmo informador referiu não ser possível precisar qual a natureza do «objecto contundente» que provocou a fractura craniana que levou à morte do militar nem a hora exacta que ocorreu o falecimento.

A carência de elementos rigo-

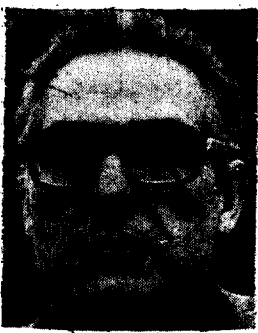
rosos sobre esses pormenores não permitem confirmar nem desmentir versões postas a circular sobre a ocorrência e eventual agressão policial ao sargento.

O delegado do procurador-geral da República da Ribeira Grande tomou conta desta ocorrência tendo solicitado a intervenção da PJ de Ponta Delgada.

O inspector desta Polícia disse que a intervenção da PJ se limitou a «dar uma ajuda pedida pelo delegado do prcurador-geral da República».

O corpo do primeiro-sargento Emanuel Leite Pacheco, que prestava serviço no Distrito de Recrutamento Militar de Ponta Delgada, foi a enterrar sábado com «honras militares».

Mário Castrim



CONHEÇO várias pessoas todas vaidosas por conhecerem bem esta ou aquela terra estrangeira. Há os que andam por Paris de olhos fechados, há os londrinos apaixonados, há os formados em Madrid. E todos disso fazem imensa gala. Nunca vi até hoje ninguém gabar-se de conhecer Lisboa. Não por maldade, mas por considerarem que o trivial não dá glória. Eu, tido por bom amante dela, tenho por vezes cada encosto! Por exemplo: aquela reportagem sobre a vida nocturna da capital onde se dizia que há inúmeras pessoas em Lisboa a dormir ao relento. Para mim foi novidade completa. Nunca vi. Raramente saio à noite. Mas acredito. E para ser franco, nada tenho contra isso.

Na mesma reportagem, uma senhora, que é vereadora da Câmara, quando lhe perguntaram sobre, respondeu que nada havia a opor. Se algumas pessoas preferem dormir na rua, a ela não lhe cumpre mais do que respeitar a opção. Democráticamente é assim. Todos os cidadãos, quer sejam mendigos quer sejam banqueiros, devem ter o direito de dormir onde muito bem lhes apetece. Era o que faltava! De facto, não se compreende que as pessoas durmam no cais, nos jardins, nos pedestais das estátuas, etc., quando há tantas casas para vender e para alugar. Só em Lisboa são milhares os fogos disponíveis. As páginas dos jornais vêm cheias de anúncios que incluem desde as duas assoalhadinhas com quichinete, até à vivenda com jardim. É grande, como se vê, a variedade da escolha. Há para todos os gostos. Se milhares de lisboetas não querem, se preferem o ar livre, isso é lá com eles. As vezes é uma questão de saúde, por exemplo, a falta de ar, outras vezes é questão de filosofia de vida. Já nas naus da Índia muitos marinheiros preferiam dormir na coberta. Grave, grave, é o problema levantado à distribuição da correspondência. Mas o presidente da Câmara consta que vai resolver o assunto, na certeza de que as pessoas sem lar também têm direito à sua posta... restante.

Se restar alguma, claro.

VEREADORES DO PCP E MDP QUEREM INSPECÇÃO A CÂMARA DE LISBOA

Nuno Ribeiro

Os vereadores do PCP e MDP vão solicitar, entre outras medidas, a realização de uma inspecção à Câmara Municipal de Lisboa, foi esta manhã divulgado numa conferência de imprensa, na qual aqueles eleitos fizeram a análise da acção urbanística da edilidade.

«Não temos conhecimento de todas as decisões tomadas», declarou aos jornalistas Victor Costa, referindo-se ao afastamento dos eleitos na lista da APU e do representante do PPM de uma Comissão de Vereadores criada ao abrigo do protocolo estabelecido entre Nuno Abecasis e os eleitos socialistas para análise de questões relacionadas com a urbanização.

«A Câmara só toma conhecimento das operações urbanísticas quando é chamada a deliberar sobre pequenas operações de acertos de lotes, alinhamentos e espaços públicos de urbanizações já

aprovadas e isto porque estas competências não são legalmente delegáveis», assinala o documento distribuído.

Na análise feita à gestão urbanística seguida nestes últimos dois anos, os vereadores do PCP e do MDP concluíram pela «existência de inúmeras ilegalidades», nomeadamente a «ausência de consulta, desde 1985, à Direcção Geral do Planeamento Urbanístico, a não emissão de alvarás de loteamento, a não aplicação do decreto-lei 400/84 que aprovou o regime jurídico dos loteamentos urbanos, e a aplicação incorrecta ou a violação pura e

simples do Regulamento do Plano Geral de Urbanização de Lisboa», aprovado em 1977.

Entre outros aspectos também referidos como ilegalidades, o documento refere a «violação flagrante das normas contidas no Regulamento Geral das Edificações Urbanas e a aplicação de legislação revogada», que no seu conjunto constituem «as duas pedras de toque da filosofia que o engenheiro Abecasis e os seus aliados têm praticado em matéria urbanística»: «as figuras do violador autorizado e do licenciamento clandestino».

A multiplicação da volumetria

Em relação ao primeiro aspecto, os vereadores do PCP e do MDP sustentam que «em vez de se prevenir e reprimir

a violação das normas legais e regulamentares em vigor autoriza-se essa violação, aprovando projectos contra o pagamento de compensações», cujo montante e âmbito foi fixado por um despacho de 1984 assinado pelo presidente da edilidade.

«Por outro lado», assinala o documento, «dado que são construções clandestinas as que violam as normas aplicáveis, a Câmara, ao aprovar projectos que desrespeitam as leis e regulamentos, está a autorizar a construção de clandestinos». Neste ponto, o vereador Rui Godinho sublinhou que se «a política seguida de combate aos clandestinos em Lisboa em casos pontuais é correcta e a aprovamos, parece-nos ser também uma política de biombo porque todos os dias, na Câmara Municipal de Lisboa, são sancionados clandestinos».

Face a esta situação, «os vereadores do PCP e do MDP irão suscitar a intervenção tutelar das entidades competentes, esperando que eventuais solidariedades políticas não obstem à necessária e urgente iniciativa e a imparcialidade que se impõe». Do mesmo modo, aqueles vereadores «irão intervir junto da

Direcção-Geral dos Registos e Notariados a fim de que todos os Notários e Conservatórias sejam informadas de que é ilegal a celebração de escrituras ou registos sem alvarás de loteamento», apresentarão «uma proposta no sentido de retirar ao engenheiro Abecasis as competências excepcionais que possui», e proporão a revogação de todos os actos ilegais e, caso a revogação não seja aprovada, solicitarão a impugnação judicial de tais actos».

Entre os casos referidos a título de exemplo, o texto divulgado à Imprensa refere a multiplicação de volumetria e densidades, como na urbanização da Quinta dos Inglesinhos, cuja volumetria máxima seria de pouco mais de 200 mil metros cúbicos, mas cujo «estudo aprovado para urbanização concede ao promotor o direito de construir 402.473 metros cúbicos, ou seja, quase o dobro do máximo admissível, o que representa um «lucro» adicional para o empreendedor superior a milhão e meio de contos».

Noutro caso, na Rua da Bica do Sapato, a Santa Apolónia, «o projecto aprovado apresenta, além de um excesso de área de construção, deficiência de estacionamento de 22 lugares», numa área já difícil e onde «era tecnicamente viável o projecto incluir todo o estacionamento necessário».



O prédio onde nasceu Fernando Pessoa, no Largo do São Carlos

Município quer preservar casa onde nasceu Pessoa

A Câmara Municipal de Lisboa aprovou por maioria, com duas abstenções do CDS, uma proposta apresentada pelos vereadores do PCP e MDP a ser enviada à secretaria de Estado da Cultura no sentido de que o imóvel onde nasceu Fernando Pessoa, no largo de São Carlos, seja adquirido pelo Estado e transformado num equipamento cultural «que homenageie a produção cultural de toda a geração modernista».

Para a concretização desta iniciativa, a edilidade manifestou a sua disponibilidade para colaborar nas acções que a ela possam conduzir. Para o efeito, a Câmara não autorizará qualquer alteração aos volumes e traça arquitectónica do imóvel, independentemente da condição e natureza dos actuais ou futuros proprietários, garantindo que a futura utilização não poderá colidir com a sua importância cultural e da área urbana em que se insere.

Na reunião de ontem foi divulgado que a construção de 643 novos fogos destinados à habitação social, a serem edificados em vários locais da cidade, será iniciada no próximo mês de Junho, envolvendo uma verba aproximada de um milhão e oitocentos mil contos, a ser suportada conjuntamente pelo Instituto Nacional de Habitação, Fundação Calouste Gulbenkian e secretaria de Estado da Habitação.

O Município prevê ainda que, até ao fim do ano, será lançada a adjudicação de 1.066 novos fogos de carácter social.

A Câmara Municipal de Lisboa deliberou ainda adjudicar uma operação de desratação integrada na campanha municipal de luta antimurina, em locais cuja situação de insalubridade é muito elevada, nomeadamente em todos os mercados municipais, escolas, sedes de Juntas de Freguesia e bairros degradados.

José António Cerejo em Moçambique

Clube Português de Imprensa: uma das menções honrosas veio para jornalista do "DL"

O Clube Português de Imprensa acaba de atribuir os Prémios de Jornalismo/86, iniciativa que se vem repetindo desde 1983. Para já, e porque é um redactor do «DL», mencionemos o nome de José António Cerejo, distinguido, no Prémio de Reportagem, com uma menção honrosa pelo conjunto de reportagens em Moçambique por ocasião da morte de Samora Machel, obviamente publicadas no nosso jornal.

Mário Mesquita, Oscar Mascarenhas e José António Afonso Rodrigues dos Santos foram os vencedores, respectivamente, nas modalidades de Reportagem («O Ataque ao Jornalismo na América de Reagan»), Viagem («Passagem pela Índia») e Ensaio («A Guerra Hertziana — A Rádio na Era da Televisão»), este reservado a estudantes de Comunicação Social.

O Prémio Europa, destinado

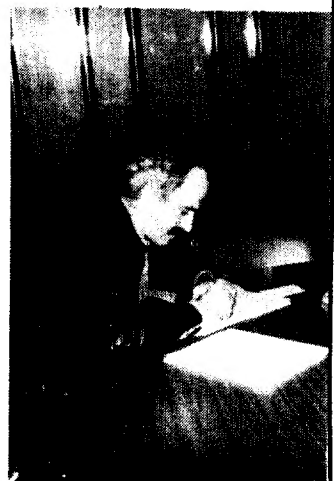
ao melhor trabalho sobre a adesão de Portugal às Comunidades Europeias, não foi atribuído por decisão do júri. O mesmo aconteceu relativamente ao Prémio para a Foto-Reportagem.

No Prémio de Reportagem, além da menção honrosa atribuída ao nosso camarada JAC, foi também uma outra menção atribuída a José Amaro Dionísio («FP-25: as famílias já foram condenadas»).

Por seu lado, o júri do Prémio Ensaio recomendou para publicação o trabalho intitulado «O Círculo Mediático», de Alexandre Frederico de Oliveira Coutinho.

A composição dos júris foi a seguinte:

Reportagem — Norberto Lopes, Vítor Direito, José Silva Pinto, Mário Bettencourt Resende e Pacheco de Andrade; **Foto-Reportagem** — Helena Marques, Marques da Costa, João Ribeiro, José Antunes e Álvaro Tavares; **Europa** — João Amaral, José Amaral, João Vale de Almeida, Jacinto Nunes e Silva Pereira; **Ensaio** — Francisco Pinto Balsemão, Vítor Direito, Artur Anselmo, Paquete de Oliveira e Diogo Pires Aurélio; e **Viagem** — Botelho da Silva, Nuno Rocha, Antunes Ferreira,



Manuel Amaro e Luís Domingues.

A cerimónia da entrega dos Prémios de Jornalismo/86 realiza-se no próximo dia 15, durante um jantar no Grémio Literário.

PJ deteve mais um arrombador

Após cinquenta e três assaltos cometidos desde 1985 em estabelecimentos e residências, um jovem de 18 anos, residente no Bairro da Graça, em Lisboa, acaba de ver a sua acção interrompida pela Polícia Judiciária através da sua 12.ª Secção sob a

responsabilidade do inspector Fernando Gomes.

O jovem delincente, ainda sem referências policiais, actuava por meio de chave falsa e arrombamento, visando residências de momento sem localizações e, quanto a estabelecimen-

tos, dava preferência a lojas de electrodomésticos, tabacarias e mercearias. No entanto assaltou por quatro vezes as instalações do semanário «O Jornal» e do mesmo modo repetiu o assalto aos escritórios de uma associa-

ção sindical.

Frequentemente assinalava a sua passagem deixando uma mensagem com os seguintes dizeres: «O Falcão passou por aqui», ao mesmo tempo que defecava no local.

REUNIDAS EM ASSOCIAÇÃO "REPÚBLICAS" ESTUDANTIS

As 27 «repúblicas» portuguesas, casas estudantis existentes em Coimbra e Porto, deliberaram criar uma associação nacional dotada de personalidade jurídica, em encontro nacional realizado em Coimbra.

As conclusões do encontro, realizado no último fim-de-semana e divulgadas ontem, apontam para o reforço do papel das «repúblicas» ao nível das instituições estatais, designadamente na busca de apoios para a sua actividade e preservação física e patrimonial.

Isabel Miguel, da «república» de Coimbra «Palácio da loucura» disse à Lusa que a associação a criar «pretende ser uma espécie de braço jurídico dos conselhos das 'repúblicas', estrutura intermédia destas tradicionais instituições académicas.

O Encontro Nacional de Repúblicas, em que participaram as 24 casas de Coimbra e as 3 existentes no Porto, decidiu também pugnar pela recuperação do seu património cultural, contactando a Associação Portuguesa de Casas

Antigas e a Fundação Calouste Gulbenkian.

O património cultural das «repúblicas» de Coimbra é vasto, designadamente as inscrições nas paredes, onde se podem apreciar, entre outros elementos, pinturas de Mário Silva, Tossan, António Quadros e poemas de Herberto Helder, todos antigos «repúblicos».

A preservação do espaço físico é outra preocupação das «repúblicas» e a esse propósito Isabel Miguel salientou que em Coimbra «há cinco casas em perigo de incêndio, devido a deficientes instalações eléctricas, uma casa a ameaçar ruína e outras oito que precisam de novos telhados, devido às infiltrações de água».

Uma exposição denominada «Museu das repúblicas», patente na Associação Académica de Coimbra e integrada

numa semana de actividades assinaladas com alguns colóquios e manifestações desportivas, permite contactar com algum do património e história destas casas estudantis, baluartes académicos na luta contra a repressão, travada durante os anos de regime fascista.

Segundo os organizadores, mais de três mil pessoas passaram já pela exposição, onde pode ser vista uma máquina de imprimir os comunicados difundidos na crise de 1969 e pertença da «república» «Ninho dos Matulões», ou uma taça de futebol de salão, conquistada por esta mesma casa em 1968, quando fazia parte dos seus quadros o actual treinador do FC Porto, Artur Jorge.

Diversos elementos fotográficos ilustram momentos ímpares na vivência das «repúblicas», tal como a festa da «república» «Baco», em Fevereiro de 1968, com a participação dos poetas Vinicius de Moraes e Joaquim Namorado, ambos falecidos.

Reunião de fim-de-semana em Salamanca

Bispos portugueses e espanhóis analisam droga e desemprego

Representações dos episcopados de Portugal e Espanha reuniram-se durante o fim-de-semana em Salamanca, tendo analisado as graves consequências do desemprego e da propagação alarmante da droga entre a juventude.

De acordo com um comunicado ontem distribuído pela Conferência Episcopal Espanhola, durante os dias 1 e 2 de Maio, os bispos de Portugal e Espanha analisaram as características e necessidades mais prementes da sociedade dos dois países e detiveram-se particularmente nas características e necessidades espirituais da juventude.

A propósito deste ponto — diz o comunicado — analisaram pormenorizadamente as graves consequências humanas e espirituais do desemprego e da propagação alarmante do consumo da droga.

Especialmente, focaram o intercâmbio de experiências e

de possibilidades de actuação da Igreja e dos católicos a favor dos jovens afectados por estas calamidades.

Em representação do episcopado português, assistiram à reunião D. Manuel Trindade, bispo de Aveiro e presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, D. João Alves, vice-presidente da Conferência e bispo de Coimbra e D. Serafim Silva, bispo auxiliar de Lisboa e secretário da Conferência Episcopal.

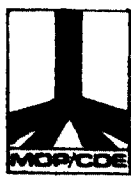
Pela parte espanhola, estiveram presentes o cardeal-arcebispo de Madrid e presidente da Conferência Episcopal, Angel Suquia, o arcebispo de Saragoça e vice-presidente da

Conferência, Elias Yanes, e o secretário da Conferência, Fernando Sebastian.

Esta foi a terceira vez que os bispos de Portugal e Espanha participaram numa reunião conjunta dos dois episcopados com a finalidade de trocar informações e analisar problemas e assuntos de interesse comum para as duas Igrejas.

Além dos temas mencionados, os bispos trocaram impressões sobre problemas referentes à formação, vida e ministério dos sacerdotes, a situação dos seminários nos dois países e as perspectivas vocacionais.

Os bispos trataram também dos preparativos do próximo Sínodo e das perspectivas que se oferecem para conseguir uma melhor formação dos leigos e uma participação mais intensa de mulheres e homens cristãos e na vida e acção apostólica e social da Igreja.



**O MDP/CDE
NAS ELEIÇÕES**

**TEMPO DE ANTENA
NA TV**

3.ª Feira — 5 de Maio — 20.00 horas



Cooperativa de Consumo dos Sócios do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Art.º dos Estatutos, convoca-se a Assembleia Geral Ordinária, a reunir no próximo dia 22 de Maio de 1987, pelas 20.00 horas, no Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, Avenida Visconde Valmor, 34-1.º — Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Apreciar e votar o balanço, o relatório e as contas da Direcção e o parecer do Conselho Fiscal.

NOTA: Art.º 31 dos Estatutos

1 — A Assembleia Geral reunirá à hora marcada na Convocatória, se estiverem presentes mais de metade dos Cooperadores com direito a voto.

2 — Se à hora marcada para a reunião não se verificar o número de presenças do número anterior, a Assembleia reunirá com qualquer número de Cooperadores, uma hora depois.

Lisboa, 30 de Abril de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Augusto de Melo Banha

Homenagem da comunidade judaica a antigo cônsul português

Um diplomata português que salvou a vida a mais de 30 mil refugiados, na sua maioria judeus, ajudando-os a fugir ao extermínio nazi durante a Segunda Guerra Mundial, foi homenageado pela comunidade judaica de Nova Bedford.

John Abranches, de Dublin, Califórnia, um dos 14 filhos de Aristides de Sousa Mendes, esteve presente para receber o galardão em memória do seu pai.

Presente esteve também o congressista Tony Coelho, o único membro do Congresso dos Estados Unidos de ascendência portuguesa e a cujos esforços se fica a dever o reconhecimento por parte das autoridades portuguesas do importante papel humanitário desempenhado pelo cônsul Sousa Mendes.

Em 1940, Aristides de Sousa Mendes era cônsul de Portugal em Bordéus, França.

Quando os nazis invadiram a França, em Junho daquele ano, milhares de pessoas, na sua maioria de ascendência judaica, refugiaram-se perto da fronteira franco-espanhola.

Para muitos deles, atravessar a Espanha e refugiar-se em Portugal, para beneficiar da neutralidade portuguesa no conflito mundial, era o único processo de escapar à morte e à perseguição das forças de Hitler.

Problema moral

Embora Portugal mantivesse a sua neutralidade e consentisse a

presença dos aliados no seu território, especialmente nos Açores, o regime de Salazar havia dado ordens às suas representações diplomáticas e consulares para não emitirem vistos a determinados grupos de pessoas, nomeadamente cidadãos soviéticos, exilados políticos portugueses e todos os judeus.

Debatendo-se com um problema de ordem moral, o cônsul Aristides Mendes optou pela consciência em vez da obediência, e em vez de obedecer cegamente às ordens do seu Governo, começou a emitir vistos a pedido de todos os refugiados.

Durante duas semanas, Sousa Mendes, os funcionários do consulado, sua mulher e o seu filho mais velho emitiram centenas de vistos, chegando ele próprio a estar três noites sem dormir só para proceder à emissão de vistos ao maior número possível de refugiados que acorriam à sua residência.

Quando o Governo de Salazar tomou conhecimento da situação mandou encerrar um dos postos fronteiriços a qualquer pessoa portadora de um visto emitido pelo consulado de Portugal em Bordéus.

O próprio cônsul Sousa Mendes guiou um grupo de 500 refugia-

dos a outro posto fronteiriço onde ainda não havia chegado a ordem de Salazar.

Preço alto

Este acto de consciência custou caro a Aristides de Sousa Mendes e à sua família.

Chamado a Lisboa, foi destituído das suas funções e obrigado à reforma compulsiva, sem qualquer compensação, sendo-lhe ainda proibida a prática de advocacia.

O filho, John Abranches que adoptou um dos nomes da família quando serviu o Exército dos EUA em 1951, disse ao «Portuguese Times», de Nova Bedford, que «muitas vezes o pai encontrava-se na rua com pessoas conhecidas e estas voltavam-lhe a cara».

«As pessoas não queriam associar-se com o meu pai» — lembra o filho, que diz que o antigo cônsul nunca se arrependeu da acção que fez.

«Desobedecei às ordens do meu Governo porque preferi estar do lado de Deus contra os homens do que do lado dos homens contra Deus», costumava dizer à família.

Em 1941, Aristides Mendes dirigiu-se à Assembleia Nacional a fim de tentar reabilitar o seu nome, mas foi-lhe recusada a reintegração no serviço diplomático.

Finalmente, em 1986 o con-

gressista Tony Coelho apresentou uma proposta ao Congresso norte-americano para que a acção de Sousa Mendes fosse oficialmente reconhecida, pedindo ao Governo português para fazer o mesmo.

Condecoração

Em Setembro do ano passado, graças ao esforço de Tony Coelho, Portugal condecorou postumamente Aristides de Sousa Mendes, reconhecendo assim a acção humanitária desenvolvida pelo diplomata num dos mais conturbados períodos da História da Humanidade.

A cerimónia realizada ontem em Nova Bedford teve um significado especial, disse ao «Portuguese Times» Esther Roderick, uma das presidentes do Comité Holocausto da Federação Judaica.

«Nova Bedford tem a maior concentração de portugueses nos Estados Unidos. Aqui as comunidades judaica e portuguesa sempre têm vivido e trabalhado juntas, em paz e harmonia» — acrescentou.

Por isso, «quando se homenageia o nome do dr. Aristides de Sousa Mendes, de abençoada memória, honra-se também o espírito de irmandade que une os dois povos aqui em Nova Bedford, há duzentos anos» — afirmou, por seu turno, Sónia Kobrin, igualmente da Federação Judaica.

Com a participação de uma forte delegação portuguesa

Guiné-Bissau aprofunda o debate sobre agricultura e pescas

Uma delegação portuguesa de alto nível, integrando nomeadamente dirigentes e técnicos do Instituto de Cooperação Económica, participa desde ontem em Bissau na reunião com os principais parceiros económicos da Guiné-Bissau destinada a analisar os sectores agrícola e pesqueiro daquele país de língua portuguesa.

A delegação é chefiada pelo embaixador Lopes da Costa, vice-presidente do ICE, e é composta, ainda, pelos professores Mendes Ferrão e Raul Sardinha, por representantes do Ministério da Agricultura e Pescas, do Instituto Nacional de Investigação das Pescas e do IPE e vários armadores nacionais.

«Dados os condicionamentos económicos, não constituímos um grande doador, mas o nosso conhecimento do terreno obriga-nos a estar presentes com os nossos mais qualificados técnicos, que poderão dar as orientações necessárias e precisas para a melhoria daqueles sectores na Guiné-Bissau», precisou o chefe da delegação portuguesa.

«Viemos na máxima força, eu diria que a nossa delegação é constituída só por Eusébios (alusão ao ex-jogador do Benfica) e empenhar-nos-emos por

apresentar as melhores sugestões nesta consulta», disse, ainda, o embaixador Lopes da Costa.

A consulta sectorial de agricultura e pescas, ontem inaugurada em Bissau e que encerra na próxima sexta-feira, surge na sequência de um processo de troca de opiniões e reflexões conjuntas, iniciadas com a realização da Mesa-Redonda de Lisboa, em Maio de 1984.

O objectivo dessa Mesa-Redonda foi o de interessar e motivar a ajuda financeira internacional para a implementação do primeiro Plano Quadrienal de Desenvolvimento Económico e Social da Guiné-Bissau para o período de 1983/1986.

Entretanto, o ministro de Estado guineense da Agricultura e Pescas realçou que a Guiné-Bissau está a caminhar rumo à auto-suficiência alimentar, de-



Segundo Carlos Correia, ministro da Agricultura e Pescas, a Guiné-Bissau está, finalmente, a encaminhar-se para a auto-suficiência alimentar, com a aplicação do primeiro Plano Quadrienal de Desenvolvimento

pois do início, em 1983, do primeiro plano quadrienal de desenvolvimento.

Carlos Correia, que falava no início dos trabalhos das primeiras consultas sectoriais sobre a agricultura e pescas, ontem iniciada na capital guineense, ante representantes dos principais parceiros económicos do desenvolvimento deste país, acrescentou que, «apesar desse avanço, o governo está consciente dos graves perigos da eu-

foria e da aleatoriedade da produção agrícola actual na Guiné-Bissau».

«Tratando-se da auto-suficiência alimentar, a melhoria do nível nutricional das populações será um elemento a integrar o seu justo quadro», disse aquele membro do governo.

O ministro de Estado do Desenvolvimento Rural e Pescas afirmou, igualmente, que a

Guiné-Bissau tem recebido uma «importante ajuda» para o desenvolvimento agrícola e rural, que é fruto da compreensão de que o mundo de hoje não é «só cá ou só lá».

«Num país de população reduzida como o nosso, uma agricultura no momento da dependência nem sequer comparável à da maior parte dos países de África, já de si pobres, é, aos nossos olhos, natural que a ajuda internacional 'per capita' atinja números elevados», disse Carlos Correia.

Decisões de investimento não foram as melhores

«Admitimos que as decisões de investimento nem sempre tenham sido as mais acauteladas, na medida em que, não baseadas em sólidos estudos de viabilidade, permitiram sobreposições e duplicações, não se processaram no melhor ritmo e a utilização dos meios não foi sempre a melhor, nem total, a fase pós-projectos não foi suficientemente tida em conta, domínios e áreas importantes ficaram desperadamente à espera de financiamento e imperativos macroeconómicos não tiveram o seu lugar na decisão» — insistiu.

O ministro guineense do

Plano, por seu turno, ao usar da palavra na sessão de abertura dos trabalhos das consultas sectoriais sobre a agricultura e pescas, frisou que a mesma é uma boa oportunidade para clarificar, ajudar a definir e fazer o ponto da situação de alguns aspectos cruciais de natureza técnica, institucional e política que condicionam o desenvolvimento destes tão importantes e estratégicos sectores da economia da Guiné-Bissau.

Bartolomeu Pereira disse que o PNUD tem-se empenhado activamente na realização destas reuniões que permitem, juntamente com os parceiros de desenvolvimento, criar e desenvolver um clima de debate amplo e aberto que contribua decisivamente para um maior engajamento de «todos nós no processo de desenvolvimento da Guiné-Bissau».

Na sessão de abertura, usou também da palavra o representante do PNUD em Bissau, Miguel da Graça, que considerou a agricultura, a pecuária, as florestas e as pescas na Guiné pelo potencial existente e pela própria estrutura da economia, como os sectores prioritários e os eventuais motores do desenvolvimento.

Grande participação no Primeiro de Maio

A Comissão Executiva da CGTP salientou segunda-feira «a grande participação» nas celebrações do Primeiro de Maio, que promoveu, e apelou para os trabalhadores continuarem empenhados para que «nas próximas eleições seja derrotada a direita».

Em comunicado, a Comissão Executiva da CGTP estima que nas acções do Primeiro de Maio, que promoveu em todo o País, participaram centenas de milhares de trabalhadores, concluindo que esta «grande participação» confirma a Intersindical como «a maior, mais influente e mais organizada força social do País».

A Comissão Executiva salienta que o facto de a curto prazo se realizarem eleições legislativas esteve sempre presente nas preocupações expressas nas celebrações, e apela para que esse empenhamento se mantenha, de modo a que das eleições de 19 de Julho resulte um «Governo democrático».

O apelo da CGTP é no sentido de que no novo Parlamento o PSD e o CDS estejam em minoria e existam condições para a formação de um «Governo democrático que tenha uma perspectiva de desenvolvimento do País no sentido da resolução dos problemas dos trabalhadores, defenda a legalidade constitucional e a independência nacional».

Reestruturação da Quimigal sem qualquer estratégia

Os dirigentes da Federação dos Sindicatos da Indústria Química e os representantes dos trabalhadores da Quimigal criticaram ontem o plano de reestruturação desta empresa pública, considerado sem qualquer enquadramento estratégico nem defendendo os interesses do país.

Em encontro com os jornalistas, os dirigentes sindicais informaram estar o actual Conselho de Gerência da Quimigal a apostar na constituição de uma empresa «holding» que «deteria o capital de várias novas empresas, formadas a partir das diferentes divisões existentes, reformuladas».

Esta opção não recebeu ainda o apoio oficial da tutela quanto aos «aspectos financeiros que ela envolve» e, segundo a federação, estas medidas limitam-se a «agir sobre a estrutura organizativa», não estando enquadrada em nenhuma opção de futuro, quer relativamente à inserção na empresa no próprio ramo e seus concorrentes internacionais, quer quanto às repercussões da sua produção noutras actividades, como é o caso da agricultura.

Segundo os dados fornecidos, a Quimigal neste momento produz cerca de 70 por cento do consumo nacional de adubos, consumo este que se reduziu em 20 por cento desde o triénio de 1980-82. Comparativamente a outros países, o consumo de adubos por hectare em Portugal encontra-se ao nível dos países africanos, representando menos 9 por cento que a Holanda e um terço do consumido em países de características semelhantes, como são a Grécia, Espanha e Itália.

«Existe uma ligação entre a diminuição da produção de adubos e a diminuição de produção e produtividade na agricultura», conclui o economista Luís Ferreira. Este facto prende-se também com a diminuição da área cultivada e

está na base de um acréscimo das importações, «tanto em valor como em quantidade». Acrescente-se a tudo isto, a subida da quota de mercado da Sapeç, uma empresa produtora de adubos de capitais belgas e a descida da da Quimigal.

«Não há definições. Qual vai ser o futuro? Não se sabe». Os representantes dos trabalhadores afirmaram que também não há uma estratégia de produção de ácido sulfúrico, que está na base da produção dos compostos sulfatados. A federação acusou o Governo de indefinição de estratégias, o mesmo sucedendo com a metalurgia do cobre, quando que, com este projecto, Portugal poderia se tornar, a preços baixíssimos, um importante fornecedor de ácido sulfúrico da Europa.

A reestruturação da Quimigal, tal como o actual Conselho de Gerência preconiza, «é uma falsa questão», dizem os sindicalistas. «Caso não haja suporte económico-financeiro trata-se apenas de um desmantelamento» sem qualquer vantagem produtiva visível. «Nenhum dos pressupostos está conseguido», prevendo-se o «esquartejamento da empresa», para as partes rentáveis eventualmente serem reprivatizadas.

«Temos consciência que a situação é difícil e polémica», disseram. «Não pretendemos impor nenhuma solução, mas queremos discutir as várias propostas e que se escolha a melhor para o país e para os trabalhadores».

A situação ainda se torna mais polémica quando a empresa já despediu 2 500 trabalhadores, mil das quais nos últimos dezoito meses e que o Conselho de Gerência defende a redução de mais 2 000, paralelamente à contratação de empreiteiros a desempenhar funções de carácter efectivo.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50\$90	56\$90
ALEMANHA FED. (marco)	76\$80	78\$00
ÁUSTRIA (xelim)	10\$90	11\$10
BÉLGICA (franco)	3\$497	3\$747
BRASIL (cruzado)	3\$700	6\$200
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	101\$35	103\$85
(notas de 5 a 1000)	101\$85	104\$35
DINAMARCA (coroa)	20\$40	20\$80
ESPAÑA (peseta)	1\$065	1\$185
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	136\$55	140\$05
(notas de 5 a 1000)	137\$05	140\$55
FINLÂNDIA (marka)	31\$45	32\$05
FRANÇA (franco)	22\$95	23\$65
HOLANDA (florim)	68\$10	69\$20
IRLÂNDIA (libra)	206\$05	210\$05
ITÁLIA (lira)	\$097	\$112
JAPÃO (iene)	\$937	\$992
NORUEGA (coroa)	20\$50	21\$00
REINO UNIDO (libra)	230\$05	234\$55
SUÉCIA (coroa)	21\$90	22\$40
SUÍÇA (franco)	93\$80	95\$30
VENEZUELA (bolívar)	\$900	6\$00

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



Os senadores Daniel Inouye e Warren Rudman, responsáveis da comissão de inquérito ao escândalo Irangate, falam com jornalistas na sala onde hoje começam os interrogatórios transmitidos pela Televisão no estilo dos do caso Watergate

O presidente em exercício da Organização Mundial de Saúde (OMS), Zeid Hamzad, defendeu que, no próximo ano, os fumadores de todo o mundo devam ser instigados a passar um dia sem fumar. No discurso de abertura da assembleia anual da OMS, onde estão representados 166 países membros, o presidente desta organização, que é simultaneamente o ministro jordano da Saúde, disse que as doenças provocadas pelo consumo de tabaco, incluindo o cancro, matam pelo menos um milhão de pessoas por ano. Hamzad propôs que em 7 de Abril do próximo ano - Dia Mundial da Saúde - «todos os fumadores do mundo sejam instados a deixar de fumar e os Governos sejam solicitados a proibir a venda de tabaco, na esperança de que os fumadores sejam persuadidos a deixar de fumar para sempre».



Um grupo de prisioneiros iraquianos capturados no Iraque em Karbala 10

As medidas económicas na Guiné-Bissau

O chefe de Estado da Guiné-Bissau qualificou as recentes medidas económicas e sociais adoptadas pelo governo de «única saída que restava para evitar o colapso económico e financeiro a que estava votado o País». «Estamos conscientes das repercussões destas medidas tanto para as nossas populações em geral, como para os trabalhadores da Função Pública», disse João Bernardo Vieira, em mensagem dirigida à nação guineense. «Nino» Vieira disse que «se é verdade que estas medidas são duras, hoje, não é menos verdade que, amanhã, elas terão os seus efeitos positivos que se traduzirão seguramente na melhoria de vida das 'nossas' populações». Trata-se de uma etapa do desenvolvimento do país que requer muitos sacrifícios, os quais «terão que ser consentidos por todos nós», disse, acrescentando: «É uma etapa que exige, igualmente, mais do que nunca, maior engajamento de todos nós, maior sentido de responsabilidade e de disciplina, assim como e, sobretudo, maior coesão interna». Para «Nino» Vieira trata-se ainda de uma etapa em que a unidade «é uma condição indispensável para que haja estabilidade e sossego, sem os quais não pode haver aumento de produção e, consequentemente, o desenvolvimento».

Soviéticos esperam reformas

Uma nova sondagem soviética mostra que a maioria dos trabalhadores apoia, em teoria, as reformas do líder do Kremlin, Mikhail Gorbachev, mas que muitos preferem aguardar os resultados, antes de se comprometerem com elas. A sondagem do Instituto de Investigação Sociológica de Moscovo, ontem publicada pelo jornal «Izvestia», mostra que 90 por cento das pessoas interrogadas em 120 empresas em todo o país apoiam plenamente a campanha de reconstrução de Gorbachev. Somente 0,6 por cento afirmou não compreender a sua necessidade. Contudo, numa grande fábrica de Moscovo de produção de equipamento sanitário, um terço dos interrogados disse aguardar que se tornasse mais clara a natureza das reformas, antes de decidir se deveria ou não aderir a elas. Os operários pareciam mais desconfiados que os trabalhadores de escalões superiores, concluiu Vilen Ivanov, director do Instituto.

De uma amostragem de 6000 pessoas de empresas industriais de Moscovo, um em cada cinco trabalhadores de níveis superiores disse que as reformas progrediam bem na sua fábrica, mas nenhum operário concordou. Pelo contrário, metade disse que as mudanças avançavam lentamente, e os restantes afirmaram não sentir qualquer mudança.

Papa defende Europa unida

O Papa João Paulo II, que ontem terminou a sua visita de quatro dias à RFA, manifestou-se na catedral de Speyer a favor de uma «nova Europa, unida do Atlântico aos Urais» e por uma rápida reunificação das igrejas. À sua chegada a Speyer, última etapa da sua digressão pastoral, o pontífice foi saudado por milhares de católicos, no caminho para a catedral e o Panteão dos Imperadores, apesar das baixas temperaturas a que se faziam sentir. A cidade de Speyer, no Estado da Renânia-Palatinado, está intimamente ligada à história da Igreja Católica na Europa Central e especialmente ao Sacro Império Romano-Alemão. Frente a cerca de 50 000 pessoas, o Papa referiu a «responsabilidade dos cristãos» face ao destino da Europa, sobretudo no âmbito das crescentes tensões internacionais. «A catedral, em tempos a maior igreja cristã do Ocidente, tem provavelmente mais laços com a história deste continente que qualquer outro edifício da Europa», disse João Paulo II.

Desarmamento

EUA vão propor em Genebra redução dos mísseis de longo alcance

O chefe da delegação soviética às negociações de Genebra disse que espera que Washington e Moscovo cheguem a acordo sobre os euromísseis e o seu colega norte-americano anunciou para breve uma proposta de redução das armas de longo alcance. Com efeito, na véspera da retomada das negociações, Reagan anunciou a intenção de propor uma redução de 50 por cento daquelas armas, acrescentando estar «firmemente convencido» de que está ao alcance de ambas as partes um acordo «start» ainda este ano, «se os soviéticos estiverem dispostos a resolver as questões ainda pendentes».

O negociador soviético, Yuri Vorontsov, disse por seu turno esperar que as delegações norte-americana e soviética cheguem a acordo sobre uma proposta de tratado para a eliminação de todos os euromísseis e os mísseis de curto alcance da Europa durante a

sua actual ronda de negociações em Genebra.

O negociador norte-americano, Max Kampelman, anunciou para breve a apresentação da proposta norte-americana, afirmando que «reduções tão grandes sobre os arsenais de mísseis de longo alcance, em

que haverá cerca de 10.500 ogivas para cada um dos lados, são de grande prioridade para os Estados Unidos e «melhorariam a segurança dos dois lados».

As delegações das duas superpotências começaram a actual ronda de negociações sobre mísseis de alcance estratégico, médio e curto e sobre armas espaciais em 23 de Abril.

As conversações sobre armas espaciais e de longo alcance iniciaram-se hoje e são feitas em separado.

Diplomatas ocidentais que acompanham a evolução da presente ronda de negociações descreveram-nas como a fase do «vai ou racha» para se chegar a acordo sobre reduções dos mísseis de curto e médio alcance.

A administração do Presidente Ronald Reagan deixa

funções em Janeiro de 1989 e grande parte das atenções dos Estados Unidos estará no próximo ano assente na campanha presidencial em vez de questões de armamento, disseram os diplomatas.

Desde o reinício das tentativas pelas superpotências para acordo no controlo de armamentos, em Março de 1985, as áreas dos mísseis de médio e de curto alcance foram as que causaram maior esperança de que haja o primeiro acordo neste campo desde há uma década.

Apelo de Deng Xiaoping

O líder chinês, Deng Xiaoping, apelou a Washington e Moscovo para seguirem o

Brasil manifesta maior disposição de diálogo com o FMI

O Governo do Brasil revelou uma maior disposição ao diálogo sobre os seus problemas financeiros com o Fundo Monetário Internacional, cujas propostas foram recusadas com veemência pelo Presidente José Sarney.

A nova orientação foi revelada pelo ministro das Finanças, Luís Carlos Bresser Pereira, num encontro com membros do Comité Executivo do Diálogo Interamericano, uma entidade que reúne personalidades do hemisfério para a discussão dos seus problemas mais urgentes.

«O ministro Bresser Pereira entende que o Brasil deve con-

versar com o FMI, mas sem aceitar, necessariamente, as soluções propostas para os problemas económicos e financeiros», disse Luis Pasara, porta-voz do diálogo interamericano.

Durante os dois últimos anos, o Brasil recusou um acordo com o FMI por considerar incompatível a recessão que propôs com a necessidade de pagar a dívida externa que agora ascende a 111 mil milhões de dólares, defendendo uma estratégia de crescimento económico.

O ministro Bresser Pereira, que há uma semana substituiu Dilson Funaro no cargo, admitiu entretanto que a solução

para o problema económico do Brasil implica a aceitação de um crescimento menor este ano, cerca de três por cento, e a busca de um maior saldo comercial.

A missão do FMI, presidida pelo chefe da Divisão do Atlântico Sul, Thomas Reichman, realizará esta semana o seu trabalho de compilação de informações no Rio de Janeiro e seguirá para Brasília somente na próxima semana.

Os credores do Brasil consideraram o recurso ao FMI como uma maneira de resolver o impasse criado depois da suspensão do pagamento dos juros da sua dívida à banca privada internacional.

Crise leva primeiro libanês à demissão

O Primeiro-Ministro libanês, a sua demissão, justificando-a económica que assola o país e as crises pelos ministros cristãos e muçulmanos.

O muçulmano sunita Karami, unidade nacional libanês formada para terminar com a guerra rasta há 12 anos, anunciou a demissão ao país através da rádio.

«Estou convencido de que tu vai contra o interesse dos libaneses», afirmou, acrescentando ser posição clara para «defender o país».

Entretanto o Presidente libanês que resolverá o problema do súbita decisão do Primeiro-Ministro no entanto se aceitará ou não o pedido.

«Não me pouparei a esforços face à crise de tratarei da nova situação acordo com os meus deveres», su-

África do Sul: violência marca eleições antecipadas

Cerca de 3,1 milhões de sul-africanos brancos, dos quais 2 milhões de afrikanders, vão amanhã às urnas para eleger 166 dos 178 membros da Câmara branca do Parlamentoto. A sombra de uma greve nacional, hoje e quarta-feira, dos 25 milhões de negros, que não têm direito a voto, paira sobre estas eleições antecipadas, marcadas a 31 de Janeiro pelo presidente Pieter Botha, e que decorrem sob o estado de emergência declarado em 12 de Junho de 1986.

A exclusão da maioria negra esteve na origem da intensificação da violência política a partir das primeiras eleições, em 1984, para o Parlamento tricameral onde estão representados, em Câmaras separadas, brancos, mestiços e indianos. A campanha para as eleições só para brancos que decorrem amanhã tem sido também marcada pela violência.

Ontem, a polícia sul-africana prendeu pelo menos 13 jornalistas estrangeiros que faziam a cobertura de um protesto estudantil contra as eleições de quarta-feira. Juntamente com os jornalistas, a polícia prendeu também cerca de 100 estudantes.

Os jornalistas, que pertencem a estações de televisão norte-americanas e britânicas, estavam a filmar uma carga policial contra cerca de

6.000 estudantes da Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, que se concentraram para ouvir Winnie Mandela, entretanto proibida pela polícia de usar da palavra. A polícia de choque atacou os estudantes à bastonada e lançou gases lacrimogêneos para os dispersar.

A polícia sul-africana está, entretanto, a tomar medidas para fazer frente a eventuais distúrbios decorrentes da convocação de protestos nacionais para hoje a amanhã. No Soweto, o maior bairro negro dos arredores de Joanesburgo, um avião militar espalhou panfletos pedindo aos seus moradores que ignorem os apelos à greve e prometendo que as forças de segurança protegeriam os negros que fossem trabalhar, furando assim a greve convocada pela maior central

sindical negra da África do Sul.

Partidos concorrentes

Cinco partidos concorrem às eleições brancas de amanhã. São eles o Partido Nacional (NP), no poder desde 1948, identificado com a institucionalização do apartheid e que detém 127 dos 178 assentos da Câmara branca do Parlamento. O NP é liderado desde 1978 por Pieter Botha. Segue-se o Partido Federal Progressista (PFP), um partido que agrupa sobretudo brancos de língua inglesa e que se opõe ao apartheid. Liderado por Colin Eglin, tornou-se a oposição oficial no Parlamento. O Partido Conservador (CP) é o maior dos partidos da extrema-direita e considera que o NP foi longe demais na mitigação do apartheid. Foi formado em 1982 e os seus 18 deputados são desertores do NP. O seu espaço eleitoral é disputado pelo Partido Nacional Reconstruído (HNP), que está mais à direita do que o CP e tem um deputado. Surge, por fim, o Partido da Nova República (NRP), formado em 1977 e que se encontra ligeiramente à esquerda do NP. Tem cinco deputados.

(mais informação na pág.14)



A polícia de choque quando avançava contra os estudantes da Universidade de Witwatersrand em Joanesburgo

Em causa proibição de entrada no país

Kurt Waldheim vai processar EUA

O presidente austríaco, Kurt Waldheim, anunciou ontem que acionará os mecanismos legais em resposta à proibição da sua entrada nos Estados Unidos, anunciada na semana passada. Por outro lado, o caçador de nazis Simon Wiesenthal desmentiu que Waldheim lhe tenha dito que se demitiria se uma comissão internacional provasse alegações do seu envolvimento em crimes de guerra nazis.

Numa entrevista a uma emissora austríaca, Waldheim disse que era «tempo de responder aos difamadores através dos canais legais». Recorde-se que o Departamento de Justiça de Washington colocou restrições formais à entrada de Waldheim nos Estados Unidos, enquanto cidadão particular, devido a suspeitas sobre o seu papel no Exército de Hitler durante a II Guerra Mundial.

O governo austríaco afirmou, entretanto, que tenciona constituir uma comissão de historiadores para examinar o passado de Waldheim. Por seu lado, o caçador de nazis Si-

mon Wiesenthal desmentiu uma notícia divulgada pela agência norte-americana UPI, a que fizemos referência na nossa edição de ontem. Segundo a UPI, Wiesenthal afirmara que Kurt Waldheim lhe tinha dito que se demitiria se fosse provado o seu envolvimento em crimes de guerra nazis.

Ao regressar a Viena, Wiesenthal disse, referindo-se a Waldheim: «Nunca me disse que se demitiria. Waldheim telefonou-me duas vezes e afirmou que não tivera conhecimento, nem estivera envolvido, em crimes de guerra. Eu disse-lhe que ele devia concordar com a constituição de uma comissão internacional e que, se não o fizesse, devia aceitar todas as consequências e demitir-se».

A comissão seria constituída por representantes da Alemanha Federal, Áustria, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Grécia, Israel e Jugoslávia. O porta-voz de Waldheim, Gerold Christian, afirmou, entretanto, que o presidente pensa que poderá ser uma «boa ideia» a constituição de uma comissão de historiadores militares.

24 HORAS



Filipinas receiam regresso de Marcos

O aeroporto da cidade filipina de Laoag, cerca de 350 quilómetros a Norte de Manila, está encerrado ao tráfego desde sábado devido a rumores de um eventual regresso ao país do ex-Presidente Ferdinand Marcos. Os voos regulares da companhia aérea filipina «Pal» foram suspensos por ordem da Direcção-Geral de Aviação Civil até ao próximo dia 12 - disseram funcionários daquele organismo, citados pelo jornal «Observer». Uma brigada de infantaria estacionada nas imediações do aeroporto adoptou medidas de «alerta máximo», prevendo o eventual regresso do Presidente deposto.

Desmoronamento mata 35

Pelo menos 355 pessoas morreram e 50 ficaram feridas em consequência de um desmoronamento de terras na ilha indonésia de Sumatra - informou a Polícia. Um porta-voz policial na localidade de Padangpanjang, no Ocidente daquela ilha, disse que há pelo menos 65 desaparecidos em consequência do desmoronamento, ontem provocado por fortes chuvas. Equipas de salvamento estão a trabalhar no local, tentando encontrar mais vítimas. O Norte e o Oriente da Sumatra foram atingidos a semana passada por um sismo e por uma série de réplicas. Casas, igrejas e escolas ficaram danificadas em consequência do abalo.

Presumíveis agentes da CIA detidos

O Departamento de Segurança do Estado de Cuba deteve dois presumíveis elementos da Agência Central de Inteligência (CIA) dos Estados Unidos, informou o Ministério do Interior. Os detidos, Gladys Juana Oliva Garcia Hernandez e Nestor Norberto Garcia Hernandez, encontram-se à disposição dos tribunais cubanos sob a acusação de «realizarem actividades de espionagem para a Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos», diz-se numa nota do Ministério. Os dois detidos são irmãos. Gladys é uma cidadã cubana residente em Miami e Nestor Hernandez era funcionário do Ministério cubano da Construção.

Medidas «flexíveis» na Nicarágua

O Governo da Nicarágua anunciou uma série de medidas políticas «flexíveis» com o objectivo de conter a descida da produção e combater o mercado negro no país. O ministro nicaraguense do Comércio Interior, comandante Ramon Cabrales, disse em conferência de Imprensa que a partir de Junho os trabalhadores podem negociar com os empresários os seus vínculos laborais, incluindo os do salário através da contratação colectiva. O ministro acrescentou que o Governo autorizou os agricultores a venderem este ano as suas colheitas de produtos perecíveis.

Cimeira Marrocos-Argélia

A Argélia e Marrocos decidiram prosseguir as conversações para «resolver os problemas em suspenso» - refere um comunicado divulgado em Argel, após a cimeira tripartida Argélia-Marrocos-Árabe Saudita. O comunicado afirma que o encontro entre o Presidente argelino, Chadli Benjedid, e os reis de Marrocos, Hassan II, e da Arábia Saudita, Fahd Ibn Abdelaziz, enquadra-se nos «esforços» que a coroa saudita tem realizado para eliminar os contenciosos entre países árabes.

redução

exemplo da China relativamente ao desarmamento e pressionou os dois países para continuarem as conversações armamentistas - anunciou a agência noticiosa Xinhua.

Deng discursava durante um encontro no Grande Palácio do Povo com o vice-Presidente da Roménia, Manea Manescu, que se encontra de visita à China.

A China, um das cinco potências nucleares, afirma que mantém um arsenal atómico mínimo para impedir ameaças das superpotências e proibiu os ensaios nucleares no espaço durante vários anos.

Pequim também reduziu unilateralmente as forças militares, desmobilizando um milhão de homens dos quatro milhões de soldados do poderoso Exército de Libertação Popular.

neiro-ministro

issão

anês. Rashid Karami, anunciou a crise política e ecoas críticas feitas ao seu Governo e muçulmanos.

rami, que chefiava o Governo de formado há três anos numa ten guerra civil libanesa, que se ar a demissão numa comunicação

que tudo o que se está a passar libaneses e do Líbano em geio ser sua obrigação assumir uma der o povo».

libanês, Amin Gemayel, disse do Governo, complicado pela o- ministro, não especificando o pedido de demissão de Ka-

forços ou sacrifícios para fazer ova situação governamental de es», sublinhou Gemayel.

ELEIÇÕES BRANCAS NA ÁFRICA DO SUL

Michel Bole-Richard

«Le Monde»/DL

Na parede de um edifício da Cidade do Cabo, uma mão anónima e irreverente escreveu a seguinte inscrição: «Este ano o 1º de Abril calha no dia 6 de Maio». As eleições legislativas, que foram antecipadas para aquela data, serão, afinal, algo mais do que uma farsa? Uma mentira boçal denunciada por um crítico irreverente que as reduz a uma brincadeira sem consequências?

Esta opinião parece, aliás, ser partilhada por Pieter Dirk Uys, o maior humorista da África do Sul. «Somos 30 milhões, dos quais 700.000 votam a favor de Pieter Botha (2 por cento da população). Não é um governo democrático, é um pequeno conselho municipal», escreveu Uys, que acrescentou: «Uma eleição branca é tão significativa como um católico pregando contra a utilização de camisas de véus num mundo infestado pela SIDA».

Apesar destas afirmações, Pieter Dirk Uys apelou aos seus concidadãos para irem votar na quarta-feira: «Se não usarmos, agora, este privilégio, de modo a exprimirmos a nossa vontade ou seja, dar o voto aos cidadãos negros deste país, que já sabem o que fazer com ele, não poderemos mais tarde afirmar: eu não sabia...».

Considerando que a África do Sul está a resvalar para uma sociedade «lobotomizada», que é ilustrada por um croquis representando uma

família sentada à mesa e cujos membros escondem com uma mão a boca, os olhos ou as orelhas, o caricaturista goza com os diferentes partidos políticos pondo em jogo as suas siglas e montando com elas um jogo de palavras em torno do tema «Fazer as Malas» (to pack). Uma alusão a todos os que abandonaram o país: 38 por dia durante o ano passado. A direita, HNP e CP: «Has not packed», «Can't pack» (não fez as malas, não as pode fazer). Para o partido governamental NP: «Not packing» (não as tem feito). Para a oposição liberal PFP: «Packed for Perth» (partiu para Perth, na Austrália). E, finalmente, para os independentes «Ind»: «I now dare» (agora posso tentar).

Durante algum tempo, Pieter Dirk Uys pensou em apresentar-se nas eleições como adversário do ministro dos Negócios Estrangeiros,

Pik Botha, seguindo de certo modo o exemplo de Coluche em 1981. Após ponderar no assunto, Uys considerou que apesar de se destinarem à minoria branca, as eleições de quarta-feira são um assunto sério, que ultrapassam as lutas entre partidos e candidaturas. Um conhecido jornalista sul-africano, Allister Sparks, tentou dissecar o debate que agita os meios liberais brancos e que se resume na seguinte questão: ao votar, «não nos tornaremos cúmplices de um sistema odioso, seja para o restringir ou para o legitimar».

Na verdade, sublinha o autor, apesar de ser reservado aos brancos, o escrutínio diz respeito, em primeiro lugar, aos negros. O futuro político da maioria tem sido o tema central da campanha. «É errado», escreve Allister Sparks, estabelecer uma diferença entre uma política branca e uma política negra. O dilema sul-africano baseia-se, sim, no desafio colocado pelo nacionalismo negro ao nacionalismo afrikander, que tem o monopólio do poder. Ora, isto quer dizer que o nosso futuro dependerá da interacção desses dois nacionalismos».

Uma questão que parece ter sido entendida por todas as organizações anti-apartheid e que levou talvez algumas a não apelarem oficialmente ao boicote das eleições, apesar de todas as considerações como um «não acontecimento», uma «comédia bufa», ou uma «manobra de diversão».

«É ridículo acreditar que o problema da partilha do poder com os negros pode ser resolvido na ausência destes», sublinha Natho Motlana, presidente da associação cívica do Soweto. Mesmo se a questão central que domina o actual debate é, por vezes escamoteada, a verdade é que é ela o centro do próprio escrutínio. Murphy Morobe, porta-voz da UDF (Frente Democrática Unida) levou o raciocínio um pouco mais longe: «A conduta dos brancos nas eleições vai determinar o tempo que nos separa da guerra ou da paz».

No entanto, ninguém tem ilusões. Os nacionalistas; no poder há 39 anos, são considerados os vencedores das eleições de 6 de Maio. A única interrogação é a de saber as restrições que pesarão sobre a maioria tanto à direita como à esquerda do seu próprio xadrez político, e qual a utilização que fará do seu sucesso.

É inegável que o apoio a esta formação, ainda considerada pelos afrikanders como parte integrante da sua identidade, tem sofrido erosões ao longo de consultas sucessivas. Os números são disso testemunho. Esta vez, mais do que nunca, a medida da sua popularidade será o absentismo. Os analistas políticos prevêm que uma percentagem de abstenções mais elevada do que em 1981 (31 por cento). Uma previsão que se poderá concretizar, já que o desinteresse pelo escrutínio é evidente entre a população.

Uma campanha triste

É verdade que o desenvolvimento da televisão que, em 1981, tinha apenas cinco anos, contribuiu para a desmobilização registada nesta campanha, cujos meetings tiveram uma assistência pouco numerosa... Mas isso não explica tudo. Podia-se esperar um debate violento sobre as questões vitais para o país. Mas, na realidade, a campanha foi sobretudo lúgubre e não apaixonou a opinião pública. «Ninguém apresentou nada de novo», constata o diário pró-governamental «The Citizen», que considerou os debates «monótonos».

A África do Sul parece um pouco desiludida. Acresce a este cenário, o facto de as eleições à americana, ou à europeia, não se terem ainda implantado no país. Não existem cartazes a cores, nem spots publicitários, nem debates entre candidatos rivais na televisão do Estado, que favorece amplamente o partido do governo.

E se tivermos em conta que a maioria da população tem nesse meio a sua única fonte de informação, então é possível apreendermos das repercussões que poderá ter o tratamento privilegiado concedido ao partido dominante, e compreender também a apatia dos eleitores diaramente submergidos por um discurso eternamente justificado pela ameaça negra e o perigo do comunismo representado pelo ANC. O estado de emergência acentuou, por outro lado, o corte com a realidade ao privar os cidadãos de informação sobre os aspectos concretos de uma crise profunda.

Estas contatações não nos podem, contudo, levar a esquecer que os afrikanders estão ligados visceralmente ao seu partido, símbolo de uma longa luta pelo poder. Eles não se coíbem, contudo, nas críticas que lhe fazem, mas, por um instinto de sobrevivência, a maioria dos afrikanders continua a dar-lhe a sua confiança, ao mesmo tempo que ninguém pode hoje meter em causa a sua supremacia. Nem a direita, nem os liberais.

Uma direita que, para o chefe de Estado, representa uma ameaça crescente no terreno eleitoral. Por isso mesmo, um dos objectivos destas eleições antecipadas é o de reconduzir a direita ao seu lugar. A sua importância é, contudo, real, mas o impacto tem sido reduzido por causa de divisões internas. Com efeito, apesar das tentativas do movimento de extrema-direita AWB (Movimento de Resistência Afrikander) que não apresentou candidatos de unificar as forças do HNP e do CP (conservador), acabou por não ser assinado nenhum pacto eleitoral. O HNP acusou o CP de o querer assimilar, enquanto o CP considerou excessivos os desejos do seu rival. «Um que iria o casamento, enquanto o outro mais não queria do que a concubinação», afirmou uma nacionalista.

As feridas na cidadela afrinkander não são menos profundas. Elas têm contribuído para paralisar cada vez mais a máquina nacionalista que, com medo de provocar uma cisão nos seus flancos de esquerda e de direita, eterniza-se nas evasivas, que têm gerado um descontentamento nos dois campos. Os discursos contraditórios dos ministros a propósito, por exemplo, das modificações a introduzir na lei da habitação separada que não pensam abolir demonstram claramente a imprecisão das intenções do poder em matéria de reformas, prometidas mas nunca formuladas concretamente.

Continua-se a falar de «alargamento da democracia», do acesso dos negros «ao mais alto nível de decisão», fazendo apenas referência a um sistema de cooptação que já provou ser ineficaz. Repete-se há anos que é necessário encontrar estruturas políticas para os dez milhões de negros que vivem nas cidades e que não têm possibilidade de votar nas «homelands» e mais não se faz do que ressuscitar o velho conceito de «cidade-Esato» que faria do Soweto uma Nação.

O Partido Nacional, que se define como o partido da razão, do bom senso, do «centro», mais não faz do que apresentar soluções que o não são, rejeitando a única proposta construtiva, feita pela associação Indaba: a criação de uma estrutura multiracial na província do Natal. O conjunto dos seus projectos leva a que não se dê crédito à primeira parte do slogan: «Reforma sim, rendição não». O presidente da República foi perefeitamente claro: «Nunca li na Bíblia que para ser um bom cristão teria de me suicidar para dar prazer a outro», quer dizer, aos negros.

Para a Azapo, é fácil, assim, concluir que, «se os brancos não chegam a acordar sobre a estratégia e as técnicas a adoptar, eles são, contudo, unânimes sempre que se trata de impedir o acesso dos negros às esferas de decisão do país». A despeito desta crítica aformação, é evidente que há alterações que estão prestes a dar-se nos meios políticos brancos. Face ao duplo assalto dos seus intelectuais e do seu flanco direito, o Partido Nacional arrisca-se, pela primeira vez na sua história, a não alcançar a maioria absoluta, ao mesmo tempo que o falta de simpatia da juventude pelo partido constitui um outro handicap sério.

Depois de 6 de Maio, continuará Pieter Botha evitar um maior dilaceramento da nação afrinkander, que é a sua obsessão? Ele velará por ela até ao fim do seu mandato, em 1989, já que está determinado a cumpri-lo. «Se, após cinco anos de presidência, me sinto tão bem como esta noite, então teremos ainda muitas coisas a fazer em conjunto», afirmou durante um meeting eleitoral.

casa da comédia

ELECTRA

OU A QUEDA DAS MASCARAS

MARGUERITE YOURCENAR

GLICÍNIA QUARTIM ZITA DUARTE JOÃO D'ÁVILA
VIRGÍNIO CASTELO ROCHA SANTOS JUVENAL GARCÉS

UM ESPECTÁCULO DE

FILIPE LA FÉRIA

O maior acontecimento teatral da temporada.

Rua S. Francisco Borja, 24, Tel. 60 72 99 - 67 74 81

De Terça a Sábado 21.45, Domingo 17h

O espectáculo termina às 11.30 horas



Sub. Montagem SEC e Fundação Calouste Gulbenkian

Patrocinio-Seguros

Apoios: Câmara Municipal de Lisboa • Instituto Franco-Português • Svedbergh, Ld. • Escandipiel • Schreder • Alfredo Pires Forra
• Adicias • O Jornal • Diário de Lisboa • Diário de Notícias • Éxito • A Capital • Revista Mulheres • Antena 1 • Diário Popular • Edições
Rolim, Ld. • J.L. • Rádio Comercial • J. Duarte & Filhos, Ld. • Le Coq Sportif • Desportex • Transalpino • Globotex • Torrens & Marques
Pinto, Ld. • Andaluga • Litografia Tejo, Ld. • Lusallite • Foto-Artis, Ld. • Sinf • Complas, Ferro • Fabricoar • TTA • Domingos & Nogueira,
Ld. • Escola Superior de Belas Artes •

Durante o ano de 1986

CERCA DE 800 JOGOS DE FUTEBOL FORAM PALCO DE AGRESSÃO E VIOLÊNCIA

● 253 agressões a árbitros e 105 invasões de campo

Alves Henriques

«A violência é um fenómeno social actual de vasta envergadura cujas origens são essencialmente exteriores ao desporto e este é frequentemente palco de explosões de violência». Este preceito foi considerado pelos membros da Convenção Europeia «sobre a violência por ocasião das manifestações desportivas e nomeadamente de jogos de futebol», quando da reunião de Estrasburgo ocorrida em 4 de Setembro de 1985.

Os estados membros convencionaram, então, tomar medidas para «prevenir e dominar a violência e os excessos dos espectadores por ocasião dos jogos de futebol, comprometendo-se a tomar, dentro do limite das suas respectivas disposições constitucionais, as medidas necessárias para tornar efectivas as disposições da Convenção».

Como acções então preconizadas, as partes comprometeram-se a «garantir a mobilização de forças da ordem suficientes para fazer face às manifestações de violência e aos excessos, quer nos estádios quer nas proximidades, e também ao longo das vias de acesso utilizadas pelos espectadores» tendo ainda resolvido «aplicar ou, se necessário, adoptar uma legislação na qual se imponham às pessoas reconhecidamente culpadas de infracções penas adequadas e até medidas administrativas apropriadas».

Naturalmente que se elogiam as intenções só que a solução não é tão fácil como se postula nem a meta primeira consiste na repressão. De resto, os signatários da Convenção recomendam a tomada de medidas nos domínios social e educativo chamando a atenção para a «potencial importância dos meios de comunicação de massa, para prevenir a violência no desporto ou durante as manifestações desportivas, nomeadamente promovendo o ideal desportivo mediante campanhas educativas e outras, cultivando a noção do 'fair-play', em especial junto dos jovens, a fim de favorecer o respeito mútuo quer entre os espectadores quer entre os desportistas, e estimulando igualmente uma participação mais activa no desporto».

Ressalta deste tremendo fenómeno — como diria o conhecido analista U. Claes no seu estudo sobre «Violência e 'fair-play' no desporto — causas e medidas que o «vandalismo não é exclusivamente devido ao que se passa no campo entre os jogadores e o árbitro. Naturalmente o es-

pectáculo tem um papel, assim como cada um dos elementos desempenha o seu. A esfera à volta do campo é particularmente determinada por estes elementos. A rivalidade entre os espectadores pode ser ou não estimulada, mas o núcleo, o motor do vandalismo no futebol, está activo tanto antes como depois do jogo». E aquele sociólogo aponta esta reflexão sobre o tema: «mesmo que a ciência pudesse revelar exactamente os factores determinantes do comportamento agressivo, ela é ineficaz quanto à resolução do problema» e sugere três medidas fundamentais para diminuir a violência no desporto e promover o «fair-play». São estes os tipos de medidas preconizados: medidas pedagógicas que permitam uma nova mentalidade desportiva; medidas estruturais relacionadas com o regulamento no desporto e medidas repressivas orientadas para controlar o comportamento não desportivo.

Não basta colocar arame farpado

Por cá, cada vez mais os campos de futebol se vão transformando em palcos de violência e vandalismo, através do comportamento agressivo das multidões que, ao toparam o mais pequeno atropelo às leis do jogo por parte do árbitro, incendiam todas as suas vísceras e vão de atiar os parceiros que ocupam o lugar mais chegado, para lançar sobre o juiz do confronto desportivo todo o tipo de agressão, primeiro via do grito e do assobio e depois através do lançamento de qualquer objecto sem cuidar de saber se a garrafa ou a pedra irá remeter alguém para o hospital ou até mesmo para a morgue.

Naturalmente que sendo o desporto um fenómeno social ele reproduz o padrão onde se sustenta, e, existem defensores de que a «agressão é consequência duma qualquer frustração e que cada uma destas faz reviver outra forma de agressão». Não discutimos a tese e dando de barato que a

aceitaremos, lá estamos a concluir que a sociedade é culpada de tudo, já que as frustrações advêm da sociedade e um indivíduo é parte integrante dela, logo, teremos que acordar de que o instinto agressivo é fecundado na actividade social, profissional e familiar. E, sendo assim, existe um longo percurso de carácter educacional que obviamente deverá fazer escala em sucessivos marcos da vida dos povos.

Para evitar a violência nos recintos da prática desportiva, com o futebol a ocupar lugar de desonroso destaque, não basta colocar arame farpado ao redor dos estádios, proibir a venda de bagaço e correlativos, separar claques rivais ou montar dispositivos de segurança com homens belicamente armados já que, sociologicamente, existem métodos preventivos bem mais eficientes do que os inspirados em ideias repressivas.

Por cá, ainda não tivemos acontecimentos em nada comparáveis com o massacre de Heysel e a outros igualmente graves conflitos, ocasionados pelo comportamento agressivo de certas turvas e cometidas através da «solidariedade de grupo» e geradas pelo predomínio do inconsciente.

Simplesmente, e tendo o cuidado de atentar nos relatórios regularmente emitidos pela Repartição de Relações Públicas da GNR, o que por aí se passa começa a provocar susto para o pacato cidadão que ao domingo elege um qualquer estádio para palco do espectáculo da sua afeição. Para que o leitor não nos acuse de derrotistas ou conselheiro menos avisado, diremos que no ano de 1986 verificaram-se incidentes graves em 742 jogos de futebol, mais de três centenas de desordens entre assistência, o arremassar de pedras e garrafas para o árbitro foi um vê se te avias, invasões de campo com o propósito de malhar nos árbitros registaram-se 105 casos e, quanto a árbitros vítimas da fúria de espectadores, jogadores, dirigentes, treinadores e massagistas recolhemos o significativo número de 253 tudo isto e ainda vários casos de agressões entre jogadores, jogadores e árbitros, jogadores e assistentes, insultos e agressões e elementos da GNR, etc.

Os números que revelamos através dos quadros aqui publicados respeitam apenas à área de jurisdição da GNR e que compreende 1118 recintos desportivos policiados por 492 postos distribuídos por quatro batalhões, já que, como é sabido, a



PSP superintende nas zonas urbanas onde a violência e o vandalismo não estão isentos de acção.

São números alarmantes e tardam as soluções que deverão brotar de métodos pedagógicos.

As entidades oficiais cabe dar cumprimento prioritário às recomendações consubstanciadas no Tratado n.º 120 da Convenção Europeia sobre a violência no desporto e no que respeita a dirigentes e técnicos deverão cuidar mais na área do domínio da sensibilização para a pureza desportiva. Os atletas terão de conhecer as regras e silenciar as decisões dos árbitros uma vez que estes tem poderes discricionários na matéria. Sobre os dirigentes do sector da arbitragem futebolística cremos que há pessoas a afastar e métodos a corrigir, visando acabar, de vez, com as suspeições que por aí se arrimam no que toca a subornos e outras atitudes que bulem com a dignidade da causa onde se acobertam.

E já agora convirá ter em conta que muitos distúrbios e algumas ocorrências que vão explodindo pelas bancadas tem efeito na impreparação, insuficiência e falta de rigor de certos árbitros, pelo que não se deverão excluir do palco dos culpados e reclamar para si o patamar dos inocentes.

Árbitros agredidos: 253

Durante o ano de 1986 verificaram-se ocorrências de incidentes em 742 espectáculos desportivos, dos quais 732 em jogos de futebol e apenas 6 no hóquei em patins, 3 no andebol e 1 no hóquei em campo. Veja-se o número e o distrito onde se verificaram:

V. do Castelo	42
Braga	68
Porto	161
Vila Real	30
Bragança	7
Aveiro	118
Viseu	62
Coimbra	33
Guarda	8
C. Branco	5
Leiria	68
Lisboa	39
Santarém	27
Setúbal	19
Portalegre	6
Évora	27
Beja	11
Faro	11
TOTAL	742

Incidentes em 742 jogos

Registaram-se 1233 incidentes em 742 jogos, com relevância para ocorrências provocadas pelo público (310), e agressão ao árbitro (352) e arremesso de objectos (201). Eis o número e tipo de casos:

Jogos com incidentes	742
Insultos à GNR	16
Agressão à GNR	12
Invasão de campos	105
Arremesso de objectos	201
Incidentes entre jogadores e árbitro	29
Incidentes provocados pelo público	310
Incidentes provocados pelos jogadores	197
Incidentes provocados pelos árbitros	3
Incidentes provocados pelos dirigentes	91
Agressão ao árbitro	253
Incidentes entre jogadores	10
Incidentes entre público e jogadores	3
Incidentes entre público e árbitros	3
TOTAL	1 233

O quadro (negro) dos últimos três anos

Para análise dos diversos incidentes ocorridos nos últimos três anos, melhor será deixar os números à consideração do leitor e, de forma particular, às entidades directamente responsáveis pela melhoria da disciplina dentro dos complexos desportivos:

	1984	1985	1986
Desordem na assistência	358	355	310
Arremesso de objectos	237	191	201
Invasão de campos	159	89	105
Agressão ao árbitro	383	274	253
Desordem entre jogadores	26	12	10
Incidentes entre árbitro/jogadores	89	64	29
Incidentes entre público/árbitro	20	6	3
Incidentes entre público/jogadores	22	3	3
Incidentes provocados pelo árbitro	41	22	3
Incidentes provocados por dirigentes	106	61	91
Incidentes provocados por jogadores	211	189	197
Insultos à Guarda	24	16	16
Agressão à Guarda	27	18	12
TOTAL	1 703	1 300	1 233

Ainda de acordo com os elementos conseguidos junto da 5.ª Repartição da GNR — Relações Públicas — podemos referir, comparativamente, o n.º de jogos com incidentes nos anos de 1981 a 1986:

	1981	1982	1983	1984	1985	1986
Jogos com incidentes	887	865	797	769	758	742
Total de incidentes	1 838	1 997	2 012	1 703	1 300	1 233

Verifica-se alguma redução ainda que tenhamos de considerar alarmante o elevado número de ocorrências sendo muitas delas postuladas de tamanha gravidade.

Futebol: FPF homenageou "históricos"

A direcção da Federação Portuguesa de Futebol homenageou, durante um almoço num restaurante de Lisboa, 13 antigos jogadores «internacionais» que integraram a selecção nacional em 1947.

Os antigos futebolistas fizeram parte da equipa portuguesa que obteve a primeira vitória no estrangeiro (na Irlanda a 4 de Maio de 1947) e primeira vitória sobre a Espanha a 26 de Janeiro de 1947.

Dos 16 «sobreviventes» das selecções nacionais dessa época, apenas Bentes, Capela e Albano não compareceram, os dois primeiros por dificuldades de contactos, tendo comparecido Azevedo, Cardoso, Feliciano, Amaro, Moreira, Jesus Correia, Araújo, Travassos, Rogério, Serafim, Vasques, Barrigana e Caiado.

José Amaro: a última pedalada



Morreu José Amaro. Esta a dolorosa notícia pelo desaparecimento de um desportista de

elevada estatura moral e profissional quando contava apenas 33 anos de idade. Durante a sua carreira, José Amaro representou os mais representativos clubes portugueses e pelo seu comportamento, verdadeiramente exemplar, tornou-se um ciclista respeitado por companheiros, técnicos, dirigentes e jornalistas.

Doença cruel arrebatou-o à vida e para sempre lá estará na sombra dos ciprestes chorado por sua esposa (D. Maria Fernanda Amaro), pelos seus jovens filhos e por todos os seus imensos amigos. José Amaro deu a última pedalada e o «DL» apresenta aos seus familiares as mais sentidas condolências.

ALTERAÇÃO PARCIAL

No dia treze de Abril de mil novecentos e oitenta e sete, em Lisboa e no Décimo Segundo Cartório Notarial, perante mim, Licenciada Lidia Rodrigues Maia Devesa, Notária deste Cartório, compareceram como outorgantes:

PRIMEIRO: — Dr. FRANCISCO MARTINS COELHO, contribuinte fiscal n.º 155306871, natural do Porto, freguesia de Bonfim, portador do bilhete de identidade n.º 3043115, emitido em Lisboa em 5 de Março de 1985, residente na Rua Sofia de Carvalho, lote 146-A, rez-do-chão, direito, em Algés, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, casado com a segunda outorgante, Maria Paula Mota Mateus Martins Coelho, sob o regime de comunhão de adquiridos.

SEGUNDO: — MARIA PAULA MOTA MATEUS MARTINS COELHO, contribuinte fiscal n.º 164843833, natural de Lisboa, freguesia de Santa Justa, portadora do bilhete de identidade n.º 9685795, emitido em Lisboa em 1 de Março de 1985, casada sob o indicado regime de bens com o primeiro outorgante e com ele residente na referida morada.

VERIFIQUEI a indentidade dos outorgantes por exibição dos seus indicados bilhetes de identidade.

PELOS OUTORGANTES, foi dito:

— Que como consta da certidão passada pela Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, que me foi apresentada, são eles Francisco Martins Coelho e Maria Paula Mota Mateus Martins Coelho, os únicos sócios e ele também único gerente, da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada «MA-CONAVE — NAVEGAÇÃO E TRANSPORTES LIMITADA», com sede em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, número sessenta e cinco, quarto andar, letra A, freguesia da Madalena, titular do cartão de identificação de pessoa colectiva número 501623350, válido até trinta e um de Janeiro de 1989.

Sociedade que tem o capital social de cinco milhões de escudos e está matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número sessenta e dois mil quatrocentos e noventa e dois, a folhas setenta e oito do livro C-cento e cinquenta e sete.

Que a sociedade foi entre eles constituída por escritura de cinco de Dezembro de mil novecentos e oitenta e cinco, lavrada a folhas seis e seguintes do livro de notas para escrituras diversas número cento e setenta e sete — D, deste Cartório.

Que naquele capital social de cinco milhões de escudos, integralmente realizado, possui o primeiro outorgante, Francisco Martins Coelho, uma quota do valor nominal de quatro milhões novecentos e noventa e cinco mil escudos e possui a segunda outorgante, Maria Paula Mota Mateus Martins Coelho, uma quota do valor nominal de cinco mil escudos.

Que as quotas se encontram livres de penhor ou de qualquer outro encargo. Que, como únicos sócios da referida sociedade e representando a totalidade do seu capital social, deliberam por unanimidade alterar o seu objecto social, que passa a ser «Agência de Navegação, Afretamentos de Navios e Tránsitos» e, em consequência, substituir a redacção do Artigo Segundo do pacto social pela seguinte:

SEGUNDO

A sociedade tem por objecto: Agência de Navegação, Afretamentos de Navios e Tránsitos.

ASSIM OS OUTORGARAM.

Adverti os outorgantes de que esta escritura tem de ser apresentada a registo na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, no prazo de noventa dias a contar de hoje.

Fica arquivada no maço de documentos referentes este livro:

A mencionada certidão da Conservatória.

Foi-me exibido: O certificado de admissibilidade de firma ou denominação, emitido em doze de Março findo pelo Registo Nacional de Pessoas Colectivas e válido por cento e vinte dias, donde consta a alteração do objecto sofrida pela Sociedade.

Esta escritura foi lida e o seu conteúdo explicado em voz alta aos outorgantes na presença simultânea de ambos.

«DL» — 5/5/1987

TEATRO
ABC Lisboa Tejo
e Tudo Nova Versão
A Revista mais premiada do Ano

Caso Mapuata prossegue

Belenenses recorre da decisão federativa

O «caso Mapuata» tornou-se ainda mais «escuro» e confuso, após a conferência de Imprensa dada pela direcção do Belenenses, naquilo que poderá ser apenas a «ponta de um icebergue» no futebol português.

O jurista Augusto Ramos Lopes, em representação do Belenenses, começou por manifestar a «estupefacção e a imensa surpresa» causada com o conhecimento do acórdão do Conselho de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol de 23 de Abril último. «O «caso Mapuata» tomou proporções exageradas pela injustiça e imoralidade desportivas. Toda a razão está com o Belenenses e podemos provar...» — afirmou o advogado do clube do Restelo.

A decisão do Conselho de Justiça da FPF, mandou retirar os dois pontos que o Belenenses havia ganho frente ao Marítimo, atribuindo-os ao clube madeirense, em virtude de irregularidades na inscrição do jogador zairense.

Benfica

História dos cem mil contos vai originar assembleia geral

Andam «mosquitos por cordas» entre os antigos e actuais dirigentes do Benfica, provocados pela alegada retirada de 100 mil contos que o executivo de Fernando Martins teria em conta cative e destinados a satisfazer parte da dívida do clube para com a empresa construtora do 3.º anel, e que, após o acto eleitoral e consequente eleição de João Santos para render aquele conhecido hoteleiro, teriam sido aplicados na compra do passe do futebolista Elzo.

Os actuais gestores benfiquistas têm vindo a acusar Fernando Martins e seus pares por aquele acto ser considerado à revelia do rigor desejado.

Das acusações formuladas e no propósito de esclarecer os associados, irá ser solitida a marcação de uma assembleia geral

Ramos Lopes começou por atacar as afirmações postas a circular que o Belenenses poderia ter sido beneficiado pela FPF aquando da autorização para Mapuata jogar frente ao Marítimo, e manifestou, também, a sua estranheza pelo aparecimento do acórdão naquele sentido, depois de o Conselho de Justiça ter anteriormente mandado arquivar os autos do processo.

A decisão do Conselho de Justiça surgiu no seguimento de um recurso apresentado pelo Marítimo, que se sentia lesado pela inclusão do zairense na equipa do Belenenses.

Depois de referir que o Belenenses recebeu a autorização verbal do secretário-geral da FPF, César Grácio, com base num despacho escrito, Ramos Lopes defende não existir nenhum vício processual na comunicação om base nos preceitos legais.

O mesmo advogado reconheceu que uma parte central da questão



Mapuata: ele não tem qualquer culpa

residiu no facto de se saber se existe ou não eficácia legal na autorização dada verbalmente por César Grácio e que segundo a sua interpretação (com base nos preceitos) é inteiramente válida.

Ramos Lopes argumenta que o acórdão reflecte uma interpretação errada dos aspectos legais,

mostrando-se surpreendido por o mesmo acórdão «dizer que houve infracção e culpa do Belenenses no processo».

O Belenenses interpôs recurso para o Pleno do Conselho de Justiça, com base no Artigo 77.º daquele regimento, mas afirmou desconhecer quando será dada a conhecer a decisão sobre o esmo. «Apenas posso dizer que a decisão sobre o recurso para o Pleno do Conselho de Justiça deverá ser rápida...» — adiantou.

A direcção do Belenenses, que esteve representado pelo seu vice-presidente distribuiu à Imprensa uma fotocópia do telex enviado pela Federação Zairense de Futebol à FPF no sentido de libertar completamente o jogador Mapuata e com base naquele telex, cuja data apontada é 8 de Novembro de 1986, o jogador Mapuata (segundo o advogado do clube) ficou apto a alinhar logo que o Belenenses recebeu a autorização (embora verbal) da entidade competente, neste caso a FPF.

memorativa do 60.º aniversário da Associação de Futebol de Setúbal, segunda-feira à noite.

Referindo-se à Associação de Futebol de Setúbal como um exemplo de luta tenaz contra o descalabro do futebol, Malaquias Lemos afirmou que ela foi a pioneira e hoje não está sozinha pois a luta vai conduzir à vitória.

Correia da Fonseca: nova distinção

Na mesma sessão, o director das Apostas Mútuas, Correia da Fonseca, ao falar sobre «as apostas mútuas como fonte de financiamento das actividades desportivas», disse que «nas receitas das apostas mútuas desportivas, Portugal está em 10.º lugar

com 32 milhões de contos arrecadados em 1986». Com as receitas cobradas pelo nosso país prova-se que não é nos países pobres que o jogo está mais acentuado. À frente de Portugal estão a Alemanha Federal, França, Espanha, Bélgica, Itália e outros, afirmou.

Correia da Fonseca recebeu o diploma de sócio honorário da Associação de Futebol de Setúbal, tendo sido já galardoado com a medalha de honra da cidade.

Na sessão intervieram ainda representantes de clubes, que felicitaram a associação aniversariante, bem como o presidente do município, Mata Cáceres, e o director-geral dos Desportos, Mirandela da Costa.

Colectividades

Sport Grupo Sacavenense

Tendo como objectivo realizar as eleições dos corpos gerentes para o biénio 1987/89 realiza-se, no próximo dia 8 a assembleia geral do Sport Grupo Sacavenense. A sessão terá lugar pelas 21.30 horas na sede da colectividade.

Clube de Vela de Távira

Entre os próximos dias 17, 18 e 19 vai decorrer ao largo da Ilha de Távira o XI troféu internacional organizado pela secção de vela do Clube de Vela de Távira. A prova é aberta a todas as classes de barcos e a pranchas à vela (divisões I e II) excluindo cruzeiros e pequenos cruzeiros.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

15.º JUÍZO ANÚNCIO

EXECUÇÃO Ordinária N.º 1673 2.ª Secção

EXEQUENTE Afonso Nazaré Alves Moreira, residente na Rua do Alcaide, 37, Lisboa.

EXECUTADO BERNARDINO DO LIVRAMENTO, LIMITADA, com sede na Rua da Liberdade, n.º 5, Cova da Piedade, Alameda.

Por este Tribunal correm editos de vinte dias, que comecem a contar-se da data da publicação do segundo e último anúncio, ficando os credores desconhecidos daquela categoria para no prazo de dez dias posteriores ao dos editos, virerem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 27 de Abril de 1987

O Juiz de Direito (Fábio de Canel) Pel'O Escrivão do Direito (Luís M. Rocha Cândido)

«DL» — 5/5/87 — 2.ª Pub.

"Vuelta": Acácio baixa três lugares

O colombiano Luis Herrera conquistou a camisola amarela, ao vencer isolado a 18.ª etapa da Volta à Espanha em bicicleta, entre Santander e Lagos de Covadonga, na distância de 179 quilómetros.

Herrera, que arrebatou a camisola amarela ao alemão-federal Raimund Dietzen, fez 5.16,10 horas, à média horária de 33,969, numa etapa com cinco contagens de montanha. O segundo classificado foi o espanhol Vicente Belda, seguido do irlandês Sean Kelly e do colombiano Oscar Vargas, a 1.26 minutos do vencedor.

Acácio da Silva, em 33.º lugar a 4.37 do primeiro, o colombiano Luis Herrera, foi o português melhor classificado na etapa.

De entre os restantes portugueses em prova, Jacinto Paulinho, do Sporting, foi 81.º, a 10.32 de Herrera, José Xavier (83.º), a 11.13 e Serafim Vieira, 101.º, a 13.37 do vencedor.

Na classificação geral os portugueses ocupam as seguintes posições: 21.º Acácio Silva (KAS), a 08.06; 83.º Jacinto Paulinho (Sporting), a 47.14; 112.º José Xavier (Sporting), a 01.07,24 e 114.º Serafim Vieira (Sporting), a 01.07,41.

Jogos da Cidade: realidade em evolução

A 4.ª jornada do Torneio de Futebol de Salão, integrado nos I Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa — organizados pelo Pelouro de Desporto da CML — cuja fase final integra 40 equipas distribuídas por 5 séries, teve os seguintes desfechos:

Série A: Clube Atlético de Arroyos, 5 - Grupo Desportivo Amoreirense-Maria Amália, 1; Sport Clube Intendente, 5 - Junta de Freguesia do Castelo, 1; Xutos e Cabecadas, 6 - Águias da Fonte-Santa Futebol Clube, 4; e «Os Maiúsculas da Pena», 1 - Grupo Desportivo de Santos, 3.

Série B: Grupo Desportivo do Giestal, 2 - Movimento Juvenil de São Vicente de Paula, 2; União JPG, 7 - «Os K e K do Ateneu», 1; «A Juventude Vermelha», 4 - «Os Veteranos», 2; e Sport Lisboa e Lapa, 1 - Centro Clube Desportivo Sete Colinas, 5.

Série C: Viva a Graça, 7 - Academia Recreativa Leais Amigos, 0; Clube Desportivo Olivais e Moscavide, 4 - STJR Cordeiro «B», 1; Grupo Recreativo Escorpões Futebol Clube, 1 - «Os Catitas», 3; e Clube Recreativo Magriços do Norte, 5 - KPI, 0.

Série D: Atlético Cultural de Alfama, 2 - Escola Secundária D. Maria I (A), 7; Sport Lisboa e Águias, 3 - Recreativo Águias da Musgueira, 2; Colégio Moderno, 2 - Cruzense Atlético Clube, 3; e Gansos, 4 - Casa Sena, 7.

Série E: Palmeiras Lisboa Clube, 1 - Grupo Desportivo Zip Zip, 2; Escola Secundária do Restelo, 0 - Socorro, 2; Sport Futebol Palmense, 2 - Escola Secundária da Ameixoeira, 3; e «Os Flechas», 1 - Liceu Pedro Nunes, 5.

Lideram as respectivas séries as seguintes equipas, na Série A:

Sport Clube Intendente; Série B: Grupo Desportivo do Giestal; Série C: Clube Desportivo Olivais e Moscavide; Série D: Sport Lisboa e Águias; Série E: Escola Secundária da Ameixoeira.

Visita de Victor Gonçalves ao Ginásio do Alto Pina

Na sequência do extenso plano de actividade do Pelouro de Desporto da CML (em fase de forte dinamização) o responsável por aquele sector, dr. Victor Gonçalves e o seu assessor professor Mário Silva visitarão, esta noite (21 horas), as instalações do Ginásio do Alto Pina



Equipa de andebol masculino «Camões do Socorro»

Jornalistas

Títulos repartidos

III Jogos Ibéricos

Um lauto pic-nic no belo castelo de Montemor-o-Velho, oferecido pela pela Região de Turismo do Centro, encerrou, domingo passado, os III Jogos Ibéricos de Jornalistas.

Foi mais uma salutar jornada de convívio e desporto entre profissionais da Informação dos dois países, promovida pelo Clube de Jornalistas e pela Union de Periodistas de Espanha.

As vitórias e derrotas foram repetidas de modo equilibrado. No futebol de salão masculino, os espanhóis bisaram o «título» após uma renhida final com o JN do Porto. Todavia, no feminino, as espanholas que há um ano, em Cádiz, tinham desbaratado a inexperiencede turma lusitana depararam com duas bem apetrechadas equipas de Lisboa e do Porto. Perderam os dois jogos por 2-1 cabendo o título ex-aequo às duas turmas nacionais, que empataram entre si. A equipa de Lisboa, composta por destacadas «craques» (como a Anabela Natário e a Alexandra Campos, a «bota de ouro», ambas do «CM»), teve o «pássaro» na mão, mas um deslize inesperado nos minutos finais do jogo com as «nuestras hermanas» estragou a festa.

No futebol de onze, a equipa de Lisboa, campeã em Cádiz, repartiu, desta vez, o título com Madrid. As duas equipas empataram entre si (Lisboa falhou um penaltie) e Madrid ganhou o jogo com o Porto (2-1). A turma da capital, orientada pelo ex-«leão» Barnabé, só pôde fazer um jogo. Isto porque o pessoal «tripeiro», às voltas com o futebol de salão e com as noites, faltou ao segundo jogo e a «Federação» local optou por uma «saltillada» a pretexto de contentar gregos e troianos.

Na Pesca, os espanhóis, apesar sua mais eficiente frota, renderam-se à capacidade das minhocas do Carlos Albuquerque(RTP). No Xadrez, o luso campeão Luís Ochoa(RDP), também teve o primeiro lugar ex-aequo, graças à compreensão dos seus adversários de Madrid que lhe perdoaram o atraso nos jogos decisivos. Não havia, despertadores no Jogos Nacionais, grande mestre da classe, não foi feliz desta vez. No Ténis, Manuel Freire honrou velhos créditos garantindo o segundo lugar e, no Ténis de Mesa, Armando Pires(RDP) teve azar com o sorteio... No Atletismo fomos mais modestos. Faltou o Manuel Dias(DN), perdemos as corridas de fundo, mas o Alberico Alves deu cartas ao vencer o salto em altura e os 200 metros e foi segundo nos 100 e nos 400. Ana Rosado(RTP), foi a vencedora inesperada dos 400 metros femininos numa renhida final com Margarida Gomes(Lusa/Porto). No basquetebol, claro, reinaram os visitantes. Segundo a Lusa, o seleccionador Carlos Charneca distraiu-se um pouco com a «lerpa» (prevista já como modalidade oficial dos próximos Jogos...) e com isso facilitou a vida aos latagões da TV de Madrid. Metemos água ainda na Natação. «O eng. Abecasis tem de ir ver as piscinas de Madrid...», comentou, em jeito de desculpa, um dos corajosos nadadores lusos.

Destaque ainda para a magnífica conferência sobre as novas tecnologias da Informação, para a noite do casino (bailarinas, assim a as sim...mas é bom o par argentino), para as superlotadas discotecas da área, para as serenatas sem luar do Laje(Primeiro de Janeiro) e do Fidalgo(Expresso) e, claro, para a generosa hospitalidade figueirense.

EMPREGO

	T. 6 h	Min.	Max.	As 13 h.
Bragança	0	0	0,0	Limpo
V. Castelo	9	9	0,0	Limpo
Vila Real	4	4	0,0	Limpo
Porto	10	9	0,0	Limpo
Coimbra	9	9	0,0	Limpo
C. Carvoeiro ...	10	10	0,0	Limpo
C. Branco	-	-	-	-
Portalegre	6	6	0,0	Limpo
Lisboa	13	13	0,0	P. nub.
Évora	10	10	0,0	P. nub.
Beja	11	10	0,0	P. nub.
Faro	16	15	0,0	M. nub.
Sagres	14	14	0,0	M. nub.
P. Delgada	14	14	0,0	P. nub.
Funchal	17	16	0,0	M. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 24, Porto 21, Faro 25, Ponta Delgada 19, Funchal 21.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	5	4	Limpo
Londres	3	2	Pouco nub.
Paris	5	4	Muito nub.
Bruxelas	6	5	Chuva
Amsterd.	6	5	Encoberto
Genebra	3	3	Encoberto
Roma	15	14	Nebulosa
Oslo	5	4	Muito nub.
Copenhaga	8	7	Muito nub.
Estocolmo	2	2	Muito nub.
Berlim	8	5	Chuva
Viena	8	6	Muito nub.
Varsovia	14	11	Pouco nub.
Atenas	15	13	Nebulosa
Moscovo	17	8	Limpo

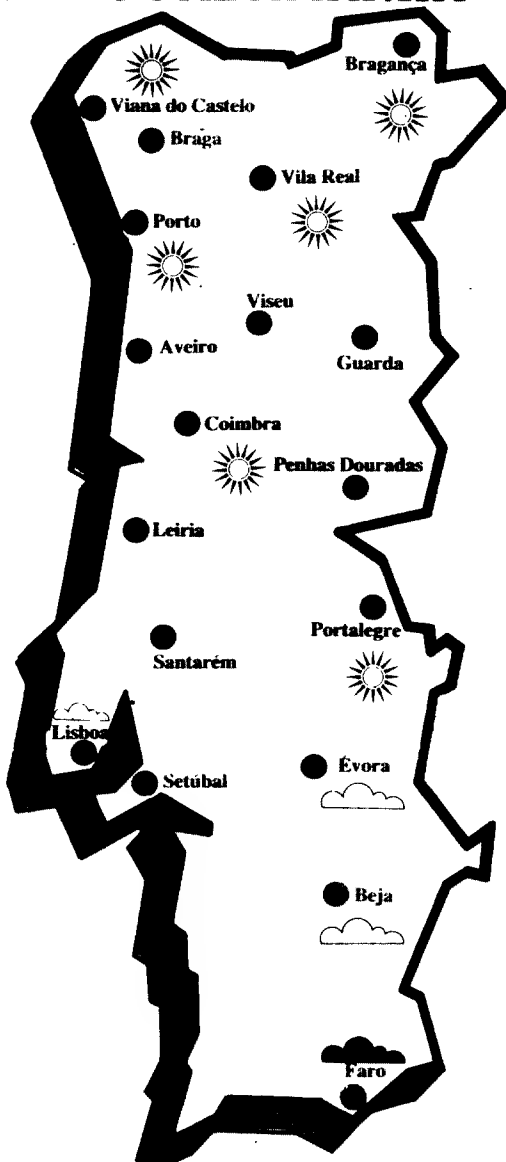
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

N M

	Min.	Max.	As 13 h.
Caracas	22	31	Limpo
Joanesburgo ...	12	25	Limpo
Los Angeles	14	25	Limpo
Montreal	1	12	Nublado
Nova Deli	20	28	Limpo
Nova Iorque ...	11	17	Limpo
R. de Janeiro ...	17	31	Limpo
S. Francisco ...	11	19	Limpo
Sao Paulo	11	25	Nublado
Tóquio	14	23	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



EUROPA ÀS 6 HORAS



TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu geralmente limpo nas regiões do Norte e Centro e temporariamente muito nublado nas regiões do Sul. Vento moderado de leste soprando com rajadas. Pequena descida das temperaturas mínimas.

Estado do mar:

Costa Ocidental: Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de noroeste de um a dois metros.

Costa Sul: Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de sueste de um a dois metros.

Nos Açores:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de leste por vezes com rajadas. Aguaceiros e condições favoráveis a ocorrência de trovoadas.

Estado do Mar: Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de nordeste de três a quatro metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco de nordeste.

Estado do mar: Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de norte de três metros.

AMANHÃ

Céu geralmente limpo. Vento moderado de leste.

DEPOIS

Céu geralmente limpo. Vento moderado de leste.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar	Baixa-Mar
9.01 2,9 m	2.09 1,8 m
21.24 3,1 m	14.24 1,9 m

Amãnhã

10.20 2,9 m	3.32 3,1 m
22.44 3,1 m	15.53 2,0 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

Um elétrico chamado Tennessee

Carlos Porto

O PAÍS DO DRAGÃO, de Tennessee Williams. Traduções: José Camões, Luiz Francisco Rebello e Manuel João Gomes. Dramaturgia e Enenação: Carlos Fernando. Cenografia e Figurinos: Dalton Salem Asseff. Direcção musical: Carlos Curto. Interpretação: Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, Rui Pedro, Manuel Mendes, Maria José Pascoal, Lia Gama, Elisa Lisboa, Maria José, Alexandre de Sousa. Músicos: Carlos Curto e Pedro Queiroz. Grupo Teatro Hoje. Estreia: Teatro da Graça/28-04-1987.

Não tem que enganar, é o eléctrico da Graça, desce-se ou sobe-se a Voz do Operário, e direita ou à esquerda há uma travessa — de S. Vicente —, no cimo o letreiro indica — é aqui que trabalha o Teatro Hoje, um dos principais off.

O Eléctrico podia também chamar-se do Desejo e nele viajariam, entre outras e outros, Blanche Dubois (inenarrável Vivien Leigh) e Alva, como no filme de Sidney Pollack (inesquecível Nathalie Wood); podia também chamar-se da Solidão, porque é disso que se trata. Ela aí está, outra vez, a terrível inimiga, outra vez como a tuberculose. Solidão que a espantosa humanidade que povoa estas peças de T. W. exprime: o homem que vai desaprendendo de falar; a avó aristocrática que com a neta inventou uma carta de Byron para assim ganhar uns dólares ou mesmo uns centímetros; Berta apodrecendo na cama de prostituta, enviando saudades ao comerciante de ferragens, seu antigo patrão, que a chulou; a velha tia Rosa que se esquece de acender o fogão para fazer a comida, velha imprestável que já ninguém quer e que se deixa arrastar por um turbilhão de vento num suicídio incrível; a mulher que sonha com uma outra espécie de solidão: algures num velho hotel que não existe, numa praia que não existe.

Um teatro pois feito de gente, de comida, de fome, de encontros e desencontros, de desesperos, de vultos esparsos, de crueldade e de amor, de adolescentes sem perdão; uma humanidade que sofre com o tempo que passa (marcado pelo tic-tac do relógio de parede), gente de um país desconhecido, o País do Dragão, onde devia ser proibido entrar, mas onde, um dia, não se pode deixar de entrar: «país inabitável e no entanto habitado».

São seis as peças apresentadas neste espectáculo: «Não posso imaginar o Amanhã», «Casa para Demolição», «A Carta de Amor de Lord Byron», «Jantar de Fome», «Saudades de Berta» e «Fala-me como a Chuva». No entanto, o trabalho dramático de Carlos Fernando propõe uma outra estrutura das peças que adquirem um carácter de globalidade que, representadas linearmente, não teriam. Para isso o dramaturgo dividiu a peça «Casa para Demolição» em fragmentos, funcionando cada fragmento ao mesmo tempo autonomamente e como ligação entre os vários episódios da sequência dramática que o espectáculo acab por ser, e de que o tema principal é a solidão. Além

disso, as personagens de «Casa para Demolição» estabelecem contactos mudos com personagens de outras peças, e por vezes personagens estão presentes no decorrer de peças a que não pertencem. Verifica-se assim uma interligação muito forte entre elas. Por último, há uma canção a abrir o espectáculo (Talk to me like the rain-/Fernanda Coimbra), e outras a pontuá-lo (Pennies from heaven/Lia Gama, St. Louis Blues/Carlos Fernando), além de uma canção que faz parte da trama da «Casa para Demolição» cantada por Maria José Pascoal.

Este jogo complexo e arriscado do dramaturgo e encenador, para além dos reflexos já assinalados, de que o principal é de impor uma leitura diferente dos textos, influi no próprio conteúdo significativo das suas personagens e das situações dramáticas.

É o que acontece, em termos mais evidentes, com as peças «Casa para Demolição» e «Fala-me como a Chuva». Fragmentada, a primeira perde densidade, torna menos perceptível o fio dramático que a define: Willie, adolescente, é Alva, a irmã morta que constantemente evoca, do mesmo modo que Alva é Willie, mais tarde. Esse jogo entre as duas personagens surge necessariamente atenuado; reconhece-se, no entanto, que esse apagamento é compensado, por um lado, pelo facto de cada fragmento surgir com uma identidade dramática própria e consistente, por outro, pelo enriquecimento que essa fragmentação implica no conjunto textual.

Em relação à última peça, «Fala-me como a Chuva», tenha-se em conta que ela funciona como contraponto da primeira, «Não posso imaginar o Amanhã», e ao mesmo tempo como a conclusão de um percurso, o fechar de uma abóbada. Para isso, Carlos Fernando, a meu ver, forçou um tanto o jogo, distorcendo a personalidade da personagem interpretada por Isabel de Castro para a reconstruir como «irmã gêmea» da personagem interpretada por Rui Pedro na primeira peça (as personagens destas duas peças não têm nome, o que é significativo). Clarifiquemos um pouco mais: na primeira peça, a personagem masculina, um professor, é um homem mentalmente afectado, próximo da esquizofrenia, professor que manifesta uma progressiva incapacidade para comunicar. Para conseguir que ele fale, a mulher que ama e a quem visita é obri-



gada a arrancar-lhe as palavras da boca, para usar uma expressão popular. Na peça final, a personagem feminina herda essa situação psicopata, embora com contornos diferentes. No entanto, quanto me parece, essa personagem é, no texto, uma mulher lúcida que apanha com outra espécie de solidão, evidentemente de carácter autista, uma solidão sem miséria, pela incapacidade de uma união séria com o homem. Quanto a este, o seu gesto de ternura final não é o da protecção de um homem são para uma mulher doente, mas sim a tentativa inábil e derradeira de fazer do amor física uma possibilidade ténue de salvação de ambos.

Tenha-se em conta que estas duas peças de T. W., a primeira bastante mais longa, são autênticas obras-primas no que se refere à dramatização de estados psicopáticos interiorizados.

Se estas personagens sem nome de T. W. funcionam mais a um nível simbólico, as restantes parecem bem reais: o casal norte-americano típico que festeja o Carnaval e entra por acaso numa casa onde se exhibe uma inventada carta de amor de Lord Byron; cena de comédia cujo desvio final é bem típico do autor: é de miséria que ali se fala; os jovens Willie e Tom, seres marginalizados; Berta, a prostituta sem esperança; o casal Archie Lee e Baby Doll, inocentemente desumanizados. Na sua maioria homens e mulheres vivendo situações sociais mais do que precárias. Porque se estas peças nos falam de solidão ou de amor, ou de desamor ou de desesperança, têm tudo a ver com situações e problemas sociais bem concretos. Daí o meu desacordo com Carlos Fernando quando este se refere a um «social que William não buscava muito»; a meu ver, o «social» de T. W. é muito forte embora em termos implícitos, de subtexto, mais do que em termos directos.

Estas peças, ou esta peça, implicam várias exigências, para além do seu entendimento e da sua reelaboração. É tempo de dizer que o espectáculo do Teatro Hoje é provavelmente o melhor

do grupo e um dos melhores espectáculos do tetro português recente. As soluções propostas por Dalton Salem Asseff resolvem criativamente os problemas postos por um espaço polivalente por onde passam dramas e personagens diversos. Desde as rosas que a tia Rosa corta a carris por onde Willie, instavelmente se equilibra (bem substituído por uma divisória em madeira); das escadas, da porta, tão importante na primeira peça; do posicionamento das camas — a cenografia levanta os espaços e os sinais que permitem o percurso correcto e eficaz destes dramas. sem esquecer a beleza decorativa de certas soluções como a da porta da cozinha, nem a criação de uma zona viva fora do espaço principal.

O trabalho de Carlos Fernando confirma a capacidade de um encenador que ainda há poucos anos era um amador com boa vontade e é agora um verdadeiro criador. Alguns pormenores deste espectáculo documentam-no: por exemplo, a maneira como na peça «Não posso imaginar o amanhã» coloca a duas personagens, aproveitando a cortina de gaze, cortina que «enova» a presença física ora de uma, ora de outra; a maneira como utiliza essa cortina na cena em que a velha tia Rosa se deixa levar pelo vento; a maneira como utiliza o relógio de parede, belo objecto, relógio que funciona, com o tic-tac e as pancadas a ritmar a acção e a sublinhar as relações das personagens com o tempo devorador de sonhos e esperanças (por duas vezes há nos textos referências a isso). O relógio, como a gaiola com o pássaro morto, são dois outros elementos que sinalizam o carácter unitário que Carlos Fernando quis dar aos textos.

Algumas propostas do encenador são porventura discutíveis. É o caso da introdução de canções, aliás sofrivelmente cantadas, menos a primeira, incluindo a que é interpretada pelo encenador, uma revelação. Esse recurso não parecia necessário, embora funcione, e resulta no alongamento de um espectáculo já bastante longo (embora seja por vezes necessário para mudanças de

cena). É o caso, talvez mais evidente, do tom dado à peça «A carta de amor de Lord Byron», tom de comédia acentuado pelo pendor talvez caricatural de Maria José, aliás num trabalho esplêndido, e de Alexandre de Sousa. Reconheça-se, todavia, que este tipo de interpretação tem muito a ver com o tipo do nosso humor teatral, o que é importante, e sublinha, em contraste forte, as características dramáticas do desfecho.

Ainda em relação à encenação, nota-se, embora raramente, um arrastamento excessivo, provocando um alongamento demasiado do espectáculo, já referido (menos um quarto de hora seria útil para todos, incluindo os espectadores).

É no trabalho dos actores que repousa em grande parte o encantamento que este espectáculo produz. A capacidade que este grupo demonstra em entender as personagens e as situações destas peças é um dos grandes trunfos deste trabalho. Isabel de Castro, especialmente na primeira mulher, menos convincente pela colocação de voz na segunda, um trabalho admirável; Rui Pedro confirmando que representar é como andar de bicicleta com a diferença que nunca o vimos interpretar tão bem, tão forte e intensamente como nestas duas personagens — o seu diálogo / confronto / encontro de amor com Isabel de Castro, na primeira peça, é um momento de grande teatro. Lia Gama reencontra-se e permite que a reencontro em Baby Doll, sobretudo em Berta, uma verdadeira criação; Fernanda Coimbra é uma comovente tia Rosa e uma aristocrata sulista notável; Alexandre de Sousa, um excelente Archie Lee, além do marido já referido; com Maria José, um momento de cómico puro muito bem (ou demasiado?) sublinhado; Maria José Pascoal atriz jovem quevimos em peças de O'Neill, Genet e Fassbinder, só agora atingiu o nível da autêntica criatividade: a sua Willie é provavelmente um trabalho que tão cedo não se esquecerá. Em papéis menos importantes, Manuel Mendes (Tom), Elisa Lisboa (Solteirona e Goldie), contribuem para o nível excepcional desta equipa.

A felicidade do crítico: os elogios ainda não acabaram. A qualidade, a intensidade das intervenções musicais (Carlos Curto e Pedro Queirós), a criatividade da iluminação (Carlos Fernando e Eduardo Cruz) a beleza dos textos em português. Se já conhecíamos a tradução de Luiz Francisco Rebello, um trabalho impecável, sublinhe-se o trabalho de Manuel João Gomes («Não posso imaginar o Amanhã» e «Fala-me como a Chuva»), um trabalho de facto magnífico; o mesmo se dirá das traduções de José Camões em que só a de «Casa para Demolição» me pareceu, num ou noutro momento, menos cuidada.

Aí tem leitor. «Um Eléctrico Chamado Tennessee» ali para a Graça.

CALÇADO ORTOPÉDICO

EXECUÇÃO RIGOROSA
DE TODO O RECEITUÁRIO MÉDICO

COM A NOSSA PARTICIPAÇÃO EXCLUSIVA
NA CONSULTA DO SEU MÉDICO OU DAS CAIXAS
PEÇA INFORMAÇÃO

IHP CALÇADO ORTOPÉDICO

LISBOA — RUA NOVA DA TRINDADE, 6-A

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 71 489 «PROCESSO DE SEPARAÇÃO DE SÓLIDOS/GASES COM PEQUENO TEMPO DE RESIDÊNCIA E DISPOSITIVO PARA A SUA REALIZAÇÃO».

Trata: CLARKE, MODET & C., LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201, 3.º Esq.º
1000 LISBOA

Primeiro acenda o fosforo e só depois ligue o gás.
Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

DIGA SIM
A VIDA



SEJA VISTO

Stockhausen em Lisboa: "A Magia de Eva"

Mário Vieira de Carvalho

Numa das «reuniões sociais» promovidas em honra de Stockhausen, aproveitei a proximidade do compositor para lhe perguntar se aquele diálogo vocal-instrumental entre Kathinka Pasveer (flauta e flautim) e Suzanne Stephens (corno di bassetto) — entretanto apresentado na sua conferência, no Auditório 2 — não poderia comparar-se a um «sistema de comunicação acústica» como aquele que certas correntes da moderna investigação admitem ter sido utilizado pelos seres humanos mais primitivos, a saber: um sistema essencialmente constituído por sons, onde não existiam palavras, onde a «linguagem» era feita apenas de frequências, timbres, intensidades, durações...

Stockhausen respondeu-me que não adiantava especular sobre uma hipótese insusceptível de verificação. Depois, o que lhe interessava não era, de facto, o passado, mas, muito pelo contrário, o futuro. A sua música seria, sim, a linguagem do futuro ou, por outras palavras, ele acreditava num futuro em que a música dominasse como linguagem: «Infelizmente, ainda precisamos de palavras para comunicar», comentou.

Esta ideia de «compor para o futuro» senão mesmo de «compor o futuro», ideia que o aproxima mais de Wagner (ele também «músico do futuro...») do que qualquer outra aparente semelhança (deixemos, porém, esta aproximação,

mação, categoricamente recusada por Stockhausen), teve ontem à tarde uma demonstração convincente no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, onde o «público do futuro» (predominavam os jovens e adolescentes) aplaudiu longamente, acabando com palmas ritmadas, o mais recente «elo» numa gigantesca cadeia de obras em composição: «A magia de Eva», da ópera «Segunda-feira», do ciclo «Luz» (constituído por sete óperas, uma para cada dia da semana). Como o próprio Stockhausen afirma nas notas registadas no programa, tudo se passa, na verdade, como se ele se sentisse de novo no limiar de uma iniciação no desconhecido, de uma «mutação profunda e imprevisível do ofício de compositor».

Stockhausen, desde sempre ligado aos grandes potenciais tecnológicos e por eles sustentado, nunca se deixou ficar para trás na investigação das novas possibilidades oferecidas pelas inovações técnico-científicas, reaprendendo, experimentando sempre, descobrindo e explorando os novos filões. Por outro lado, renovou incessantemente o seu pensamento musical, a sua concepção da música, inclusive pelo contacto com diferentes culturas extra-europeias. Um domínio do material sonoro como o que ficou patente ontem na Fundação Gulbenkian, utilizando meios técnicos alta-

mente complexos e agenciando colaborações vocais-instrumentais tão diversificadas, é certamente raro, se não único, no panorama actual da música europeia, e é sobretudo pelo sentido de trabalho em profundidade ou, dir-se-ia, de busca de uma consistência absoluta da composição ou criação sonora. No fundo, trata-se de fazer música com unidades de uma ordem de grandeza cada vez mais subtil, passar do «átomo» à «partícula». Assim, no sintetizador, «a composição de um único som [...] precisa muitas vezes de numerosas horas, e a maior parte das vezes altera-se com frequência durante os ensaios...». Na componente instrumental, isso significa, por exemplo, obter na flauta ou no «corno di bassetto», mercê de novas técnicas desenvolvidas pelas suas duas geniais intérpretes (respectivamente Kathinka Pasveer e Suzanne Stephens) uma escala precisa de 13 micro-intervalos no âmbito de um tom. Ao mesmo tempo, eleva-se a uma complexidade e eficácia antes insuspeitadas o domínio do intérprete sobre os seus próprios recursos ou faculdades: cantar e tocar do mesmo sopro (por assim dizer, «em polifonia»), isto é, entoar uma sucessão de intervalos com a voz e simultaneamente obter uma figuração melódica diferente no instrumento. Além disso, há a utilização sistemática daquilo a que, na voz ou nos instrumentos, Stockhausen chama «consoantes» ou «rui-

dos coloridos», a descoberta de uma música escondida no banal do quotidiano, e até agora por inventariar e organizar. Tudo isto se repercute, por sua vez, em processos mentais e fisiológicos dos executantes, através de uma aprendizagem de anos. O próprio conceito de intérprete, a sua praxis, parecem estar à beira de uma mutação: Quem, senão Kathinka e Suzanne podem realizar hoje esta música, rigorosamente escrita, depois decorada e assimilada ao ponto de parecer linguagem natural e espontânea de dois seres que comunicam? E como serão os intérpretes do futuro se estes já podem o que ainda há poucos anos parecia vedado às faculdades humanas (porque não imaginado, porque não usado, porque não testado)?

O salto qualitativo em termos de exigências de execução estende-se naturalmente aos demais executantes, nomeadamente ao coro «Zaans Kantata» da Holanda — um coro amador! — (direcção Jan Pasveer), e ao Coro Infantil da Rádio Húngara (direcção de Janos Remenyi). Este último, aliás, chegou a ser comovido pelo que revelou de consciência artística das crianças, de alegria de cantar e de fazer música, de gosto lúdico de participar no espectáculo. Não seria fácil a Stockhausen encontrar noutra pais europeia um coro infantil com uma tal capacidade de resposta. Bem pode agradecer a Kodály e à reforma pedagógica que este pôde



Karlheinz Stockhausen

pôr em prática na Hungria do pós-guerra.

A falta de espaço não me permite abordar neste momento outros aspectos da obra e da sua realização. Lembro apenas ainda os 300 ensaios gastos na sua preparação para a estreia em Metz (Novembro de 1986). Que sirva de lição aos responsá-

veis pela nossa política musical. Não se anda para a frente sem muito trabalho, muito rigor e muita dedicação. Um espectáculo musical-teatral a sério não sai da cartola de um mágico com um mero passe de varinha de condão. Mesmo quando o mágico se chama Stockhausen.

Jorge Peixinho, musicus poeticus

Como numa peça de oratória (refiro-me ao sentido próprio de oratória: arte de bem discurrir) assim «a soma dos sons que soam» foi a palavra fluente, sugestiva de imagens e de colorido, capaz de agarrar o auditório pela convicção interior transmitida. Os sons, somaram-se como as palavras num discurso ou num poema declamado. Mas a metáfora podia ser outra: como as cores se somam na tela de um pintor cioso de fixar a espontaneidade do gesto, ou as formas se retraem, alongam, interseccionam ou arredondam na argila mole com que trabalha um escultor. É assim — mais como o orador, o poeta, o pintor ou o escultor, e menos como o arquitecto — que Peixinho se quer músico.

O cálculo lá está a vertebrar as obras, mas não é o cálculo abstracto de quem concebe primeiro um sistema de proporções para o «encher» depois, peça a peça, quase como num «puzzle». Nele, a forma gera-se antes de mais a partir do material. Lançada ao papel a primeira «palavra», ela já é poema — como em Herberto Helder. Esta conduz a outra, e de ambas sai a imagem que uma

terceira completa, uma quarta transforma e assim por diante até que o poema se esgota. Partir, por um lado, da interpretação simbólica de um título («Ouçam a soma dos sons que soam») concebido como anagrama das iniciais dos intérpretes a quem a obra é dedicada (Alvaro Salazar, Oficina Musical), e por outro, da própria constituição instrumental do grupo (quinteto de cordas, flauta e clarinete, piano e percussão) para dar forma e sentido à obra, eis o que aproxima Peixinho tanto do tipo do «musicus poeticus» de Seiscentos (por exemplo, Schütz) como do Alban Berg da «Suite Lírica». E, como nestes seus ilustres predecessores, também em Peixinho a inteligência dos processos musicais parece visceralmente inseparável das convicções espirituais, das pulsões afectivas, da experiência mais íntima.

Música cheia de vida interior, dir-se-ia. Mas, se como tal a reconhecemos na sua primeira audição portuguesa, ontem, no Teatro da Comuna, é porque a Oficina Musical sob a direcção de Alvaro Salazar soube assimi-

lá-la e transmiti-la. Não se tratou só de «perfeição técnica». O rigor e a probidade que são apanágio do Grupo e do seu director estiveram inteiramente ao serviço do potencial de comunicação da obra, o que, naturalmente se repercutiu na recepção dispensada pelos espectadores, na sua maior parte jovens.

O que aproxima Peixinho de Lopes-Graça nem é o estilo, nem a linguagem. É uma atitude de certo modo comum quanto ao acto de criar música como necessidade vital, como imperativo existencial. São os pontos de referência válidos para ambos: por exemplo, Alban Berg, entre os mais próximos. A este nível, muito do que se disse atrás quanto a Peixinho, pode aplicar-se a Lopes-Graça e, em particular, ao seu «Quarteto de arcos nº2», composto em 1982 e ontem realizado em Lisboa pela primeira vez após revisão recente. O Quarteto constituído por Carlos Fontes, José Manuel da Costa Santos, José Luís Duarte e Gisela Neves tocou-o com uma concentração, um empenhamento no todo de cada uma das partes, uma aparente compreensão dos

valores simbólicos ou da intencionalidade do texto, uma transparência expressiva realmente notáveis. Trata-se, de resto, de uma das obras mais concisas e, por isso, também mais densas do autor, de entre as que destinou a formações instrumentais de câmara. Mas há, nela, ao mesmo tempo, uma grande frescura nas ideias, no trabalho motivico (aliás, levado a um grau de complexidade de dir-se-ia raro, em função da concisão), na interpenetração dos diferentes andamentos por células unificadoras em permanente mutação intervalar, rítmica, de tempo, de registo, de dinâmica. Algumas ideias parecem ganhar o perfil de autênticas personagens, desenvolvendo-se, afirmando-se, negando-se, retomando o seu percurso, transfigurando-se.

Embora os andamentos sejam delimitados (quatro, pela seguinte ordem: «Grazioso», «Burlata», «Cavatina», «Finales»), confrontam-se constantemente os episódios líricos e lúdicos, pungentes e jocosos, contemplativos (virados para a meditação interior) e extrovertidos. Com todo o seu carácter dançante

e leviano, a «Burlata», por exemplo, não deixa de incluir um apontamento dramático, quase inquietante. E um certo tipo de escrita irrequieta, pródiga em figuras rítmicas, com que por vezes se faz sobressair este ou aquele instrumento (nomeadamente o primeiro violino, no primeiro andamento, e a viola, no quarto) é uma novidade em Lopes-Graça. Descobrimos, pois, ontem mais um ponto culminante na sua obra. «Descobrimos», isto é, nós todos, quantos lá estávamos, o que testemunha que não se perdeu a ligação entre as novas gerações e o mestre que entre nós directamente as precedeu — ligação que se tornou clara na abertura encetada com o «Canto de Amor e de Morte» (1961) e no movimento recíproco de aproximação representado pela análise que deste faria, cinco anos mais tarde, Jorge Peixinho.

Para além de uma outra estreia em Portugal («Diagramas cíclicos») de Cláudio Santoro, com que Jorge Martins (piano) e Carlos G. Voss (piano) abriram brilhantemente o concerto, o programa compreendia ainda a estreia absoluta de uma obra e,

praticamente nestes moldes, de um compositor: António Pinho Vargas. Bem conhecido e justamente apreciado pela sua actividade ligada ao «jazz», Pinho Vargas fez música, o que é certamente o mais importante. «Círculos» parte de uma concepção — explicada no programa — que lhe confere consistência, solidez, como resultou da audição. Poderia objectar-se apenas que uma espécie de «ostinato» da percussão (porventura originado na necessidade sentida pelo autor de uma «secção rítmica») nem sempre pareceu coerente com o processo global da obra, reserva que aqui se deixa registada em atenção a uma versão definitiva, prevista pelo autor.

Pela substância do programa e o valor das interpretações, o concerto de ontem da Oficina Musical constituiu um acontecimento não menos marcante, nestes Encontros de Música Contemporânea organizados pela Fundação Gulbenkian, do que alguns dos concertos entretanto já realizados, aos quais se fará aqui referência nos próximos dias.

Alfas Triplex

— T. 806496

O MASSACRE

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

O MENINO DE OURO

(m. 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

A MANHÃ SEGUINTE

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

O LUTADOR

(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa Club

FILHOS DE UM DEUS MENOR

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

O LUTADOR

(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

O MENINO DE OURO

(m. 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

A MISSÃO

(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

A COR DO DINHEIRO

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

O MASSACRE

(m. 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.45 e 23.45 h

Apolo 70

A MANHÃ SEGUINTE

(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19.00, 21.30 h

Avila

O LUTADOR

(maiores 6 anos)
15, 17, 19.10, 21.15 h

Avis

CRÔNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO

(Int. m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

FILHOS DE UM DEUS MENOR

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme MATADOR, realizado por Pedro Almodovar. Interpretação de Assumpta Serna, Antonio Banderas e Julieta Serrano. Distinguido no FANTASPORTO 87 com os seguintes prémios: Melhor Realização, Melhor Actriz (Julieta Serrano). Menção Honrosa da Imprensa e Prémio Especial do Júri. Filme de qualidade, em exibição no Quarteto.

Capitolio

— T. 372358

ESCRAVATURA SEXUAL

(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

FOGO CONTRA O FOGO

(m. 12 anos)
15.30, 18.30, e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

NÃO HÁ SESSÃO

Encerrado para obras

Cinebolso

SEXO À GRANDE E À

FRANCESA (Porno)
(Int. m. 18 anos)

12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camoes

T. 324194

PASSO DE DANÇA SOBRE

UMA LÂMINA DE BARBEAR
(m/acons. 18 anos)

14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

FANNY LADY

(m/acons. m. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

SOLDADO AZUL

(m/acons. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

JACKIE CHAN, OS PUNHOS DE HONG-KONG

(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

O NOME DA ROSA

(maiores 12 anos)
15.30, e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

A VIDA É ASSIM

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

PLATOON - OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Fden

— T. 320768

O MASSACRE

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio

— T. 555134

BALADA DA PRAIA DOS CÃES

(m. 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS

— T. 887255

GANDY

(m/acons. 13 anos)
14.30, 17.45 e 21.00 h

Estudio 444

— T. 768078

LILLIANNA - UM AMOR DIFERENTE

(m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

PLATOON - OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

O MENINO DE OURO

(m. 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

PERIGOSAMENTE JUNTOS

(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

NÃO HÁ CINEMA

Gemini

— T. 734009

O MASSACRE

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

PLATOON - OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

CROCODILO DUNDEE

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Imperio

— T. 555134

FOGO CONTRA FOGO

(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

PLATOON - OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

CROCODILO DUNDEE

(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Londres

— T. 801313

CROCODILO DUNDEE

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

O MASSACRE

(m. 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

A MANHÃ SEGUINTE

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

A MANHÃ SEGUINTE

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
FRANCESCA, UM AMOR IMPOSSÍVEL
(maiores 16 anos)
23.30 h

Roma

T. 889192

O MASSACRE

(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

OS SELVAGENS DA RUA

(m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

O MENINO DE OURO

(m. 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

CROCODILO DUNDEE

(m. 6 anos)
14.30, 16.30, 18.45 e 21.15 h

FILHOS DE UM DEUS MENOR

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

SEM PERDÃO

(m. 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

AS CHAVES DO PODER

(maiores 12 anos)
15.00 e 18.15 h

Terminal

— T. 371573

SEM PERDÃO

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

A DAMA E O VAGABUNDO

Falado em português
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Furina

T. 706666

TIGER JOE

(Int. m. 13 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Voxmanta

— T. 880508

INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO

(maiores 12 anos)
15.30, 18.15 e 21.00 h

Xenon

T. 368480

O REGRESSO DOS MORTOS-VIVOS

(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)

15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro

— «Cavalcada Fantástica», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio

— «O Lutador», às 15.30 e 21.30 h (para todos)

AMADORA — Babilónia

— «A Volta da Meia-Noite», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores

— «A Guerra dos Gangsters», às 15 e 21.30 h (Int. 13 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby

— «Nove Semanas e Meia», às 21.30 (m. 18 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme

— «O Massacre», às 21.30 h (m. 12 anos).

ODIVELAS — Cineodivel

— «O Rei dos Gazeteiros», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril

— «O Lutador», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000

— «O Menino de Ouro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

OEIRAS — Alto da Barra

— Sala 1 — «Perigosamente Juntos», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Platoon — Os Bravos do Pelotão»

às 15.30 e 21.45 h (m. 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine

— «Por Favor Matem a Minha Mulher» às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar

— Sala 1 — «O Crocodilo Dundee», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Platoon — Os Bravos do Pelotão»

às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia

— «A Selva de Jade», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio

— «Mona Lisa», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadaense

— «Sem Deixar Rastor», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense

— «Holo-causto num Campo Nazi», às 21.30 h (m. 18 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano

— Sala 1 — «O Protector», às 15.45 e 21.30 h (maiores 16 anos)

Sala 2 — «A Lenda da Floresta»

às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense

— «Mausoléo», às 15 e 21.15 (maiores 18 anos)

"LUZES E SOMBRAS" DE ARISTIDES

Oitenta trabalhos fotográficos (a cores e a preto e branco) de Aristides Mendes estão expostos, até à próxima sexta-feira à tarde, na Galeria do ISCTE (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa), à Cidade Universitária em Lisboa, entre as 10 e as 13 e as 14 e as 22.

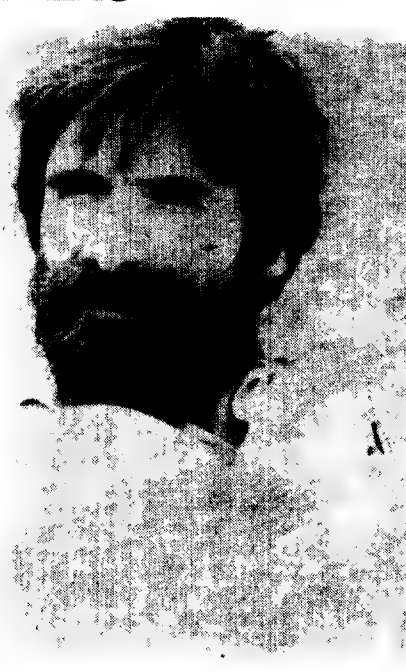
Sobre a arte e a personalidade do autor, «um poeta de luzes e de sombras», escreve Manuel Geraldo no catálogo: «Aristides Mendes é a miragem? O contraste? O som? Ou o silêncio que se esgota na pose? A pose que interpenetra

o concreto e o contraste? Ou o som que está onde não há som mas apenas espaço? Um rosto, uma paisagem sem rostos, gélida ou tórrida, mesmo que no horizonte a neve caia ou o sol queime. Mas quando se olha para além do rosto de Aristides Mendes também se visiona o caos. Ou um espectro parado, tenso, longe de nós, longínquo do tempo, talvez ali. Que é uma contravalva do húmus que ainda não há. Mas que se tange. Ou nos tolhe e que nos queima ou enregela».

E conclui Manuel Geraldo: «

Na fotografia de Aristides há o Tejo. Que é a cidade que está para além do tempo. Dos terramotos e do nuclear. Das viagens e das caravelas. Fantasmagóricas ou tão tímidas que até golfinhos poderiam cortar».

Nascido há 29 anos em Pendilhe, concelho de Vila Nova de Paiva, Aristides Mendes (na foto em auto-retrato), que tem vários trabalhos de reportagem publicados na Imprensa (DL incluído), já fez várias exposições a última das quais no espaço da Codilivro, em Benfica.



EXPOSIÇÕES

• **GALERIA TRIÂNGULO** 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48 A): «Lisboa por Dorita», uma exposição de desenhos de Dorita de Castel-Branco até 24 de Maio. Patente de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e no domingo dia 24 das 15 às 20.

• **OFICINA DA CULTURA** (Câmara Municipal de Almada): o Movimento Democrático de Mulheres do Concelho de Almada apresenta exposições sobre a Paz e Artesanato entre as 20 e as 22 horas. No próximo dia 9, encerramento às 16 horas com um colóquio sobre a Paz.

• **GALERIA MUNICIPAL** (Câmara Municipal da Amadora): Pintura e Desenho de Mena Brito, até 17 de Maio. No sábado dia 16, às 21 horas, integrado nesta exposição, um espectáculo de música e canções ao vivo por Nuno Figueira acompanhado por uma orquestra de sete elementos.

• **MUSEU NACIONAL DO TRAJE**: exposição intitulada «Estrada Marginal», tecidos estampados de artistas e designers. Patente ao público durante seis meses.

• **FORUM PICOAS**: exposição grega em Lisboa «Viajando com o Navio Kyrenia no Tempo e no Mito». Patente até 21 de Maio, dias úteis das 10 às 22, sábados, domingos e feriados das 12 às 24.

• **GALERIA DE ARTE CAPITEL** (Leiria): exposição de Pintura «Os Portugueses e o Mar» de Carlos Alberto Santos, no ano das comemorações da passagem do Cabo da Boa Esperança por Bartolomeu Dias. Até 18 de Maio, de segunda a sábado das 10 às 13 e das 15 às 19, domingos das 16 às 19.



«Alegoria a Bartolomeu Dias» de Carlos Alberto Santos

• **CENTRO CULTURAL REGIONAL (Santarém)**: exposição de Pintura, Azulejo e Cerâmica de Mário Rodrigues. Até 10 de Maio, nos dias úteis das 15 às 19 e das 21 às 22, sábados, domingos e feriados das 15 às 19.

• **GALERIA JANELA VERDE** (R. do Olival, 9): Pintura de António Mendes até 14 de Maio, de segunda a sexta das 14 às 20.

• **LOJA MANOBRA** (R. do Século, 154): exposição dos cartazes «Manobras de Maio», até 30 de Maio.

• **GRAFFITI** (Amoreiras Shopping Center, loja 2029): serigrafias de Vieira da Silva, Maluda, Cargaleiro, Cutileiro e Tom.

• **GALERIA OLHARTE** (Calçada do Cardeal, 18): Trabalhos de Alvaro Carneiro (escultura), Amália Rosa (joalharia), António Marques (pintura), António Viana (desenho) e Paulo Neves (escultura).

• **ESTÚDIO CIDADE** (Galeria de Arte - R. do Bocage, 59-1º): exposição de «Coisas mágicas, asteroides, serigrafia» até 14 de Maio.

• **IAM - GALERIA** (R. da Misericórdia, 92-1º): exposição de Man com o título «Ciclo-Natureza» até 11 de Maio, nos dias úteis das 15 às 20.

• **GALERIA DE BRITISH COUNCIL** (R. Cecílio de Sousa, 65): Pintura de Helena Delgado Rufino

sobre o tema «Diálogo de Culturas», até 8 de Maio, de segunda a sexta das 11 às 18.

• **TONDELA** (Associação Cultural e Recreativa): exposição de cartazes de Teatro da autoria do artista checo Cestmir Pechr. Trata-se de uma importante mostra de 26 cartazes de Teatro, que obteve enorme êxito no Cairo, Paris, Viena, Sofia, Berlim e Moscovo. Em colaboração com a Embaixada da Checoslováquia em Portugal.

• **GALERIA DIFERENÇA** (R. S. Filipe Nery, 42): desenhos de Rui Sanches com o título «Preto e Branco», de terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

• **CETÁRIA-Galerias de Arte** (Pousada de S. Filipe-Setúbal): exposições de Rui Pinheiro (aguarelas e cerâmica), João de Sousa Melo (aguarelas), Clara D'Ovar (tapeçaria) e Miguel Barbosa (pintura). Patentes até 5 de Junho, diariamente das 10 às 22.

• **GALERIA EG** (R. Caminho da Fonte de Cima, 33-Porto): Colectiva de 3º Aniversário com pintura de Alfredo Barros, Alvaro César Machado, Américo Moura, Ana Maria, Carlos Carreiro, Cargaleiro, Francisco Laranjo, João Hogan, Nuno Barreto, Rui Pimentel, Amadeu e Gabriela Vaz. Patente de terça a sábado das 15 às 20.

• **GALERIA DE ARTE DE TAVIRA**: Pintura de Regina Chulam até 26 de Maio, todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19.

• **ESCADA-Centro de Arte** (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): colectiva de pintura com trabalhos de Bual, Guilherme Parente, Rocha Pinto e Rogério Amaral, até 9 de Maio, de segunda a sexta das 14 às 20.

• **ALBARRICA BAR** (Barreiro): desenhos de Artur Silva até 7 de Maio, de segunda a sexta das 22

às 2, sábado e domingo das 16 às 20 e das 22 às 2.

• **BIBLIOTECA MUNICIPAL DE ALMADA**: «750 Anos de Berlim», mostra de livros, revistas, fotografias, gravuras, selos e várias peças de artesanato, até 8 de Maio.

• **GALERIA «JN»** (Porto): exposição de José Mouga com o título «Memórias/Bestiário». De terça a sábados das 14,30 às 19,30.

• **GALERIA ANTICUA** (R. do Salgueiral, 62-Porto): todos os dias, das 16 às 20, colectiva com trabalhos de Jaime Murteira, Lázaro Lozano, João Mário, Júlio Amaro e Fernando Lino, até 11 de Maio.

• **GALERIA DE S. MADEDE** (R. Escola Politécnica, 175): 23 esculturas de Dorita Castel-Branco até 9 de Maio, das 10,30 às 13 e das 15 às 19,30.

• **SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES** (R. Barata Salgueiro, 36): Graça Antunes expõe «2 alçados para uma construção encomendada». Até 10 de Maio, todos os dias das 14 às 20.

• **GALERIA PAULINO FERREIRA** (R. Nova da Trindade, 18-B): pintura de H. Mourato, de segunda a sexta das 9 às 12,30 e das 14,30 às 19, sábados das 9 às 13.

• **VOXMANIAS** (Av. Frei Miguel Contreiras): «Manias de Lam», Pintura até 7 de Maio.

• **GALERIA DE S. BENTO** (R. do Machadinho, 1): pintura de Matilde Marçal até 23 de Maio, de terça a sábado das 11 às 13 e das 15 às 20, domingos e segundas das 15 às 20.

• **HOTEL ALFA** (Galeria de Arte): pintura de Miguel João até 4 de Maio, de segunda a sexta das 9,30 às 13 e das 15,30 às 19,30, sábados das 16 às 19.

• **GALERIA DE ARTE ESTÚDIO CIDADE** (R. do Bocage, 59-1º): pintura de Patrício até 14 de Maio.

• **RITZ CLUBE** (R. da Glória, 57): desenhos e esculturas de Rui F. Pimentel.

• **GALERIA NOVO SÉCULO** (R. do Século, 23-A): exposição com trabalhos de Z. Risques Pereira.

• **PALACIO ANJOS** (Algés): exposição sobre «A Comunidade Europeia».

• **GALERIA ALMADA NEGREIROS** (Av. da República, 16): Pintura de Dominguez Alvarez.

• **CASA DA CULTURA DAS CALDAS DA RAINHA**: Cerâmica de Eduardo Constantino, patente nos dias úteis das 10 às 12,30 e das 14,30 às 18,30, sábados e domingos das 14,30 às 19.

• **PEQUENO FORMATO** (R. do Teixeira, 25): «Expresso do Norte», moderna pintura da Galiza e do Norte de Portugal com trabalhos de Alvaro César Machado, António Melo, António Mouzo, António Olaio, Juan Martin de La Colina, Miguel D'Alte, Nuno Santacruz, Pedro Maia, Serra e Soles. De segunda a sexta das 14,30 às 20, sábados das 15 às 19.

• **GALERIA DA LIVRARIA BARATA** (Av. de Roma, 11-A): Pintura de Guilherme Parente até 16 de Maio.

• **MUSEU NACIONAL DO TRAJE**: «Objectos Têxteis», uma exposição da autoria de Teresa Pavão

• **GALERIA DO CLUBE DE EMPRESÁRIOS** (Av. da República, 38): Pintura e desenhos de Maria Lucília Moita, até 15 de Maio.

• **GALERIA QUADRUM** (R. Alberto de Oliveira, 52): Pintura de Victor Fortes até 23 de Maio, de

segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19.

• **MUSEU DE ARTE ANTIGA**: exposição sobre «O Livro e a Arte», promovida pela Embaixada da França.

• **A A de COIMBRA** (Centro de Estudos de Fotografia): até 14 de Maio, exposição com trabalhos do fotógrafo francês Philippe Salaun, patente de segunda a sexta das 15 às 18,30 e das 21,30 às 23.

• **GALERIA LAPUB** (Figueira da Foz): Pintura de José Cândido até 10 de Maio.

• **GALERIA ANA ISABEL** (R. da Emenda, 111-1º): Escultura de Jorge Vieira até 20 de Maio, todos os dias excepto domingos, das 14 às 19.

• **BERTRAND DE CHIADO** (Galeria de Arte): exposição de Pintura de Manolo Ruibal.

• **GULBENKIAN** (Exposições Temporárias): Pintura do inglês Ben Nicholson.

• **CONVENTO DE CRISTO** (Tomar): Pintura de José Alves e Rainer Mathemeier, até 16 de Maio, das 9,30 às 18,30.

• **ESTREMOZ** (Pousada de Santa Isabel): «Grupo de Evora + 3» expõe escultura em pedra. Trabalhos de João Cutileiro, José Esteves, Margarida Lagarto, Pedro Fazenda, Sílvia Wesphalen, José Pedro Croft, Manuel Rosa e Nelson Cardoso.

• **PATEO ALFACINHA**: Pintura de Martine Nancy de Sousa, patente até 6 de Maio.

MÚSICA

• **LOUCURAS**: integrado nos Encontros de Música Contemporânea promovidos pela Gulbenkian, esta noite a partir das 21,30 um espectáculo pelo Quarteto norte-americano «Zeitgeist», que interpretará obras de Terry Riley, Gregory Theisen e Frederick Rzewski.



Quarteto Zeitgeist esta noite no Loucuras

Lisboa — PERMANENTE
— **ALCANTARA: Proibida**, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **ALVALADE — ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro**, Av. do Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **BAIXA: Simões Pires**, R. da Prata, 11 (T. 362350); **BENFICA: União**, E. de Benf. 592-594 (T. 700092); **CAMÕES — SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE: Lobel**, R. de Infancia 16, 98-B (T. 688807); **GALINHEIRAS — CHARNECA — LUMIAR: São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **MARQUÊS DA FONTEIRA: Ronil**, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 683438); **RATO: Cunha**, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **SALDANHA: Dalva**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **SAPADORES — PAIVA COUCEIRO: Europa**, Av. General Rôças, 27-A-B (T. 843880); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220); **QUINTA DO MENDES — ODIVELAS: Almeida**, Pt. Tomás da Anunciação, 38-B (T. 9828491).

REFORÇO — AREIRO — PRAÇA DE LONDRES: João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); **BOA-HORA: Sepol**, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); **CAMPO DE OURIQUE: Elma**, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 686176); **CASTELO: Silva**, C. de Santo André, 16 (T. 862074); **CHILE: Aliança**, Av. Almirante Reis, 145-B-C (T. 570487); **ENTRE SETE RIOS E 2.ª CIRCULAR: Da Luz**, E. da Luz, 124-A (T. 723179); **FEIRA POPULAR: Santa Maria**, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); **GRAÇA: Monte**, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); **MARQUÊS DE POMBAL: Branco**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PICHELEIRA: Marluiz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **XABREGAS — MADRE DE DEUS: Conceição**, C. D. Gasção, 30-32 (T. 381279); **BRANDÃO — AMADORA: Brito**, R. 25 de Abril, lote 32-B (T. 995338); **BURACA — AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9 (T. 2768030). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa-Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **MONTE DE CAPARRICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARRICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, R. da Boa-Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Avenida**, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073212). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarrim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **AMORA: Nova Amoreira**, E. Nacional, 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22

horas; **MONTIJO: União Mutualista**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gamelro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2430100). Até às 19 horas; **SE-TUBAL: Bonfim**, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558). Permanente; **Bairos**, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Permanente; **Higien**, R. Frei Agostinho da Cruz, 51 (T. 22408). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Almeida Nifo, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHÊ: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imanil**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A. (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordelro**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Helenica, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Permanente; **Heleno**, R. 1, lote C, Reboleira Sul (T. 964746). Permanente; **DAMAIA: Girassol**, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Até às 22 horas; **QUELUZ: O'Neill Pedrosa**, R. Casal do Olival, lote A-3, Massamá (T. 4377205). Permanente; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACEM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **MEM MARTINS: Químia**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Dumas Brousse**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Permanente; **SACAVEM: Lourenço**, R. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Permanente; **AVEIRO: Capitão Filipe**, R. Engenheiro Costa Cascais, 21 (T. 21276). Permanente.

Comuna — Sala 2

P. de Espanha — Tel. 726 08 18
Café-Teatro

Às sextas e sábados, às 23.00

«FARSA VOCÊ MESMO». Encenação de João Mota. Interpretação de ALMENO Gonçalves, Amélia Videira, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Manuel Couco e Paulo Ferreira.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 18.30; domingos, às 17.00

«QUEM TEM FARELOS» e «O PRANTO DE MARIA PARDA», de Gil Vicente. Pelo Teatro Ibérico. Criação colectiva com a coordenação cénica de Branco Xil.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«ESCRITA EM DIA». Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal.

Casa da Comédia

R. de São Francisco de Borja, 24 — Tel. 60 72 99

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingos às 17.00

«ELECTRA OU A QUEDA DAS MÁSCARAS», de Marguerite Yourcenar. Encenação de Filipe La Féria.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — à Voz do Operário

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00

«O PAÍS DO DRAGÃO», de Tennessee Williams. Pelo Teatro Hoje.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

3.ª, 4.ª e 5.ª, às 21.30; 6.ª, sábados e domingos, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«CÁ ESTÃO ELES». Texto de César de Oliveira e Varela Silva. Interpretado por Camilo de Oliveira, Luísa Barbosa e Maria Armanda, entre outros.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31

De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00

«O MOTIM», de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Interpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luis Cunha e Lourdes Rodrigues.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 2 25 50

Todos os dias, às 21.30; aos domingos, também às 16.00

«TUDO NA BOA VAI ELA!», de Coelho Júnior e Lopes de Almeida. Encenação de Lopes de Almeida.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Centro de Arte Moderna

R. Dr. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 43 09

Terças e quartas, às 18.30; quintas, sextas e sábados, às 21.30; domingos, às 15.00

«HAMLET», de William Shakespeare. Pelo Acarte. Tradução de Sophia de Mello Breyner Andersen. Encenação: Carlos Avilez. Cenários: José Rodrigues. Música: António Pinho Vargas.

Teatro da Academia Almadaense

R. Capitão Leitão, 64 — Tel. 275 21 75

6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«O FIM DA ENFERMEIRA JOÃO», de Frank Marcus. Pela Companhia de Teatro de Almada. Encenação de Artur Ramos.

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

4.ª e 5.ª, às 21.30; domingos, às 16.00 e 21.30

«O JARDIM DAS CEREJEIRAS», de Tchekov. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cenografia de José Manuel Castanheira.

Sociedade Guilherme Cossoul

Av. D. Carlos I, 61-1.º — Tel. 66 59 06

Sábados e domingos, às 16.00

«MORTE NO BAIRRO», de Alfonso Sastre. Encenação de Hermínio Fernandes. Cenários e figurinos de Henrique Hayt. Grupo de Teatro da Sociedade Guilherme Cossoul.

Teatro Maizum

R. Santiago, 19, Alfama — Tel. 86 55 03

Na sala do IFICT

2.ª, 3.ª e 4.ª, às 19.00; 5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30

«UM JIPE EM SEGUNDA MÃO», de Fernando Da Costa. Encenação de Adolfo Gutkin. Cenografia de José M. Castanheira.

Porto — Teatro

R. do Heroísmo, 86 — Tel. 57 32 65

5.ª e 6.ª, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30

«MÉROPE — LIBERDADE OU MORTE», de Pedro Teat. Encenação de Castro Guedes.

Teatro A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De terça a domingo, às 21.30

«O DIABINHO DA MÃO FURADA», de António José da Silva, «O Judeu». Encenação de Hélder Costa. Interpretação de João Maria Pinto, Maria do Céu Guerra, Paula de Sousa, Teresa Faria, Maria João Luis, António Gomes, João Azevedo e Luís Tomar.

Oficina do Grotresco

R. da Palma, 268

5.ª, 6.ª e sábado, às 21.00; domingo, às 17.00

«MINHA MÃE E SUAS QUATRO FILHAS», escrito e interpretado por Maria Morais.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

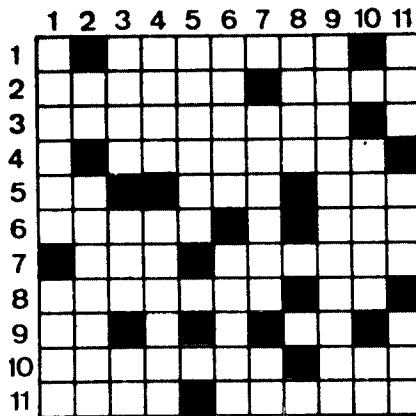
«AQUI HÁ FANTASMAS», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Interpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luis Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 15 852

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Felicidade.
- Tempo do verbo ser.
- Dominar (fig). O mesmo que urso (ant).
- Magníficas.
- Temas.
- Em a. Rio da Suíça. Percebo.
- Executar. Consentimento.
- Preposição e artigo (pl). O mesmo que cinzeira.
- Península da Rússia Meridional, no mar Negro, ligada à parte continental pelo istmo de Perécop, entre o mar Negro e o mar de Azove. Sódio (s.q.).
- Era cristã. Bário (s.q.).
- Angústia (fig). Caminhar para cá.
- Cantiga. Cidade de Portugal.



VERTICAIS:

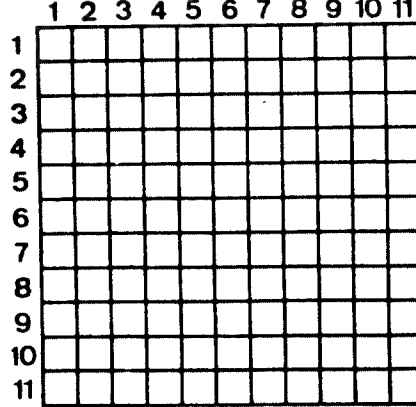
- Cidade de Itália. Invisível.
- Érbio (s.q.). Abranger.
- Vendam a crédito. Rata. Zomba.
- Mamífero carnívoro semelhante ao leopardo. Capital da antiga Eritreia Italiana.
- Sentir ansia de.
- Pontal de areia em frente de Setúbal. Encalço.
- Ex-imperatriz da Pérsia. Artigo definido (ant).
- Despidas.
- Cometia assassínio na pessoa de.
- Cesto de esparto, para se guardarem figos. Idem.
- Deusa da Aurora. Magnete natural. Altar cristão.

Resolheu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 17 023

HORIZONTAIS:

- Pequeno cão selvagem, ágil e bravo do Brasil. Africano de tez azeitonada.
- Variedade de chá. Mio.
- Natural. Contesta.
- Instrumento para atirar setas. Sufixo que designa estado.
- Preposição e artigo. Regula as doses de.
- Pulárium.
- Perguça. Espédua.
- Espécie de formiga (Bras). Reis. Costume.
- Sofrei (fig).
- Cousa nenhuma. Avarento.
- Mencionar. Zombar.



VERTICAIS:

- Freguesia do concelho de Fornos de Algodres. Prefixo de privação.
- Renque. Cidade da Ucrânia.
- Defeito. Esmurrado.
- Açaimaram.
- Colono índio ou chinês, em colónias europeias.
- Mentiroso.
- Autores. Fechar as asas para descer mais depressa.
- Nome de mês.
- Cidade dos Países Baixos. Fingir.
- Folguedo. Preposição e artigo (pl). Zomba.
- Lavrem. Cheiro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15 851

HORIZONTAIS:

- AS. Recamara.
- Amaral. Bo.
- Amimara.
- Em. Acaro. Ar.
- Tarde. Alega.
- Égua. Al.
- Am. SSS. Pg.
- Única. Aar.
- Ana. Picado.
- Atues. DEZ.
- Atroas. Cora.

VERTICAIS:

- METE. NA.
- Sá. Magana.
- Má. Ruminar.
- Ramada. Cato.
- Érice. Ua.
- CAMA. OS. PÉS.
- Aiara. Sais.
- Rola. AC.
- Aba. Prado.
- Ro. Agag. Der.
- Ural. Coza.

PROVÉRBIO: Às dez, mete na cama os pés.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 022

HORIZONTAIS:

- Atlanta. Ath.
- Zeus. Ecos.
- Or. Ralais.
- Grassitar.
- Uai! Ana. Eme.
- EC. Sogras.
- Sim. Soer. Aa.
- Nós. Ame. MD.
- Aasen. Osmão.
- Cisas. Ais.
- São. Sus.

VERTICAIS:

- Azogue. Ans.
- Terracina.
- Lu. Af. Mosca.
- Ases. Seio.
- Sãos. NS.
- Teringod. Ah!
- Acataremos.
- Olá. Ares.
- Asares. Mau.
- Amais.
- Hospedados.

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.10: Concerto barroco; 16.30: Álbum musical; 17.00: A voz dos instrumentos; 17.25: Música programática; 18.40: Música; 19.00: Integrais; 19.34: Música vocal; 20.40: Obras, para clarinete; 21.00: Ciência e tecnologia... a procura sem fim; 21.30: Música do nosso século; 22.00: As palavras dos músicos; 22.30: Grandes intérpretes; 23.00: Intercâmbio musical; 00.40: Toccata e fuga, em sol menor, BWV 915, de Bach; 00.50: Último andamento; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

ONDA Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao fim e ao cabo; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.01: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Vamos aos fados; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Informação e música; 20.00: Porto de abrigo; 2.30: Meia de música; 21.00: Palácio de Cristal; 23.00: Bola branca; 23.30: Porto final.

Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Os cem mais; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

RTP

18.02 - Sumário

18.07 - Brinca Brincando

«Mop and Smiff» e «O Cão Vagabundo»

18.50 - Par ou Impar

19.15 - Boletim Meteorológico para a Agricultura

19.30 - Telejornal

20.00 - Boletim Meteorológico

20.05 - Direito de Antena

«MDP/CDE»

«Associação Portuguesa de Manutenção Industrial»

20.10 - Palavras Cruzadas

81º Episódio: - Isabel fica satisfeita porque começa a ser falada nas revistas da especialidade, que pensam até em entrevistá-la, juntamente com Rui. Marta vai jantar com Zé Manel, mas ele aparece sem a mulher. Isabel chama Daniel para ter com ele uma explicação sobre a carta endereçada a Helena no dia do baptizado. Isabel está indignada, porque anonimamente, andam a difamar Luis. Daniel diz que interceptou a carta, para evitar que Helena tomasse conhecimento de tais calúnias e Isabel aceita a explicação. Marta está muito enervada e conta à mãe a sua saída com Zé Manel e a frustração que sentiu quando se apercebeu de que ele estava apenas a tentar conquistá-la. Sofia consola-a e aconselha-a a recomeçar a vida, esquecendo de uma vez para sempre, a morte do marido. Albertina trata de melhorar o visual de Teresa, que vai sair com Rui para assistirem a um concerto «rock».

21.05 - Portugal Sem Fim

«Japão»

22.05 - Dempsey e Makepeace

25º Episódio: - Dempsey e Makepeace prendem um grupo de terroristas, mas o método utilizado por Dempsey para conseguir obter informações de um dos elementos do grupo, levam um psicólogo da polícia a convencer-se de que ele está algo desequilibrado.

Spikings dá ordens a Dempsey e Makepeace para que colaborem com Edwards, um oficial de outro Departamento que se vangloria de que o seu êxito contra os terroristas se baseia em métodos pouco ortodoxos. Dempsey fica entusiasmado, mas Makepeace mostra-se desconfiada...

Interpretes: - Ray Smith, Michael Brandon, Glynis Barber

22.20 - 24 Horas

23.35 - Remate

15.00 - Agora, Escolha!

16.30 - Notícias

16.35 - Trinta Minutos Com...

«Corino de Andrade»

17.00 - Countdown



«Dempsey e Makepeace» de volta: 1º canal, às 22,05



No 2º canal às 20,30, o 118º episódio de «Uma Família às Direitas»

18.00 - Estádio

19.00 - Simon Show

20.00 - Hitchcock Apresenta

7º Episódio: - Depois de um cansativo dia de trabalho, dois amigos decidem assistir a jogo de futebol que irá ser transmitido pela televisão. De repente, a transmissão é interrompida. No «écran» aparece, então, a imagem de um homem que se diz chamar Garo. A sua fisionomia não é estranha, uma vez que, segundo diz, conseguiu encarnar no corpo do conhecido Brian Whitman. Convicto, anuncia para breve a colonização da Terra por seres que, como ele, vieram de outro sistema solar...

Realização: Larry Gross

20.30 - Uma Família às Direitas

118º Episódio: - Os Bunkers enfrentam uma crise quando Edith é presa por ter andado a roubar uma loja.

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Montra de Livros

21.35 - CinemaDois

«Ecce Bombo»: - Não é uma história, mas uma colagem de muitas pequenas histórias que fornecem uma imagem crítica e irónica da juventude italiana. Ou a passagem de um tempo de militância política para uma época de desencanto social, acompanhado de uma crise aguda de valores existenciais.

Interpretes: - Nanni Moretti, Luisa Rosi, Fabio Traversa, Lina Sastri, Glauco Mari.

Realizador: - Nanni Moretti

AMANHÃ

RTP-1

10.02 - As Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório
17.30 - Mira Rádio
18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.05 - Vamos Jogar no Totobola
20.20 - Palavras Cruzadas
21.00 - Lotação Esgotada
23.05 - 24 Horas
23.35 - Remate

RTP-2

14.17 - Novo Amor
15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.05 - Hitchcock Apresenta...
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Paródia
22.00 - Clube Português de Imprensa
23.30 - O Som da Surpresa

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP-1

Dempsey e Makepeace

RTP-2

Uma Família às Direitas

GRUNDIG PORTUGUESA

comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua de Santa Catarina, 17

1200-0001-1465-1158/12

Telex: 21717



«Palavras Cruzadas»



Recluso do Hospital Prisão fugiu de carro celular

Um recluso que estava em tratamento no Hospital-Prisão de Caxias conseguiu evadir-se, cerca das 20 horas de ontem, encontrando-se ainda a monte apesar das buscas intensivas concretizadas sobretudo pela GNR.

O evadido, José António Alves Fernandes, que cum-
pria uma pena de nove anos de cadeia por furto qualifica-
do, sofreu mais tarde, cerca da meia noite e meia hora,
um acidente de viação próximo do Cacém, quando seguia
num automóvel propriedade de um outro recluso, acom-
panhado dos seus dois filhos, de 10 e quatro anos, que
abandonou no local, junatamente com o veículo sinistra-
do. As duas crianças, que saíram ilesas do acidente, fo-
ram depois recolhidas por uma patrulha da GNR.

Segundo afirmou esta manhã ao «DL» um porta-voz
da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, José António
conseguiu fugir em Tires quando seguia num carro celu-
lar. A certa altura, o carro parou para deixar um fiel de
armazém e o recluso pediu a um dos guardas para ir
comprar um blusão, aproveitando para encetar a fuga.

O evadido, que tem 31 anos, é natural de Chaves e re-
sidia na Musgueira, sendo isolador de terraços.

Conselho Superior de Defesa mantém exclusão de Hugo Rocha

O Conselho Superior de Defesa Nacional deverá confir-
mar, na sua reunião de hoje, as nomeações dos generais
Almeida Bruno e Sousa Lucena para comandantes das Re-
giões Militares do Sul e de Lisboa.

O CSDN, que reúne sob a presidência de Mário Soares,
vai ainda aprovar o nome do general Paulino Correia (For-
ça Aérea) para chefe da missão militar portuguesa na NA-
TO, em substituição do vice-almirante Gonçalves Ramos.

Almeida Bruno, ex-comandante-geral da PSP, substitui-
em Évora o general Aurélio Trindade, substituído após po-
lémica com o CEME, general Firmino Miguel. Sousa Lu-
cena vai, por sua vez, ocupar, em Lisboa, a vaga deixada
pelo general Ricardo Durão que passa em Junho à reserva.

Estão previstas ainda promoções propostas pela Arma-
da. O contra-almirante Martins Cartaxo passa a vice-almi-
rante e, ao posto de contra-almirante, vão ser promo-
vidos os capitães de mar e guerra, Gomes Teixeira, Lopes
Cavalheiro, Quesada Andrade e Sarmento Gouveia.

Na Força Aérea é promovido a general o brigadeiro Vas-
quez que irá chefiar o comando operacional da arma (CO-
FA).

No Exército mantêm-se as promoções avançadas na an-
terior reunião, prevalecendo a exclusão do coronel Hugo
Rocha (a sua promoção tinha sido defendida pelo próprio
Primeiro-Ministro, Cavaco Silva), que passa à reserva.

LOTARIA POPULAR

1º—423761.....	1000 000\$00
2º—037298.....	250 000\$00
3º—420746.....	150 000\$00
4º—394639.....	100 000\$00
Terminação em 761.....	50 000\$00
Terminação em 298.....	10 000\$00
Terminação em 746.....	2 500\$00
Terminação em 639.....	1 000\$00
Terminações em 27 e 38.....	500\$00

Nota— Esta informação não contempla a anulação de prémios nem dispensa a consulta da lista oficial.

DIE/CIA/R/AS/



MOTA AMARAL fez uma co-
municação sobre a experiên-
cia autonómica açoriana aos
militares do curso de coman-
do e direcção do Instituto de
Altos Estudos Militares. O
chefe do executivo açoriano
recebia os 26 militares que
integram aquela missão e é
chefiada pelo general Gon-
çalves Paços, no âmbito de
uma deslocação de estudo às
ilhas, iniciada na sexta-fei-
ra. Os elementos do curso
avistaram-se com outros res-
ponsáveis e civis do arquipé-
lago.

SVEN-GORAN ERIKSSON, o
sueco que já foi treinador do
Benfica, demitiu-se do cargo
de treinador de futebol do
Roma, a dois jogos do termo
do campeonato italiano e
após a derrota de domingo,
frente ao AC de Milão, por
4-1. «Falei com o presidente
Dino Viola e ele aceitou as
minhas condições para aban-
donar o clube», disse Eriks-
son que era treinador do Ro-
ma desde há três anos. Com
a derrota de domingo, o Ro-
ma baixou ao 5º lugar do
campeonato italiano, de par-
ceria com o Milão, totali-
zando 33 pontos em 28 jo-
gos.

RUI VELOSO tem dois es-
pectáculos já confirmados
para o Coliseu de Lisboa,
nos dias 15 e 16 de Maio, às
22 horas. Mais de duas de-
zenas de canções, quatro das
quais do último LP, integra-
rão o espectáculo. Mas não
só em matéria de programa:
lá estarão, ainda, Danny Sil-
va e a família Salomé. A cu-
riosidade de tudo isto é que
se trata da primeira actuação
de Rui Veloso, a solo, no
Coliseu dos Recreios. Para
ele é uma aposta, mesmo no
sentido de se inscrever, veja
só o leitor, na História da
moderna música de Portugal

DENG XIAOPING vendeu al-
gumas das suas roupas para
comprar um bilhete para as-
sistir a um jogo de futebol
quando era estudante em
França, segundo contou a sua
filha. Numa rara entrevista
publicada na segunda-feira,
Deng Lin disse a um jornal
de Hong Kong que o bridge,
a ópera de Pequim e o fute-
bol foram os passatempos
preferidos de seu pai. Mas o
dirigente chinês, actualmente

com 83 anos, é ainda um fa-
nático do futebol e fica agar-
rado à televisão sempre que
há jogo.

**OTELLO SARAIVA DE CAR-
VALHO** e o seu livro, recen-
tamente editado, «Acusação e
defesa em Monsanto», são
os temas do debate marcado
para amanhã, a partir das 18
e 30, na Casa do Alentejo.
O debate terá a participação,
entre outros, de Vítor Alves,
Luís Francisco Rebello, Ma-
ria do Céu Guerra, Baptista
Bastos, Eduardo Dionísio e
Celestino Amaral.

ANTONIO HESPANHA con-
clui esta tarde, na Universi-
dade Nova de Lisboa, as suas
provas de doutoramento em
História Institucional e Polí-
tica Moderna. Iniciadas on-
tem, as provas integram a
tese «As vésperas de Levia-
tan- Poder e Instituições em
Portugal no século XVII» e a
tese complementar «Crimes
e penas na época moderna».
O júri é composto pelos pro-
fessores Nuno Espinosa,
Joel Serrão, Oliveira Mar-
ques, António de Oliveira,
Romero Magalhães e Aurélio
de Oliveira.

ÚLTIMA HORA

Centenas de milhar de trabalhadores negros ficaram hoje em casa, aderindo ao protesto nacional de dois dias lançado pela maior central sindical negra da África do Sul, a COSATU, contra as eleições só para brancos de amanhã. Informações oriundas dos bairros negros referem que os autocarros não circulam, as escolas encontram-se fechadas e a população recolhida nas suas casas. Um residnete no Soweto, nos arredores de Joanesburgo, disse que o grande bairro negro parece uma «cidade fantasma», pois nas ruas apenas se veem poícias e alguns trabalhadores não abrangidos pelo boicote.

"Bandarilheiro" com cocaína detido na Portela

Dois espanhóis e um colombiano, provenientes de Caracas, e uma brasileira residente em Israel e vinda do Rio de Janeiro, foram detidos no aeroporto da Portela, em Lisboa, transportando droga (cocaína e haxixe) no valor global de cerca de 82 mil contos.

Com os dois espanhóis (um apoderado tauromáquico e um editor de livros) e com o colombiano (bandarilheiro) viajavam mais dois indivíduos que foram igualmente detidos pelos funcionários alfandegários, por suspeita de estarem também envolvidos no tráfico.

Segundo os investigadores, as redes internacionais de droga «estão agora a utilizar como «correios» pessoas de profissões diferentes daquelas que habitualmente mobilizavam até há pouco tempo».

A Guarda Fiscal apreendeu entretanto na madrugada do passado sábado na região fronteira do Norte, 280 quilos de haxixe avaliados em 280 mil contos, mas os traficantes conseguiram fugir.

De acordo com o chefe do Estado-Maior da Guarda Fiscal, a droga era transportada em 14 sacos de linho.

Detidos três agentes da Fiscalização Económica

A Brigada Central Anticorrupção da Polícia Judiciária deteve três agentes fiscais da Direcção-Geral de Inspeção Económica por alegada «prática de vários crimes de corrupção». Segundo o Gabinete de Imprensa da instituição, dirigida pelo dr. Marques Vidal, os três agentes detidos faziam parte de uma brigada que actuava «em várias zonas de Lisboa e arredores (Vila Franca de Xira, Cartaxo e Santarém) extorquindo dinheiro «na ordem das centenas de contos para não participarem as ilegalidades detectadas nas inspecções a estabelecimentos».

De acordo com a mesma fonte, as prisões agora efectua-
das «vêm no seguimento de in-
vestigações levadas a efeito, de-
pois de detenções de outros agen-
tes fiscais realizadas no princípio
deste ano».

O «DL» conseguiu apu-
rar a identidade de dois deles:
Velasco e Espadeiro, sendo este
último filho de um inspector da
Fiscalização Económica com o
mesmo apelido.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.



Vieira da Silva acompanha o seu mural para o «Metro»

A Fundação Calouste Gulbenkian está disposta a adquirir, para aí instalar uma casa-museu Vieira da Silva, aquele que foi o primeiro atelier da pintora em Lisboa, perto do bar Procópio, junto ao aqueduto das Águas Livres. Maria Helena Vieira da Silva está, entretanto, em Lisboa desde a passada semana, aproveitando um período de repouso. Ao mesmo tempo, a estada, entre nós, de Vieira da Silva, deverá permitir-lhe apreciar o trabalho de realização do grande mural em azulejo «Metro», que o Metropolitan de Lisboa lhe encomendou e que se destina à estação da Cidade Universitária.

Vieira da Silva, portuguesa naturalizada francesa e residente perto de Paris, tornou-se num dos nomes mais marcantes da pintura contemporânea. Uma sugestão à Gulbenkian e/ou às galerias: porque não aproveitar a inauguração próxima do mural para organizar, em Lisboa, uma grande retrospectiva Vieira da Silva?

Mensagens pessoais na pag. 8



Bulle Ogier, Axel Bougousslavski e Luís Miguel Cintra em «O Meu Caso»

«O meu caso» estreia na sexta-feira

«O Meu Caso», de Manoel de Oliveira, pode ser um filme genial, que toda a crítica elogiou em Veneza e que demonstra a capacidade de Manoel de Oliveira se renovar e descobrir, quase aos 80 anos, a comédia — uma comédia que, em determinado momento, se desvia dos seus objectivos «ligeiros» para pôr um pé, e depois talvez os dois, no trágico. Pode ser isto e muito mais. Mas, apesar de se tratar de uma co-produção com a França, apesar de metade das cópias serem francesas, apesar de ter passado em Veneza com o título «Mon Cas», em Portugal é um filme português — e sabe-se como é

difícil, em Portugal, passar filmes portugueses no circuito comercial.

Por isso, estamos todos de parabéns ao anunciarmos a sua estreia para sexta-feira próxima no Nimas, de Lisboa. Ali se manterá nas duas primeiras semanas, transitando depois para o S. Jorge, também de Lisboa. Claro que Veneza o viu no fim de Agosto de 1986 e que toda a imprensa italiana, e quase toda a grande imprensa europeia, então se lhe referiu. Desde então, em Lisboa, quem não pôde vê-lo numa sessão da Cinemateca teve tempo de sentir secar a água na boca, passados que são oito meses sobre a sua estreia europeia. Impossível não chamar a atenção para

esta vertente das coisas no momento da sua estreia comercial em Lisboa.

«O Meu Caso» baseia-se numa peça em um acto de José Régio, que trabalha uma situação muito simples: abrem-se as cortinas mas, em vez dos actores, entra em cena um desconhecido que reclama a atenção do auditório para o seu caso, bem mais importante que o que vai ser representado. Ele consegue impor o seu discurso, e a peça prevista não chega a ser representada. Partindo desta situação, Manoel de Oliveira opera uma série de «repetições» que a retomam, glosam, comentam, expõem de outros modos: o que originalmente era uma comédia muda

de tom e de meios. Em Veneza, o público aplaudiu de pé Luís Miguel Cintra e Bulle Ogier, principais intérpretes. De repente, depois do *Amor de Perdição* e do *Sapato de Cetim*, toda a gente se lembrava de uma entrevista que o realizador concedera aos *Cahiers du Cinéma*, e onde dizia que «o cinema não existia, não passava de uma máquina de fotografar o teatro».

Para além de Régio, Manoel de Oliveira utilizou também o texto de «Pour finir encore et autres foirades», de Samuel Beckett, e passagens de «O livro de Job».

Nada mais se diga de momento: o filme vem aí. Vamos vê-lo.

Imagens da mudança na Imprensa soviética

Quando o partido dirigente do campo socialista coloca a sua sociedade ao avesso, o seu secretário-geral, Mikhail Gorbatchov, diz terem os erros do passado produzido transformações pouco sérias e não consonantes com a moral revolucionária, que os planos quinquenais não são cumpridos desde 1970 e que o socialismo deve ser «trabalho livre e pensamento livre num país livre», então algo de novo se passa na pátria dos soviéticos.

A coluna semanal que aqui se abre tenta captar os reflexos dessa mudança na imprensa soviética, o suporte da maior informação que é exigida, as imagens do maior país do mundo que quer passar diferente a volta do século.

Pag.3

ПРОЛЕТАРИИ ВСЕХ СТРАН, СОЕДИНЯЙТЕСЬ ПРОЛЕТАРИИ ВСЕХ СТРАН, СОЗДАЙТЕСЬ ПРОЛЕТАРИИ ВСЕХ СТРАН, РАНАЯЩЕСЯ БУДУТ ДАВНО ПРОЛЕТАРИАТЫ, БИРАШНИНГМЗ! БАРЛЫК ЕЛДЕРЛЕР ПРОЛЕТАРАЛАР, БИРЛЕШСЕН МАРКСИЗМДЫН БИРЛЕСИ, ТОСАПРЫН БУТУН ОЛКАЗАРЫН ПРОЛЕТАРАЛАР, БИРАШНИН ВШУ САНУ ПРОЛЕТАРАИ, ВИЕНУКТЕИ! ПРОЛЕТАРЬ ДЕН ТОАТЕ ЦЕННАР, УНШЕН-ЕН ВШУ ЗЕМЛУ ПРОЛЕТАРИЕС, САВИНОУИТЕИ! БАРЛЫК ОЛКАЗАРУН ПРОЛЕТАРАЛАР, БИРЛЕКНАИ! ПРОЛЕТАРХОМ ДАМАН МАМАЛАКАТХО, ИК ШАМАИ ОРОШЕРЛАР БИРА БИРАЛЫ. ШУНЕН ОУКАН КОРТАЛАРЫН ПРОЛЕТАРАЛАР, БИРАШНИН КӨНГІ МААДЕ ПРОЛЕТАРЛАСЫД, ШИНЕГІ!



ИЗВЕСТИЯ

Газета выходит с марта 1917 года

СОВЕТОВ НАРОДНЫХ ДЕПУТАТОВ СССР

№ 108 (21915)

Суббота, 18 апреля 1987 года

Цена 5 коп.

A Europa vê-se envelhecer

Dar a conhecer melhor os trabalhos de pesquisa realizados nos últimos anos, na Europa, era o principal objectivo do colóquio «Europrospective», que reuniu numerosos peritos na *Cité des sciences et de l'industrie de La Villette*, em Paris, entre os dias 23 e 25 de Abril. Uma das dezassete oficinas era consagrada à demografia do Velho Continente, que merece bem o nome.

E as nossas reformas? Quem é que as vai pagar? Os quadragenários de hoje, filhos do «baby boom» do pós-guerra, têm, decerto, razão para estar inquietos. O erro comum é, no entanto, reduzir a essa pergunta trivial um imenso problema de sociedade: o envelhecimento dos países europeus. Porque está em curso uma «revolução grisalha». Uma «revolução» que exige políticas apropriadas em numerosos domínios, e não só regims de reforma reajustados.

Já quase não é permitido falar de pirâmide das idades nos doze países da Comunidade Europeia. Evolui-se rapidamente para quase — rectângulos, visto que a base diminui e a parte de cima aumenta.

Toda a gente tem os olhos fixos nos nascimentos, e, mais particularmente, na fecundidade alemãs. Pois não vê a RFA declinar a sua população nos últimos dez anos? Assiste-se, na realidade, a «uma notável uniformização dos comportamentos procreadores», como dizem os especialistas. Outros cinco países da Comunidade (Bélgica, Dinamarca, Itália, Luxemburgo, Reino Unido) já registam um crescimento nulo. No conjunto dos Doze, a fecundidade média diminuiu em 40% entre 1960 e 1985, passando de 2,7 filhos por casal, para 1,6. Só a Irlanda ainda se demarca do pelotão, mas por quanto tempo?

Não é, de resto, para a base da pirâmide-rectângulo que se deve olhar: agora, o essencial passa-se no cimo. «A nova revolução demográfica é uma revolução de velhos», explica Michel Loriaux, professor da Universidade de Louvain. Ela vai permitir à população europeia que ainda cresça, mas à custa de um envelhecimento certo.

Assiste-se, com efeito, a uma tripla tendência: as pessoas idosas são cada vez mais numerosas; elas são cada vez mais velhas; e a sua proporção na sociedade não deixa de aumentar. Pois não foram ganhos entre 1950 e 1980, oito anos de esperança média de vida? Os de mais de sessenta e cinco anos representavam menos de 5% da população europeia no meio do século passado. Eles são hoje mais de 14%. Principais «vencedores» nesta «hit-parade» do envelhecimento: a RFA, o Reino Unido e a Dinamarca. Em 2010 os de mais de sessenta e cinco anos ultrapassarão os 20%, e, entre eles, os muito velhos serão mais de vinte milhões.

E quem sabe o que a medicina nos reserva! Se, do lado da mortalidade infantil, não há quase mais nada a esperar, o prolongamento da duração da vida, esse permite todas as esperanças... e todos os receios pela carga económica que representa.

A imigração? Ela foi largamente parada na maior parte dos países europeus. Vemos, de resto, que, com o decorrer dos anos, a fecundidade das mulheres estrangeiras tende a diminuir e a aproximar-se das europeias. Um novo «baby-boom»? Nada o faz prever. Ele devia, em todo o caso, ser bem espectacular para inverter a tendência.

«O envelhecimento da Europa é inevitável e irreversível», dizem a maioria dos peritos. É pois inútil sonhar. É uma Europa mais velha e relativamente mais pequena que deverá defender o seu lugar no mundo no princípio do próximo século.

Catastrófico? Não obrigatoriamente, afirma Michel Loriaux, que escolheu ser optimista. As evoluções demográficas não são furtivas;



Os assalariados idosos são excluídos cada vez mais cedo do mercado do trabalho

elas respondem às evoluções da sociedade.

Os países europeus não são, de resto, os únicos a envelhecer. O Japão está a segui-los (ele tem hoje uma percentagem de pessoa idosa duas vezes mais elevada do que em 1950), o que não o impede de nos deslumbrar com o seu dinamismo. O poder de uma nação não se limita, longe disso, à sua demografia. Não há estruturas demográficas ideais. Tudo depende da capacidade de um país se adaptar ao envelhecimento da sua população ou, para falar como os nossos pregoeiros, *rentabilizar o mais optimamente possível o seu capital humano envelhecido*.

Em suma, não basta verem-se a envelhecer. Os países europeus devem desde já «gerir» a sua revolução grisalha.

E, antes de mais, revendo as definições. O que é um velho? Para as autoridades é, antes de mais, uma pessoa inactiva, pobre, só, e muitas vezes... doente. Ora essas deficiências surgem hoje mais tarde e com uma intensidade diferente. Os sexagenários de hoje são claramente menos «velhos» do que os dos anos 60, sublinha Gérard Malabouche, encarregado da missão no comissariado geral do Plano. O seguro sobre

a velhice fica concebido para sexagenários, não para gente muito velha. *Mais do que de um rendimento de substituição do salário perdido, os velhos precisam de uma soma proporcional do seu grau de dependência.*

Uma reorganização das carreiras

Mas isto é um aspecto entre muitos outros de uma política da terceira idade. Esta, hoje, é mais uma política de emprego do que uma política social. Parte-se do princípio de que vale mais pagar a um reformado do que a um desempregado. Os assalariados idosos são excluídos cada vez mais cedo do mercado do trabalho. Sem mesmo esperar uma partida para a reforma, nota Xavier Gaullier, investigador no CNRS. A sua situação nas empresas degrada-se: os seus salários deixam de aumentar, não são promovidos ou são mesmo postos na prateleira.

Será utópico imaginar *outra gestão das idades na vida profissional e uma reorganização da carreira*?, por outras palavras, uma alternância muito maior entre o trabalho, a formação, e os tempos livres, ao longo de uma existência de adulto? Isto implica numerosas reformas, como o diz Gaullier. Seria preciso saber

formar assalariados idosos e estabelecer novos critérios de avaliação das suas capacidades em todas as etapas da sua vida profissional.

Uma sociedade não se adapta ao envelhecimento da sua população limitando-se a modificar o seu sistema de segurança social ou a sua organização do trabalho. Ela deve mudar a sua hierarquia de valores, afirma Pierre-Philippe Druet, professor de Filosofia na Universidade de Namur.

O trabalho produtivo já não pode ser o único meio de nos valorizarmos socialmente. É preciso arranjar um pluralismo dos valores e fazer isso desde já.

Sem voar tão alto, todos os que reflectem no problema com um mínimo e prospectiva sublinham: *a necessidade de um esforço de imaginação*. Seria preciso inventar uma nova política da idade e outras relações entre as gerações. Sob pena de ver movimentos, como os Panteras Cinzentos, na Alemanha Federal, já não divertirem ninguém. As novas sociedades envelhecidas seriam, em suma, obrigadas a inovar. Ao fim e ao cabo, nada impede a «revolução grisalha» de ser... revolucionária.

Robert Solé

Na quinta-feira

TERÇEIRA-FEIRA



КРАСНАЯ ЗВЕЗДА

ЦЕНТРАЛЬНЫЙ ОРГАН МИНИСТЕРСТВА ОБОРОНЫ СССР

За нашу Советскую Родину!

Газета выходит
с 1 января 1924 года1987
АПРЕЛЬ
16четверг
№ 88 (19275)

Цена 3 коп.

«Peço-lhe encarecidamente que me diga quando começa a reconstrução»

«Peço-lhe muito encarecidamente que me diga quando começa a reconstrução. Nós lemos e vemos pela televisão aquilo que se assemelha a um bom espectáculo», escreveu Kerim Rzaev que vive na cidade de Agdam, ao sul do Cáucaso, muito perto da Turquia, na República Soviética do Azerbaijão. A carta foi endereçada ao órgão central do Soviete de Deputados, «Izvestia», como muitas outras, e parte transcrita num artigo de resposta a algumas missivas enviadas.

Nele se fala, sobretudo, da «reconstrução» que, a um ritmo rápido e estimulada «de cima», vem sendo introduzida na União Soviética e, a fazer fé nas palavras de Mikhail Gorbachov, mexerá com as estruturas produtivas, com o papel dado aos organismos de base, com as práticas políticas, a ética e a moral vigente.

Contudo, pelo artigo se nota também a distância que, por vezes, existe entre a vontade expressa dos órgãos centrais da sociedade e a relutância de alguns sectores em que algo mude.

«Onde está o vosso interesse pelas pessoas?» - pergunta Vassili Nentchenko - «Eu vivo em Zaparoje no centro, ao lado da casa de reparações, mas não há nenhum sítio que me arranje o ferro de engomar. A conversa foi e é muita, mas fazer, nada». E acrescenta: «Podia dar-vos muitos factos, mas não creio que vocês leiam a carta».

A mesma desconfiança é manifestada por Serguei Verechaka de Bobruisk que escreveu a dizer que, para ele, «a reconstrução começa, realmente, só quando este meu artigo, mesmo com algumas correcções, for publicado».

Tudo leva a crer que a mudança dos comportamentos não entrou na vida dos soviéticos, tal como acontece com o engenheiro técnico Victor Mikailov. «Todos os dias vejo o correio dos jornais centrais e a televisão. Ouço sempre: 'Aceleração, aceleração, aceleração' e depois: 'Reconstrução, reconstrução, reconstrução'. Mas onde está a aceleração? É a reconstrução? Em qualquer sítio, lá longe. Aí, tudo bem. Aí, diz-se, tenta-se reconstruir tudo revolucionariamente, há pessoas que pensam da mesma maneira». E termina: «Mas eu, infelizmente, vivo aqui e não há ninguém a pensar como eu. Pelo contrário, só ouço: 'Tempos difíceis, tempos difíceis'».

Tempos difíceis

Os tempos não vão fáceis para ninguém na terra dos soviéticos. O

próprio Gorbachov, em Janeiro passado, dirigiu-se ao plenário do Comité Central de um modo duro, claro e abordando com todas as letras os aspectos viciados e «estranhos ao socialismo».

Nessa sua intervenção, todavia, não perdeu de vista os aspectos positivos alcançados pelas gerações anteriores, a existência de militantes que sempre se opuseram ao «estado de imobilismo» que ora se vive ou, ainda, vincando a necessidade de completas reformas revolucionárias com vista à manutenção reforçada da ordem, da disciplina, do retorno à «fisionomia pura e honesta do militante comunista» e da estabilidade da sociedade.

Apesar disso, e se as palavras por vezes não são as mais directas, não deixa de ser claro na atribuição de responsabilidades. As causas vêm de longe, diz, com «origem naquela situação histórica concreta em que, por força de circunstâncias concretas, desapareceram da teoria e da sociologia a discussão viva e o pensamento criador», não se esquecendo de acrescentar que «os órgãos dirigentes do Partido e do Estado são responsáveis».

A nova atitude está a provocar um verdadeiro «abanão» que cria, em certos sectores, alguma desconfiança. «Frequentemente me perguntam: não estaremos a agir com demasiada rigidez?» Ou «não haverá crítica a mais, demasiada transparência, não traz a democracia algumas coisas negativas?».

E responde de seguida: «Pensamos que não. É importante para a estabilidade da sociedade. Mas há pessoas que falam do novo, usando a democracia, a crítica, e depois na prática esquecem-se».

Em todas as suas intervenções, nos mais diversos locais e ocasiões, o secretário-geral do PCUS vem espalhando a mensagem de que a reconstrução só é possível com o suporte, apoio e esforço empenhado de todos. Que ninguém pode ficar à margem da crítica ou a ela ser vedado esse direito, mesmo aos membros do comité central a quem, segundo Gorbachov, é preciso garan-

ПРОЛЕТАРИИ ВСЕХ СТРАН, СОЕДИНЯЙТЕСЬ!

Газета основана 19 февраля 1921 года

Орган Всесоюзного Центрального Совета Профессиональных Союзов

Четверг, 16 апреля 1987 года
№ 89 (20136)
Цена 3 коп.

Коммунистическая партия Советского Союза

Газета основана 5 мая 1912 года
В. И. ЛЕНИНЫМ

Орган Центрального Комитета КПСС

№ 275 (24897) Четверг, 2 октября 1986 года Цена 4 коп.

Os cabeçalhos dos jornais «Estrela Vermelha», «Trabalho» e «Verdade», respectivamente os órgãos centrais do Ministério da Defesa, dos sindicatos soviéticos e do Comité Central do PCUS

tir o direito de «levantar questões no plenário».

Diariamente, em vários artigos, de vários jornais, as críticas não são receadas e, por vezes, parecer mesmo que já não existe informação ou discurso sem o toque crítico recomendado.

A crítica permanente

«Tenho 22 anos. Estou a acabar o tempo da tropa e em breve volto para o instituto», é publicado numa coluna do «Pravda». «Dantes eu não escreveria para um jornal, os jovens não eram ouvidos. Só os proibiam e davam conselhos. Agora é diferente e nem tudo vai bem. E nós entendíamos isso antes, mas só abrimos verdadeiramente os olhos com o XVII Congresso. Agora muitos, muitos compreendem. Não querem dizer uma coisa e fazer outra, como muitos se habituaram».

Na mesma página, B. Mikita, secretário do Buro do Partido na fábrica Lenine de Lvov, escreve, sobre a organização comunista da juventude, um artigo intitulado «Assim foi, mas como será?». «Lembro-me como em muitas reuniões nós dizíamos que o Komsomol era o destacamento da vanguarda e que nela tinham lugar apenas os melhores. Durante muitos anos, houve no gabinete do Komsomol da nossa fábrica um 'placard' onde se anotava o crescimento do número de membros e estimulávamos-nos com a competição entre as diversas secções da fábrica, para recrutar mais. Muitas vezes, punha-se a questão nestes ter-

mos: entras para o Komsomol e recebes dez rublos de prémio. E encontravam-se interessados».

Nessa mesma fábrica, a escolha dos jovens a recrutar era filtrada por diversos critérios. «Escolhíamos os que ouviam e seguiam, sem princípios, e, muitas vezes, vinham para o Komsomol pessoas que antecipadamente tinham já um plano da sua carreira, filhos de pais com altos cargos».

Na televisão, as mudanças também se fazem sentir. Pela primeira vez na sua história, conforme se escreve na sua secção do «Izvestia», realizou-se um programa em directo com entrevistas a conhecidos jornalistas e comentadores políticos,

tendo sido instalados dois telefones no estúdio para responder às perguntas dos tele-espectadores.

As críticas e os relatos deixaram de ser abafadas e vêm a lume com grande frequência, a ponto de se dizer em intervenções políticas que as críticas devem servir, não só para condenar o passado, mas principalmente para transformar o presente. O que nem sempre é entendido.

Voltar a Outubro de 1917?

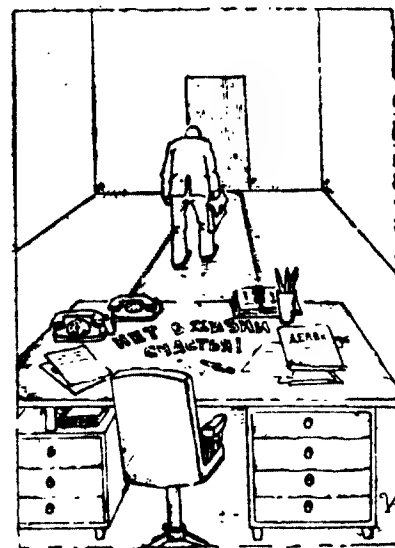
O membro do Comité Central, Guennady Bashtaniuk, da República Autónoma da Tartária, dá conta num artigo da Revista Internacional das dúvidas dos seus colegas operários quando regressou do XVII Congresso.

«Os camaradas da minha brigada com quem trabalho há vários anos perguntaram-me porque razão quase sete décadas depois do Grande Outubro nos colocávamos de novo a tarefa de proceder a uma reconstrução revolucionária».

Bashtaniuk explica que assim se passa porque «na nossa realidade existem factores que impedem o avanço, que há pessoas, inclusive entre os comunistas, que estavam conscientes ou inconscientemente o desenvolvimento intensivo da economia, a renovação radical da nossa vida, a sua depuração de toda a ostentação, rotina, inércia e indiferença».

Aquele membro do comité central adiantou que, entre 1985 e na pri-

(continua na pag. 4)



М. АНЧУНОВ (БОГОНЕЖ)

«Na vida não há alegria»

Os silêncios de Roosevelt perante o Holocausto

Roosevelt e muitos responsáveis da administração americana fecharam os olhos perante as informações que lhes foram dadas desde 1942 sobre a organização, por Hitler, da «solução final»? A pergunta já fora feita mas nunca tivera uma resposta tão boa como a de David Wyman no seu livro *O Abandono dos Judeus, os Americanos e a Solução Final*.

UTILIZADA desde 1938, a expressão «solução final» foi primeiro aplicada aos projectos de emigração total das populações judias, principalmente em Madagascar. Foi no fim de 1941 que ela tomou o sentido de extermínio, depois do desencaixar da campanha da Rússia. Himmler fora encarregado disso por Goering. Os «grupos de intervenção SS» (Einsatzgruppen) tinham, já em Julho, massacrado várias centenas de milhares de judeus em território soviético. De cima a baixo da hierarquia nazi, nenhum executante desconhecia o significado dos termos «solução final» ou «tratamento especial».

Em Wannsee, bairro residencial de Berlim, os representantes de todas as administrações do Reich ouviram de Heydrich, chefe dos serviços de segurança, a definição do plano que sistematizava «a solução final do problema». Tratava-se de transferir para leste onze milhões de pessoas «de confissão judia» para aí as fazer trabalhar, em especial na construção de estradas. «Uma grande parte desaparecerá sem dúvida alguma por decrepescência natural, isto é, excesso de trabalho, doenças, subalimentação, etc. O que subsistir e que representará indubitavelmente a fracção mais resistente, deverá ser tratado de acordo com o facto de que, representando uma selecção natural, constituiria se fosse libertado o germe de um renascimento judeu».

Foi esta a frase-chave que fez acelerar todo o sistema de um extermínio levado a efeito menos administrativamente até então. Nenhum dos assistentes criticou a ordem, e dois meses mais tarde, em Abril, os primeiros campos da morte (Belzec, Treblinka, Sobibor) entraram em actividade.

No entanto, como a ordem para matar não era explicitamente formulada, como nenhum executante podia referir-se a uma ordem escrita, mesmo que essa ordem fosse evidente, a interpretação verdadeira do «tratamento» pareceu tão incrível que houve passividade, reticências, silêncios, enfim, das autoridades cujas palavras ou acções teriam podido interromper o processo. Apesar de todos os testemunhos elas quiseram acreditar obstinadamente que as transferências em massa de populações judias não passavam de transportes de mão-de-obra e que as mortes resultavam das condições de trabalho e não de uma decisão de extermínio.

Entre essas autoridades, o presidente e o governo dos Estados Unidos. O facto é conhecido desde essa altura, como era conhecida a obstinação do governo britânico em entrar toda e qualquer medida para chamar alguns milhares de judeus do continente, para evitar dramas com os árabes. Nos últimos vinte anos, historiadores americanos, entre eles Walter Laqueur, têm contado esses silêncios de Roosevelt e analisado a

responsabilidade dos Estados Unidos. Mas David S. Wyman vai muito mais longe que eles graças ao facto de o acesso aos documentos do Estado ser agora livre.

É uma leitura que não exonera nenhum Estado europeu das suas responsabilidades.

A política americana tinha duas especificidades: ela era a de um país em guerra aberta contra o Reich e também a de um país cuja tradição de acolhimento constituía a própria essência. É por isso ainda mais espantoso encontrar no quadro traçado por David S. Wyman a totalidade dos comportamentos das nações do universo não hitleriano quando o III Reich as confrontou, com a proclamação de um «problema judeu» e com a necessidade de o resolver pela destruição. Os países livres não fizeram calculos diferentes dos vencidos ocupados de 1940. Uma palavra os resume: o «mal menor», a oportunidade política, o anti-semitismo de tradição nacional, paralisaram os medias, as Igrejas, os partidos, os grupos de pressão, o Congresso e o presidente.

A partida, um facto evidente desde 1933 falseava todo e qualquer julgamento: os adversários do nazismo, a começar por muitos cidadãos alemães que se opunham a esse regime, admitiam, sem nada objectar, o postulado de base afirmado por Hitler: «Há na Alemanha um problema judeu». Não viam que essa concessão, mesmo mascarada de «objectividade», continha em germe os desenvolvimentos, em toda a Europa, do anti-semitismo do mais «civilizado» ao mais bárbaro, e que serviria para justificar os silêncios sobre ele. Roosevelt também o admitia.

Antes de mais carência da imprensa e dos intelectuais. A partir de meados de Março de 1942, a imprensa americana começou a difundir informações sobre os massacres. As citações são impressionantes, mas os textos eram como que escondidos no corpo dos outros artigos, sem relevo nem dramatização, embora as fontes diversas já difundissem o essencial das modalidades do massacre. As penas mais autorizadas, mesmo a de Walter Lippmann não encreveram uma só palavra sobre o assunto.

A opinião pública não tinha grande vontade de ouvir falar no caso. A difusão do anti-semitismo juntava-se à hostilidade profunda contra a imigração, a integração de novos estrangeiros numa sociedade dominada pelo isolacionismo. As eleições legislativas de Novembro de 1942 tinham posto no Capitólio uma maioria conservadora que exprimia essas reticências, e Roosevelt receava as suas reacções. Ele não perdia de vista a eleição presidencial de 1944.

O principal obstáculo do exame real das informações chegadas da Europa situava-se no departamento de Estado e na secção dos assuntos europeus. David S. Wyman expõe longamente as suas manobras de si-



Roosevelt com o vice-presidente Garner



...E em Marrocos na conferência com os Aliados

lenciamento, inspiradas pelo cepticismo e sobretudo por uma vontade política, muito sensível às injunções da Grã-Bretanha. Na prática ela atrasava constantemente a transmissão dos relatórios vindos da Suíça ou das autoridades judaicas a fim de evitar que o presidente tivesse de tomar uma decisão. Ao nível administrativo, a legislação sobre a imigração foi aplicada com restrições progressivamente crescentes: durante os três anos e meio de conflito com a Alemanha, só foram distribuídas 10% de quotas autorizadas, abrindo assim as portas a 21 000 refugiados.

A simpatia pessoal de Roosevelt pelos judeus era acompanhada por uma profunda indiferença pela realidade do extermínio. Não acreditar ajudava bastante bem o seu receio de ser acusado de fazer «guerra judia». A acusação de

ser o presidente do «jew deal» (em vez do New Deal) encontrava-o tanto mais sensível quanto mesmo muitas organizações judias hesitavam em se empenhar a favor das vítimas por receio dos «slogans» que denunciavam «a guerra judia». E mesmo os mais determinados punham como limite a toda e qualquer acção, a sua fidelidade a Roosevelt. Essa lealdade privou-os de meios de pressão.

Protestos virulentos

Foi no fim de 1943 que Roosevelt decidiu, por instância de Morgenthau, criar a agência para os refugiados de guerra. 90% das despesas foram cobertas por fundos privados. A administração não lhe deu quase nenhum concurso. Uma só medida foi finalmente tomada em Agosto de 1944. Mil refu-

giados jugoslavos, entre os quais oitocentos e trinta e quatro judeus, foram transferidos de Itália para Fort-Ontário, antigo campo militar da guerra da Secessão. Abandonaram-no em Dezembro de 1945 e puderam instalar-se nos Estados Unidos apesar de protestos muito virulentos.

Por várias vezes, enfim, na Primavera de 1944, o departamento da guerra recusou todas as sugestões de bombardeamento das vias férreas e das câmaras de gás de Auschwitz, apesar de se realizarem nas proximidades «raids» maciços.

No seu posfácio, André Kaspi reflecte sobre o «dossier» minuciosamente estabelecido por David S. Wyman e dá uma explicação dos silêncios de Roosevelt que, a falar verdade, é a única convincente, embora seja ridícula: o grande presidente agiu como político, dotado do sentido do possível, do realizável, negligenciando os que estão sempre com ele, os eleitores judeus, poupando os seus adversários, os restricionistas, os germano-americanos. Fundamentalmente, ele não imaginava a realidade do Holocausto. Apostava somente na esperança e nos mios da vitória para libertar os judeus europeus, mesmo ao custo das tradições de acolhimento no seu país.

David S. Wyman pouco fala do homem só, que foi o primeiro a informar os Estados Unidos dessa realidade. Durante quarenta anos ignorou-se o seu nome e a sua história, que Walter Laqueur e Richard Breitman acabam de trazer à luz do dia numa obra intitulada *Breaking the Silence*.

Chamava-se Eduardo Schulte, e era um grande industrial na Alta-Silésia. Faleceu na Suíça em 1965. Já muitas vezes a esse país, durante a guerra a fim de negociar a compra de matérias-primas. Logo na Primavera de 1942 contactou com diplomatas americanos de origem alemã, em Zurique, e deu-lhes, sobre as modalidades da «solução final» detalhes que obteve devido ao seu papel na indústria de guerra. Foram esses relatórios que o departamento de Estado abafou e cuja transmissão para Washington proibiu.

Depois da guerra, o departamento da Justiça recusou-lhe o visto de imigração, a pretexto de que ele não fora suficientemente antinazi, no momento preciso em que o governo militar americano de Berlim o encarregava de reconstruir a indústria. Mais ainda: foi condenado a título póstumo: em 1970, um tribunal alemão recusou ao seu filho uma reparação pela perda dos seus bens na Silésia. A razão dada foi que as informações dadas ao inimigo tinham causado prejuízos à Alemanha.

Era um alemão liberal notável, que agia por patriotismo, não por ideologia, um dos que deveriam ter figurado nos primeiros governos de Bona. Seria por acaso que um dos principais autores da política de abafamento das informações sobre a «solução final» e do abandono dos judeus pelos Estados Unidos, John McCloy, foi um dos mais poderosos «padrinhos» da República Federal? Faltam elementos de resposta, mas vale a pena referir a coincidência. Uma das suas consequências foi sem dúvida tantos anos de silêncio sobre este «dossier».

Nota:

* David S. Wyman. *L'Abandon des Juifs. Les Américains et la solution finale*. Ed. Flammarion.

Jacques Nobécourt

O Islão e a Poligamia

Ao contrário do que é propalado no Ocidente, o Islão não é responsável pelo aparecimento da poligamia, e tão-pouco a fomentou entre os árabes. O Alcorão, livro sagrado e fonte do Direito muçulmano, apenas regulamentou um facto desde sempre existente em todas as sociedades e que a Bíblia ignorara. Ainda hoje, possuir várias mulheres não é exclusivo dos árabes... Pelo contrário, a religião impõe-lhes regras e responsabilidades que não se encontram no chamado Ocidente.

CONTA-SE que no ano 423 da Hégira (1) morreu em Bagdad um tintureiro de 87 anos que ao longo da vida tinha esposado e repudiado sucessivamente novecentas mulheres, ou seja, pelo menos uma por mês. As lendas e a desinformação sobre as sociedades islâmicas ainda hoje contribuem, mais ou menos deliberadamente, para anatemizar uma religião que tolera a poligamia — mas a realidade é bem diversa.

A poligamia entre os árabes é, na verdade, anterior ao Islão. Justificavam-na motivos evidentes de ordem social: os árabes eram um povo de baixa natalidade e pequena densidade populacional, pelo que se tornava necessário expandir e valorizar a raça.

O facto, aliás, não é original nem exclusivo dos árabes. Suleiman Valy Mamede afirma a esse propósito: «Diversos pensadores, Engels entre outros, salientaram já que a poligamia não é específica a nenhum Povo; tem sido e continua a ser praticada pelas altas camadas sociais de todos os países, não talvez de graus diferentes mas de formas diversas. Era praticada na aristocracia germânica no tempo de Tácito, na Grécia na época de Agamemnon, em toda a Ásia, no Egipto na família faraónica e na dos dignitários das cortes medievais. Todos estes países, sem ofensa à moral, podiam e podem dar-se a esse luxo, se tinham ou têm meios para isso...» (2).

Merece a pena recordar que a monogamia, no sentido da fidelidade total a um só casamento, nunca existiu e cada vez menos existe para além das convenções mais ou menos religiosas e ou sociais, mais ou menos hipócritas e, nessa medida, sempre apelativas à contravenção...

Ao regular a poligamia que foi encontrar na sociedade árabe, e afinal é destino da Humanidade (a carne é fraca, como se diz...), o Islão não fez mais que restringir e ordenar a vida social e sexual dos seus seguidores, mais de 900 milhões na actualidade. Como nota o prof. Hammudah Abdalati, «a função exterior do Alcorão alberga todos os passos da vida e cobre os princípios de todo o campo das relações humanas, desde os casos mais pessoais às complexas relações internacionais. O Alcorão atinge áreas desconhecidas para qualquer sistema jurídico ou código de ética. Isto faz com que a presença de Deus (3) recaia em todos os negócios, e as reconheça como primeira origem de direcção e a última meta de todas as transacções. É um guia espiritual do homem, o seu sistema legislativo, o seu código de ética e acima de tudo o caminho da sua vida» (4).

Refira-se a propósito que as revelações bíblicas não tratavam do assunto da poligamia que, ainda segundo Abdalati, «era naquela altura um facto lógico, uma realidade. A Bíblia não proibiu, não regulamentou e nem sequer restringiu a poligamia (...). O Alcorão interveio, porque tinha de ser realista e não podia tolerar o caos na estrutura da família, que é a própria base da sociedade» (5).

Ao regular a poligamia, o Alcorão estabeleceu em quatro o número de esposas legais. Essa regra torna-se, no

entanto, impraticável pois o homem só pode voltar a casar desde que a primeira mulher sofra de esterilidade comprovada ou doença grave que a impeça de manter relações sexuais normais. O homem é ainda obrigado para a prática da poligamia a «manter a balança da justiça e equidade com todas as esposas. Como é óbvio, no campo material é impossível ser-se justo e equitativo, mas em questões sentimentais pode-se afirmar, categoricamente, que tal é impossível. Os grandes exegetas concluem daqui que o espírito do Islão é estritamente monogâmico» (6).

Por seu turno, o Prof. Mohammed Aziz Lahbabi, da Universidade de Rabat, escreve em «Le Personalisme Musulman»: «... O Alcorão incita vigorosamente à monogamia; basta meditar nos versículos 3-4 e 127 a 130 (Cap. IV) do Alcorão, para nos convencer-mos de tal... A poligamia, no Islão,

Não há fundamento para argumentar que ela é menos importante do que ele, precisamente, porque os seus direitos (e recíprocos deveres) não são, identicamente, os mesmos. (...) O facto de o Islão dar direitos iguais — mas não idênticos — mostra que a toma na devida consideração, admitindo e reconhecendo a sua independente personalidade» (7).

Portanto, as especificidades que caracterizam a mulher muçulmana, e que tantas vezes são apresentadas folcloricamente aos olhos dos ocidentais para menosprezar essa Cultura, resultam tão-só da aplicação da *shari'a* (lei islâmica) por um povo de firmes conceitos religiosos. Costumes como o «tchador» (véu) e certas normas de recato, aliás caindo em desuso nos meios muçulmanos cultos, mais não fazem que prolongar uma tradição religiosa e social que representa os mais altos valores da sociedade, sendo por isso livremente aceites pela mulher. Tal não impede que ela ocupe hoje posições relevantes nos vários aspectos do Mundo Árabe, mormente na governação. Mas o seu papel fundamental é no seio da família, no governo do lar e na educação dos filhos.

Para os muçulmanos, o casamento constitui uma instituição solene e sagrada, como anunciava o Profeta Muhammad: «Aquele que casa, cumpre metade

— Direito da mulher a um dote de acordo com o nível do seu pretendente e a sua fortuna pessoal. Só voluntariamente pode renunciar a esse dote, que se destina a assegurar à mulher que é desajada, que o homem necessita dela e que está preparado para assumir as suas responsabilidades financeiras. O dote significa também que o homem não casa atendendo a ganhos materiais. Desenhando-se assim as linhas claras do que cada um pode esperar do outro.

— O casamento deve ser celebrado da forma mais alegre, significando o livre consentimento sem o qual não é válido. Deve ser testemunhado por dois adultos e registado em documentos oficiais.

— O marido tem o dever de total manutenção da mulher. Os bens ou propriedades da mulher serão mantidos como sua exclusiva pertença, sem que o marido tenha direito a qualquer parcela ou rendimento.

O divórcio é admitido em casos extremos, depois de esgotados todos os meios de reconciliação entre os cônjuges, sendo descrito pelo profeta Muhammad como «o mais detestável de todos os actos legais perante Deus». Obedece às regras seguintes:

— As duas partes directamente envolvidas devem tentar resolver as suas disputa e os seus problemas.

do que tenha feito e das suas dívidas...» (Cap. IV, Vers. 11).

Mais adiante estabelece-se:

«A vós (homens) pertence metade do que as vossas mulheres deixarem, se elas não têm filhos; mas se elas tiverem um filho, então pertence-vos (aos maridos) um quarto do que (elas) deixarem, depois do pagamento dos legados que tenham feito e das suas dívidas.

«E a elas (às mulheres) pertence um quarto do que vós deixardes, se não tiverdes nenhum filho; mas se vós (homens) tiverdes um filho, então cabe-lhe um oitavo do que deixardes, depois dos legados que tenhais feito e das vossas dívidas.

«E se ambos os cônjuges (homem e mulher) não tiverem deixado nem descendentes nem ascendentes, e se ele ou ela tiverem um irmão ou irmã somente, então para cada um destes irá um sexto de todos os bens; e se houver mais do que dois irmãos, então cada um destes receberá um terço dos bens, depois do pagamento de qualquer legado ou dívida contraída, sem prejudicar os herdeiros fazendo legados superiores a um terço da herança...»

Resta acrescentar que nestes problemas jurídicos de sucessão prevalecem as seguintes fontes de Direito: Suna (Tradição), Ijmá (consenso da Comunidade dos Crentes) e a Fétua («responso»).



nunca foi recomendada. Pelo contrário, a mulher dispõe do direito de acrescentar à acta do casamento cláusulas pelas quais o marido se compromete a respeitar a monogamia...

Hoje, nas modernas sociedades islâmicas, assiste-se a um verdadeiro movimento de emancipação da mulher e de reconhecimento do seu papel nas transformações sociais. No Paquistão, a Lei da Família de 1961 proibiu a poligamia, o mesmo sucedendo com o Código Civil turco de 1926 e com as legislações posteriores do Egipto, Argélia e Tunísia.

Casamento e divórcio

As instituições e costumes da vida muçulmana emanam directamente do Alcorão, influenciando a orgânica dos estados de tal sorte que não se distingue o temporal do espiritual. «Este é o livro que Nós revelámos para que possas (ó Muhammad) retirar o género humano das trevas, levando-o para a luz com a anuência do teu Senhor, e o encaminhes até à senda do Poderoso» (Alcorão, 14:1).

O estatuto da mulher no Alcorão não é igual ao do homem. Ainda Hammudah Abdalati: «Esta diferença é compreensível porque o homem e a mulher não são idênticos, mas foram criados iguais. A igualdade é desejável e justa, mas a identidade não o é. (...) Com esta distinção, não há lugar para imaginar que a mulher seja inferior ao homem.

da sua religião e falta-lhe completar outra metade para uma vida cheia de virtude em firme respeito de Deus». René Kalisky, arabista francês, afirma no entanto que «apesar dos esforços da *shari'a*, a instituição do casamento separava mais que unia os cônjuges, aumentando o fosso que desde sempre no Oriente existiu entre eles (...). O Islão acreditava mesmo na superioridade do homem sobre a mulher. (...) O homem casa-se porque deseja acima de tudo a nascer de um herdeiro masculino. Até à idade de sete anos o rapaz será criado pelas mulheres, e em seguida entrará no universo masculino, personificado por seu pai e aprenderá um ofício ou entrará para uma escola corânica» (8).

Segundo o citado Hammudah Abdalati, são as seguintes as regras «para que o casamento sirva inteiramente os seus propósitos».

— Eliminação de qualquer conduta imoral, enganosa e exploradora.

— Escolha de uma companheira na base de devoção religiosa, integridade moral, carácter, etc., e não na fortuna, prestígio social ou atracções físicas.

— Direito da mulher a assegurar-se que o homem que se lhe propõe é um companheiro conveniente, merecedor do seu respeito e amor, capaz de a fazer feliz, podendo rejeitar o que for considerado incapaz de cumprir estas obrigações.

— Se a primeira tentativa falhar, dois medianeiros, representando cada um dos cônjuges, devem ser encarregados de tentar a reconciliação entre ambas as partes.

— Se esta tentativa falhar, o divórcio terá que ser concedido, podendo ser pedido por um dos cônjuges (divórcio litigioso) ou por ambos (mútuo consentimento).

O Direito sucessório

Nota-se em todas as regras uma preocupação de fidelidade às regras e preceitos morais do Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos, que é, como se disse, também fonte de Direito civil e regulador de toda a actividade humana.

Sobre o direito sucessório, o Alcorão diz: «Deus ordenou-vos que fizesseis a partilha dos vossos bens, pelos vossos filhos, da seguinte maneira: — para o filho, o equivalente ao quinhão de duas filhas; se houver só filhas, mesmo mais que duas, então pertence-lhes dois terços da herança; e se houver uma filha somente, então pertence-lhe metade. E, quanto aos pais do defunto, um sexto da herança (a cada um deles), se ele (o defunto) tiver só um filho; e se não tem nenhum filho e se seus pais são seus herdeiros, então à mãe pertence um terço; e se ele (o defunto) tem irmãos, então à sua mãe pertence um sexto, depois do pagamento de qualquer lega-

Falámos, sem pormenores exaustivos que alongariam interminavelmente este trabalho, de uma civilização pouco conhecida e muito vilipendiada no Ocidente — inclusive entre os portugueses, ligados aos árabes por laços históricos indeléveis. Por mais que alguns interesses (evidentes) procurem pintá-los de «bárbaros» e outros epítetos similares, o que aqui vemos é uma civilização constituída em torno da ordem natural, sem tabus e sem procurar falsas explicações e ou subterfúgios para a sua plenitude humana, que naturalmente passa pela realização sexual. E essa pureza parece teimar em resistir através dos tempos.

António Cunha Ribeiro

Notas

- (1) O calendário lunar muçulmano conta-se a partir da Hégira, ou seja, da fuga do profeta Muhammad de Meca para Medina. Actualmente, está-se no ano de 1407 da Hégira.
- (2) Suleiman Valy Mamede, «O Islão», Tomo II, n.º 10, Lisboa, 1973.
- (3) É errado apresentar-se Allah como o Deus dos árabes, Allah é somente a tradução árabe de Deus, como God em inglês e Dieu em francês.
- (4) Hammudah Abdalati, «Alguns Conceitos do Islão», Lisboa, 1982/1402.
- (5) Ibid.
- (6) Suleiman Valy Mamede, «Problemática Árabe-Islâmica», Lisboa, 1983.
- (7) Abdalati, op. cit.
- (8) René Kalisky, «L'Islam, Origine et essor du monde arabe», Paris, Marabout, 1980.

Jorge Ulisses, uma poética das origens

«S e o universo é, de facto, essa esfera visionada por Pascal, cuja circunferência o espaço elege em toda a parte, e em nenhum espaço elege o centro, tem a arte, entre outras funções, a de tornar presente o invisível presente das coisas.

A escultura, desde tempos imemoriais, cabe a reabilitação da matéria, para melhor conhecer a natureza, e ao homem facultar o conhecimento de si próprio.

A intemporalidade, se acaso existe, é mais do que nunca horizonte imediato a que a contemporaneidade aspira. E é mesmo provável que a realização humana desconheça meio mais eficaz do que esse que, por inerência ao homem de hoje pertence: o de desafiar os limites do tempo.

Só a ilusão é fértil, escreve E. M. Cioran, o filósofo de La Chute dans le temps, só a ilusão é origem.

Como arte à qual a austeridade da matéria, em primeiro lugar precipita no indissolúvel confronto do espírito e do tempo, a escultura só a partir da década de 30, com a imperfeita denominação de «escultura abstracta» conheceu a possibilidade de ascender ao estatuto, que, de momento, goza, entre as outras formas de expressão artística, a que lhe permite estabelecer, dos pontos de vista ético, e estético, significações plenas de nível psicológico também de nível cósmico.

Tendo consciência desta problemática, Jorge Ulisses não forjou, de ânimo leve, a sua concepção plástica, prescindindo à partida de um saber adquirido, ou cedendo à magia do progresso técnico.

Sendo, porém, ordem e rigor os fundamentos desta poética, a potência que à sua arte preside não nos coloca perante um projecto consumado.

Assente em uma busca incessantemente (in)demonstrada, esta escultura reanima-se sem perder de vista a unidade cósmica, que é toda a sua razão de ser, para mais tarde granjear um grau de autonomia que a recorrência, quase obsessiva, à dinâmica dos quatro elementos acentua.

Digamos que o faz diversificadamente, primeiro para cada momento conquistado dissolver «a posteriori», deixando atrás de si uma luminosidade auroral, iniciática, de estruturas e ritmos e símbolos, a que as formas circulares emprestam esse movimento pendular de quanto, a um tempo, nasce para servir o espírito e a matéria.

Busque o observador, nas assimetrias o dinamismo; nas formas ovóides, o relacionamento biomórfico, e toda a fruição será completível, o mesmo é dizer: total.

Mas outros aspectos merecem estudo.

Conciliando diferentes naturezas — a água que uma presença quase constante de fonte aproxima do fogo, e os arquétipos, cuja função preponderante é direccionar fluências anímicas — desta escultura nos fica uma ideia a de que o princípio e o fim, como dizia Kandinsky, unem-se para, no mesmo momento desaparecer.

Por isso, me parece que uma força latente, originária, quase nascida à margem do seu eu, com toda a energia que se requer primeira, autêntica, vem sendo a via de conhecimento que melhor se



ajusta à criação escultórica de Jorge Ulisses.

Elevadamente harmoniosa como essa música que, à distância de séculos, em geometria oceânica moldou o espírito grego, e que por certo seria excessi-

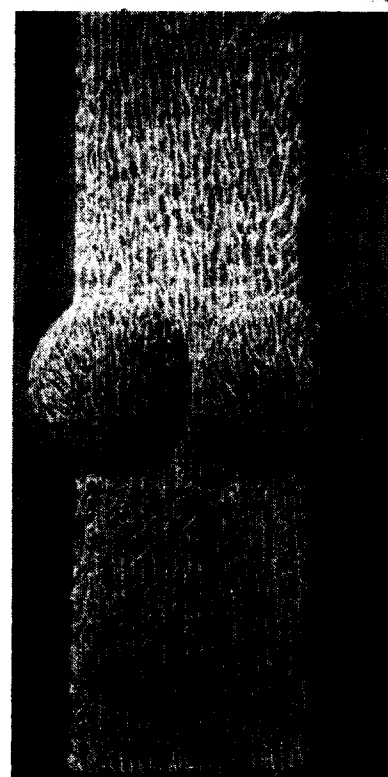
vo deixar transparecer, é na fluente sensualidade dos bronzes, apre (e)ndida em Jean ARP, nos polimentos contidos de um Brancusi, e na animação do espaço legivelmente humano de um Henry Moore, de uma Barbara

Hepworth, que a obra do escultor conquista o seu universo. Um universo em que o tempo não direi apesar da matéria, mas amorosamente, através da matéria, em nós se torna presente, porque em nós desperta o mais humano desejo de ser.

Ao contrário de Montaigne que ao espírito da época, no ego enraizara a matéria da sua obra, penso que é na vida, na vida potencialmente vivida que o escultor do homem faz matéria da sua própria obra.

Porque presentificação de origens, não será exagerado admitir, destino humano. Porque transposição no tempo (Ícaro transcende a condição humana, atravessando o fogo) penso bem mais do que isso: destino cósmico.

Vergílio Alberto Vieira



Esculturas de Jorge Ulisses, Galeria Sargadelos, Barcelona, até 23 de Maio

A crise em dia

H Á uma ideia-kitsch de invenção recente, muito made in USA, segundo a qual os artistas são uns sujeitos que levam uma vida bestial, sexo, champanhe, apartamentos em Odivelas e assim por diante. Tal rumor é tão verdadeiro quanto falso, isto é, tanto dá como se deu, por vezes acerta, mas quando o faz é ao calhas, por acaso.

Pelo mui simples acaso de que, hoje em dia, de facto há gente do espectáculo que vive «bem-com'ó-caraças», porque o show se tornou business. E é verdade que, à parte a SIDA e o herpes, tudo temos nós, comuns mortais, a invejar às estrelas de Hollywood.

Showbusiness

E não só Hollywood, também Picasso, e Lennon. E até o bom Vincent Van Gogh já vê os seus quadros vendidos por cinco milhões de dólares. Tudo bem, é a vida.

É a vida, mas qualquer destas três pessoas está morta. E a sua morte não tem nada de invejável. Suponho.

Há tempos, quando da entrega de um

prémio a Lobo Antunes, o entrevistador perguntava-lhe, verrinoso, se o escritor achava que ia continuar a ser lido daí a cinquenta anos. Lobo Antunes deu a única resposta possível: riu-se e disse que se estava nas tintas para a posteridade. Que daí a esses anos todos estaria morto e enterrado, e o resto era conversa fiada.

E mais podia acrescentar: que nada lhe garantia que «a posteridade» fosse mais justa ou menos injusta que a actualidade. Que essa história do A HISTÓRIA FARÁ JUSTIÇA era uma parvoíce pegada, dita por líricos ingénuos ou por mal intencionados convictos.

(Aliás, foi Einstein quem observou que, se a bomba atómica é tecnicamente mais avançada que uma físga, a utilização que fazemos de qualquer das duas não difere em quase nada. O resto é conversa enfiada).

Houve homens inteligentes que, em plena Idade Média, escreveram «O Elogio da Loucura» e outras páginas sobre a sociedade dos homens — mais dos homens que das mulheres, é verdade, minhas senhoras, la-

La dolce vita

mento. E, a treze anos do ano 2000, ainda há quilos de indivíduos a tentar resolver os problemas da família e, já que estão com a mão na massa, também os da humanidade, à força do uso da moca de Rio Maior.

Tudo isto (também a História com agá grande e inspirado) é showbusiness.

Fernando Pessoa

Ah, sim, a glória. Camões deve-se estar a rebolar de gozo, com todas as homenagens que lhe fazem no dia 10 de Junho, que por sinal até é próximo dos meus anos. (Já agora, por que não pensar que Camões está felicíssimo por o seu dia de glória ser próximo dos meus anos?)

Pessoa, por sua vez, agora até vê os seus poemas traduzidos em catalão. Mais: até já vê os seus «Poemas Ingleses» traduzidos em português! É, de facto, uma alegria — para eles, onde quer que estejam, ou melhor, onde quer que não estejam. O Luís Vaz, que morreu pobre porque era considerado um poeta menor e a pensão que recebia não

dava nem para o passe da 3.ª idade, deve estar agora a consolar a barriga das misérias por que passou quando vivo. Ah, mas é verdade: cada vez que um estudante de liceu balbucia um seu soneto, é cá um frisson pela espinha abaixo... Que delícia, não é, Luisinho? Vá, filho, com calma, que tens a eternidade toda para te consolares. Quer dizer: a posteridade, a História.

Por sua vez, Pessoa, que levava a mais aborrecida das vidas, a quem só se conhece um namoro, e por sinal bem chochinho, tem agora a mais maior das alegrias: ver a sua imagem de entediado bebedor de café (Nabeiro-Delta, seria?) iconizada que nem um Santo Antoninho e, cúmulo dos cúmulos, ser invejada por pacotes inteiros de jovens amadores de literaturas e outras artes que, ao contrário de Woody Allen, mais do que serem o «soutien» de Raquel Welch, preferiam ser um dos heterónimos do Grande Poeta.

É a vida. É a posteridade. É a História.

Rui Zink

Retratos no Teatro

Com uns olhos pequenos e irrequitos que se movem muito, a Maria do Céu Guerra fala. Fala, e fala tanto com os olhos, como com as mãos que gesticulam muito, como com a energia que transborda. E sente-se que essa energia passou a ser um princípio. Quando não houver,

arranja-se na mesma. Ser atriz, neste caso, é apaixonar-se tanto pelos outros como por si mesma. É comunicar, dar essa energia, tentar sem descanso que algo mude nos outros. E nela própria. E no que a vida conseguir ser.

Maria do Céu Guerra

Por Manuel Cintra



SURPREENDE-ME saber que esta paixão pelo teatro não nasceu cedo, nos tempos de miúda, como aconteceu a outros actores e atrizes. Por mim, vendo-a representar agora, vendo-a falar e ser atriz agora, imaginava-a em pequenina a já gostar de o fazer. E talvez gostasse, mas não o soubesse. Mas explicame que não, que não simpatizava especialmente com o teatro nem com os actores. Que ia várias vezes ao teatro, porque os pais a levavam, mas que achava os actores enfadados, que se tomavam demasiado a sério para o papel que tinham na sociedade. O teatro deixava-a um bocado fria, não conseguia compreender que se gostasse muito. Só viria a perceber porquê quando começou, mais tarde, a fazer teatro. No fundo, aquele não era de certeza o tipo de teatro que gostaria e que ainda hoje gosta de fazer.

A descoberta deu-se mais tarde, nos tempos de faculdade. Estava naquela idade de abertura, em que se está pronto a experimentar coisas novas. Pensava então no futuro de outra maneira. Talvez em ser professora. Mas surgiu a oportunidade de integrar o grupo de teatro da Faculdade de Letras, então dirigido por Henri Frech. Montou-se «Assembleia ou partida», de Correia Garção. Foi então que a desafiaram a ir aprender teatro para a Casa da Comédia, que estava a ser dirigida pelo dr. Fernando Amado. E aí as coisas mudaram muito na sua cabeça. Foi ele, Fernando Amado, que lhe transmitiu uma noção de teatro que a levou a descobrir que se calhar, já gostava de teatro antes sem o saber. Deu-se um encontro muito importante. Descobriu que havia outra forma de encarar o teatro e que essa sim, a fazia vibrar de outra maneira, e que nada tinha a ver com a sensação que tinha do teatro que costumava ver. Oíço-a falar-me disso e lembrando-me de outras pessoas que já me falaram de Fernando Amado, particularmente Manuela de Freitas, em entrevista nestas páginas há semanas atrás, vou descobrindo, eu que não o conheci, a importância extraordinária que teve para todos os que com ele trabalharam. Foi pouco depois que a Casa da Comédia funcionou pela primeira vez, no espaço que hoje ocupa, e que era na origem: uma carvoaria: Montou-se a peça «Deseja-se mulher», de Almada Negreiros.

— Foi uma experiência inesquecível. E depois disso, comecei a gostar muito de fazer teatro, exactamente porque o dr. Amado tinha do teatro uma concepção que eu depois vim a perceber que era coincidente com a minha, ou seja: o teatro é uma actividade muito importante, porque é libertadora, porque é lúdica, porque é divertida, porque tem uma carga transformadora quer nas pessoas que o fazem como naquelas que assistem, e aquelas que fazem teatro estão normalmente presas num sonho que é mudarem um pouco as coisas, e a

vida das pessoas, e a sua mentalidade, e aquilo que encontrarem...

Fala-me então da importância de ser atriz. Da alegria de se entregar a uma actividade que não é, em primeira análise, «de primeira necessidade», mas que pode ser tão importante para a vida das pessoas. Da capacidade de representar e de errar, da margem de erro que há em cada espectáculo, e da felicidade que é viver com esse erro e entregá-lo às pessoas. Para ela, e nos trabalhos que tem feito nos últimos anos com A BARRACA, é importante que haja uma pequena margem de improvisação depois de criada a base na qual o espectáculo assenta. Ou seja, é preciso que seja vivo, que o grupo de actores, ao funcionar em sintonia, possa fazer com que cada representação seja diferente, possa despoletar no público reacções diferentes, transporte uma veracidade muito forte. Por isso, volta-se um pouco contra certo tipo de teatro mais solene, com certo tipo de leis e de rigor que eliminam, a seu ver, essa característica. Fala também do medo terrível que tem de que alguma coisa falhe durante os primeiros tempos em que um espectáculo está em cena, do tempo que demora até sentir mesmo essa felicidade que acaba por sentir a representar. É também da contradição que há entre aquilo que ser actor tem de colectivo, tanto em relação aos outros actores como ao público, e de solitário também. Aquilo que faz que quanto mais entrega houver, quanto mais se conseguir dar ao público, mais só se acabe por estar. Mas parece-me que esta mulher já criou uma maneira especial de estar só. Neste momento, por exemplo, em que fala, é raro falar exclusivamente em seu próprio nome. Refere-se quase sempre aos actores em geral, como se falasse em nome de todos eles, da maneira como os vê. E especialmente, em nome da A BARRACA, grupo onde trabalha há tantos anos, e não se dirigindo se calhar só a mim, mas ao público em geral que parece estar ali presente. Ao mesmo tempo anónimo e objectivo. Explicame a que ponto é difícil quando se

sente que um espectáculo não resultou inteiramente e que o público não adere. A que ponto é importante para ela sentir essa comunicação com o público. E que por isso, foi ganhando um gosto importante pelo êxito. Gosta de resultar como atriz, de sentir que estão a gostar. Que despoletou mecanismos nas pessoas, que aquilo que entregou lhes alterou qualquer coisa.

Lembro-lhe que A BARRACA tem feito, com alguns dos seus espectáculos, um trabalho de digressão importante, levando-os a outras terras, a outros públicos. Explica-me que gosta muito de mudar de público, embora nem sempre goste de mudar de espaço, pois uma vez um espectáculo preparado, nem todos os espaços o vêm favorecer. De qualquer modo, são muitas vezes fonte de grandes alegrias os obstáculos que surgem nesse trabalho de adaptação, e obrigam cada elemento, do grupo, a sentir bem o espectáculo, a pô-lo em causa, a torná-lo vivo de uma maneira diferente por o espaço ser diferente. E fala-me do fascínio que é ver reacções diferentes e inesperadas de públicos diferentes. Conta-me que isso aconteceu recentemente com CALAMITY JANE, espectáculo que foi possível transportar a vários espaços. E que mesmo quando menos se esperava, as reacções do público eram sempre diferentes e surpreendiam.

— Curiosamente, o teatro tem um tal efeito revolvante nas pessoas que mesmo nos sítios que nós sabemos mais conservadores, quando aparece um espectáculo que propõe liberdade, as pessoas aderem, até na proporção em que são reprimidas elas próprias. Explodem de uma maneira completamente diferente daquilo que poderíamos esperar.

Mas voltando atrás, peço-lhe que me resuma o seu percurso até à formação d'A BARRACA. Depois de ter deixado a CASA DA COMÉDIA, numa altura em que o dr. Fernando Amado começou a estar menos presente por razões de saúde, vindo pouco tempo depois a falecer, seguiu-se o TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS, onde trabalhou durante sete anos, a partir da sua formação. Guarda desse período lem-

branças muito importantes, tendo gostado particularmente de participar em ESOPAIDA, de António José da Silva, e A CASA DE BERNARDA ALBA, de Garcia Lorca, com encenação de Carlos Avilez.

Foram anos muito importantes, em que o TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS era aquele local em que se fazia um teatro diferente. Mas ao fim de sete anos sentiu que a companhia tinha adquirido um peso diferente, e que uma certa rotina, até de público, se tinha instalado, decidindo sair. Queria experimentar o grande público. Entrou então em três revistas, aventura que ainda hoje lhe parece estranha, pois embora tenha tido sucesso, ainda agora não sabe explicar muito bem como foi. Pensava, à partida, que não teria jeito, mas pareceu resultar. O caso é que se hoje fosse tentar de novo, teria de novo a sensação de não saber.

Seguiu-se um período em que passou por várias experiências soltas, das quais O TARTUFFO de Molière, no Vilaret, e uma nova passagem pela Casa da Comédia. Deu-se entretanto o 25 de Abril, a seguir ao qual se formou A BARRACA, cujo primeiro espectáculo, A CIDADE DOURADA, consistiu numa criação colectiva, com base num texto colombiano, e sob orientação de Fernanda Alves.

E foram, então, quinze anos com A BARRACA, até hoje. Grupo que, como acima referi, parece fazer tanto parte dela, que muitas vezes não fala sequer em seu próprio nome. E no qual, como é sabido, tem lutado, ao lado de Hélder Costa, e com todos os que nele têm participado, por uma continuidade por vezes atravessada de difíceis momentos de sobrevivência, com problemas raramente apoiados pelos sucessivos governos, um dos quais o do próprio espaço do grupo na Alexandre Herculano, que não tem, actualmente, as condições mínimas de funcionamento. Mas olhando para trás, para essa luta, diz que se sente largamente recompensada. Que tem a sorte de chegar ao fim de cada ano e achar que o balanço é positivo.

No entanto, queixa-se do tempo que não tem sobrado para si. É uma pessoa que precisa de tempo para si própria, para reflectir, para descansar para poder receber a criatividade dos outros, dos pintores, dos poetas daqueles que fazem outros ingredientes tão importantes para ela poder estar viva e então transmitir essa vida aos outros. E sente que A BARRACA às vezes a asfixia, lhe tem tirado esse tempo.

E de repente reparamos que já são quase horas de jantar e que é preciso interromper ali esta conversa. Que daqui a pouco vai ter espectáculo e que o tempo é pouco. Já na escada, ainda me faz parar uns minutos para me falar entusiasmada do espectáculo agora em cena, O DIABINHO DA MÃO FURADA, de como procurou a personagem, de como ela veio a ser diferente do que imaginava, de como o teatro, mais uma vez, a surpreendeu. Está viva, está com o seu ar maroto, esperto, divertido. E daí a pouco estará outra vez só em cena. Só, e com todos os outros.

Mensagens Pessoais

Compro estirador

Compra-se estirador de desenho de preferência em madeira.
Contacto pelo tel. 313975.

Jovens artistas

Precisam-se de jovens artistas para actuar em espectáculos de beneficência.

Todos os jovens até aos 16 anos que queiram preencher a primeira parte destes espectáculos que se realizam em Lisboa e arredores, seja como cantores, ou instrumentistas (viola, órgão, violino, etc.) devem contactar o tel. 646622.

Grupo-Convívio

Desejamos formar grupo pessoas entre 35-55 anos com interesses culturais para idas colectivas a passeios, cinemas, exposições, debates. Agradecemos respostas só por escrito para Manuela Martins, Pta. D. João II — n.º 7-5.º Dto. 2795 Carnaxide.

Cama de castanho

Vendo uma cama em madeira de castanho (maciça) de cor clara e de pessoa só. Uma cómoda e guarda-fato de casal iguais, como novos.
Um secador de roupa não eléctrico.
Vendo tudo barato. Tel. 898336

Central termoelectrica

Vendo ou alugo grande armazém óptimo para empresas empenhadas em trabalhos na Central Termoelectrica de Pego-Abrantes.
Informa o Apartado-28 de Abrantes ou o tel. 31298.

Fonte da Madalena

LIVRO, «Fonte de Madalena», Rogério Gonçalves. Alentejo, Douro. Acção militante. Problemas Humanidade. Envie 225\$, ajuda edição autor. Dedicatória. Se é Madalena, tem oferta. Mas diga que sabe sobre Alves Redol. Apartado 1333-1009 Lisboa Codex.

Discos

Vendo Lp's e singles em bom estado e em bom preço. Contactar para: R. República n.º 24 — 2.º Dt.º — 2670 Loures. Telefone: 9830582.

Gay

Revistas, posters e slides «gay» e outras afins, num total de 70 unidades, 3 000\$00, Telef. 801782.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.